

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ALEXSSANDER DA SILVA LOPES

**UMA IGREJA QUE CANTA, TOCA E CRESCE: PRINCÍPIOS PARA O
MINISTÉRIO DE MÚSICA NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO A PARTIR DA
IDENTIDADE LITÚRGICO-MUSICAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS**

São Leopoldo

2016

ALEXSSANDER DA SILVA LOPES

**UMA IGREJA QUE CANTA, TOCA E CRESCE: PRINCÍPIOS PARA O
MINISTÉRIO DE MÚSICA NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO A PARTIR DA
IDENTIDADE LITÚRGICO-MUSICAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Espiritualidade,
Música e Mídia

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864u Lopes, Alexssander da Silva
 Uma igreja que canta, toca e cresce : princípios para o ministério de música no pentecostalismo brasileiro a partir da identidade litúrgico-musical da Assembleia de Deus / Alexssander da Silva Lopes ; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.
 119 p. ; 31 cm

 Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

 1. Música nas igrejas. 2. Ministros da música nas igrejas. 3. Igrejas pentecostais – Brasil. 4. Assembleia de Deus – Liturgia. 5. Música sacra – Assembleia de Deus. I. Adam, Júlio César, 1972- . II. Título.

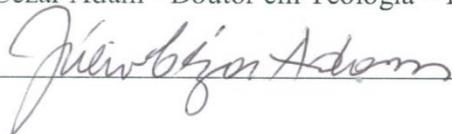
ALEXSSANDER DA SILVA LOPES

**UMA IGREJA QUE CANTA, TOCA E CRESCE: PRINCÍPIOS PARA O
MINISTÉRIO DE MÚSICA NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO A PARTIR DA
IDENTIDADE LITÚRGICO-MUSICAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS**

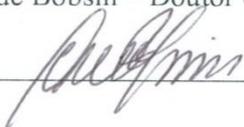
Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Espiritualidade, Música e
Mídia

Data de Aprovação: 21 de julho de 2016.

Júlio César Adam - Doutor em Teologia – EST (Presidente)



Oneide Bobsin – Doutor em Ciências Sociais – EST



DEDICATÓRIA

À militância aguerrida e anônima de cantores(as), musicistas e regentes que tem contribuído para que sua igreja cante, toque e cresça.

AGRADECIMENTOS

Por que Deus nos desafia a projetos que estão acima de nossas capacidades intelectuais, emocionais, financeiras, físicas...? Essa pergunta me acompanhou durante todo o processo de seleção, estudo, pesquisa e elaboração. Ao encerrar essa etapa, analisando esse processo de (des)construção, concluo que esses desafios são fundamentais para que: (1) reconheçamos nossa insuficiência; (2) acreditemos nas nossas possibilidades; (3) creditemos toda a glória a Deus; e (4) sejamos mais gratos às pessoas que Ele coloca ao nosso lado como agentes de sua graça para nos ajudar a superarmos nossas incapacidades e desenvolvermos nossos potenciais. Por isso, tributo o meu louvor a Deus e a minha gratidão a todas as pessoas que foram instrumentos Dele para que esse trabalho se tornasse possível. Em especial, minha amada esposa, Roberta, e meus filhos Kaleb, Isaac e Asaph (que nasceu nesse período) – lar, amparo, fortaleza. Minha querida mãe, Regina, bem como toda família Bomber, meu pai Celedo (recolhido à glória durante o mestrado), meu/minha sogro(a), Jorge Francisco e Iva Veni – família, apoio, encorajamento. Estendo, também, meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Júlio César Adam – essencial nesse processo –, bem como aos demais professores e colegas do mestrado profissional dessa linha de pesquisa (Espiritualidade, Música e Mídia). Por fim, agradeço a minha igreja (Assembleia de Deus), na pessoa do meu pastor, Carlos Diolci Azeredo, pelo apoio e, principalmente, pela liberdade de poder refletir criticamente. E a todos os demais amigos, companheiros e líderes que foram fundamentais para minha formação musical, teológica, ministerial e pessoal, como: Prof. Orlando Oliveira, Pr. Joel de Amorim, Pr. Luiz Antônio Rodrigues da Luz (in memoriam), Pr. Osvaldo Ibaldo, Ev. Carlito Teixeira e Pr. Miguel de Ávila Sobrinho, dentre vários outros.

RESUMO

A Assembleia de Deus se destaca no cenário religioso brasileiro pela sua história, sua musicalidade e seu crescimento. Uma igreja centenária, considerada a matriz do pentecostalismo brasileiro. Uma comunidade musical, reconhecida como um celeiro de cantores(as) e musicistas. Uma denominação em expansão, constatada como a maior igreja evangélica do Brasil e a única de extensão nacional que ainda cresce. Como entender esta relação história-musicalidade-crescimento num período religioso marcado pela tendência de se libertar das tradições e pela revolução da música evangélica midiática? É possível uma igreja manter sua identidade litúrgico-musical e ainda permanecer crescendo? Movido por essa investigação, esta pesquisa inicia buscando entender o fenômeno Assembleia de Deus - uma análise de sua brasilidade, concepção de comunidade, tradições, transformações, fragmentações e liturgia, na tentativa de identificar algumas peculiaridades que possam definir uma identidade assembleiana em meio a sua pluralidade. A seguir, é exposta a musicalidade dessa igreja, iniciando com um retorno às suas origens musicais e litúrgicas - a história de uma igreja fundada numa prática musical revolucionária que se tradicionaliza, sacralizando seus modos, em defesa de uma suposta identidade, e que se pulveriza, alcançando hoje os extremos de uma liturgia petrificada e de um “culto show”. A partir dessa historicidade, a pesquisa amplia sua discussão, analisando a “música na igreja”, percebendo a falta de reflexão em meio a tanta atividade musical. A concepção de música como ministério e suas dimensões, a ausência de uma “teologia da música” e sua problematização, questões de sacralidade, com seus parâmetros e critérios, e o *movimento gospel*, com suas tendências e desafios, são temas analisados na sequência do trabalho. Em conclusão, as características principais da identidade litúrgico-musical da Assembleia de Deus são estabelecidas, e princípios para o *Ministério de Música* no pentecostalismo brasileiro são propostos.

Palavras-chave: Assembleia de Deus – Pentecostalismo Brasileiro – Liturgia – Música Eclesiástica – Ministério de Música – Teologia da Música – Sacralidade

ABSTRACT

The Assembly of God stands out in the Brazilian religious scenario due to its history, its musicality and its growth. A centennial church, it is considered the matrix of Brazilian Pentecostalism. It is a musical community recognized as a storehouse of singers and musicians. It is a denomination in expansion, considered the largest Evangelical church of Brazil and the only one of national expanse that is still growing. How to understand this relation history-musicality-growth in a religious period marked by the tendency of liberating oneself from the traditions and by the revolution of mediatic Evangelical music? Is it possible for a church to maintain its liturgical-musical identity and still continue growing? Moved by this investigation this research begins seeking to understand the phenomenon Assembly of God – through an analysis of its Brazilianness, of its concept of community, traditions, transformations, fragmentations and liturgy in an attempt to identify some peculiarities which could define an Assembly identity in the midst of its plurality. Following the musicality of this church is presented beginning with a return to its musical origins and liturgies – the history of a church founded upon a revolutionary musical practice which becomes traditionalized, sacralizing its ways in the defense of a supposed identity and which is pulverized, reaching today the extremes of a petrified liturgy and of a “show worship”. Based on this historicity the research broadens its discussion analyzing the “music in the church”, perceiving the lack of reflection in the midst of so much musical activity. The conception of music as ministry and its dimensions, the lack of a “theology of music” and its problematization, issues of sacredness, with its parameters and criterion, and the Gospel movement with its tendencies and challenges are themes which are analyzed in the sequence of the work. In conclusion, the main characteristics of the musical-liturgical identity of the Assembly of God are established and the principles for the Ministry of Music in Brazilian Pentecostalism are proposed.

Keywords: Assembly of God – Brazilian Pentecostalism – Liturgy – Ecclesiastical Music – Music Ministry – Theology of Music – Sacredness

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Contextualizando	12
Problematizando	14
Definindo o objetivo e justificando a pesquisa	15
[1º] <i>Resistente crescimento de uma igreja tradicional</i>	15
[2º] <i>Reconhecimento da AD como “matriz pentecostal brasileira”</i>	15
[3º] <i>Contribuição desta igreja à cultura musical da nação brasileira</i>	16
[4º] <i>Motivações pessoais, religiosas e profissionais</i>	17
[5º] <i>Escassez de pesquisas neste âmbito</i>	18
Ampliando as questões e delimitando o problema	18
Estado da arte	19
Resumo da pesquisa	20
1 IDENTIDADE ASSEMBLEIANA: O QUE É ISSO?	22
Introdução	22
1.1 Em busca de uma identidade	25
1.1.1 <i>Identidade ou conservadorismo?</i>	25
1.1.2 <i>Tradição assembleiana</i>	28
1.2 Transformação e fragmentação	30
1.2.1 <i>Uma igreja carismática, tradicional ou burocrática?</i>	31
1.2.2 <i>Assembleias de Deus: pluralismo singular</i>	32
1.3 Identidade litúrgica	33
1.3.1 <i>Liturgia Pentecostal</i>	34
1.3.2 <i>Liturgia Assembleiana</i>	35
Conclusão	38
2 ADORAÇÃO COMUNITÁRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS: “UM CELEIRO MUSICAL”	39
Introdução	39
2.1 AD e sua Música Congregacional	42
2.1.1 <i>Harpa Cristã: “patrimônio cultural da AD”</i>	44
2.1.1.1 <i>Preservando a identidade teológica</i>	44
2.1.1.2 <i>Finalidades controversas</i>	46
2.1.1.3 <i>Propagando a fé pentecostal</i>	46
2.1.1.4 <i>Jubilação do hinário</i>	47
2.1.2 <i>“Corinhos” e “cânticos de louvor e adoração”</i>	48

2.1.2.1 “Corinhos” do “Cantor Pentecostal”	49
2.1.2.2 Distinção entre “corinhos” e “cânticos de louvor e adoração”	50
2.1.2.3 Momento de “louvor e adoração”	51
2.2 AD e sua Música de Performance	52
2.2.1 Performance vocal	52
2.2.2 Performance instrumental	54
2.2.3 Congregacionalização – ou mediação – da música eclesiástica brasileira e suas implicações na cultura performática assembleiana	56
Conclusão	57
3 MÚSICA NA IGREJA: MUITA ATIVIDADE, POUCA REFLEXÃO	59
Introdução	59
3.1 Ministério de Música: um serviço eclesiástico ainda marginalizado	60
3.1.1 Música como ministério	61
3.1.1.1 Redefinindo o termo	62
3.1.1.2 Ministério de Música na AD	63
3.1.2 Dimensões e ações do Ministério de Música	65
3.1.2.1 Dimensões verticais e horizontais	66
3.1.2.2 Ações fora e dentro do momento litúrgico	67
3.2 Teologia da Música: um tema da periferia teológica	69
3.2.1 A “lucifernização” da música e seus efeitos numa “teocracia”	70
3.2.1.1 O mito e suas problematizações	71
3.2.1.2 A “teocracia” assembleiana	72
3.2.1.3 Como lidar com o “mal necessário”?	72
3.2.2 Dicotomismo sacerdotal evangélico	73
3.2.2.1 Resgatando os princípios do sacerdócio levítico	74
3.2.2.2 Confundindo os princípios do sacerdócio universal	74
3.2.2.3 Aumentando o conflito	75
Conclusão	75
4 PARADIGMAS DE SACRALIDADE NO CENÁRIO PENTECOSTAL BRASILEIRO: ANTIGAS DISCUSSÕES EM MEIO A NOVOS DESAFIOS	78
Introdução	78
4.1 Música Sacra: uma discussão inconclusiva	79
4.1.1 Parâmetros para Sacralização: existem?	80
4.1.1.1 Buscando padrões bíblicos	80
4.1.1.2 Sacralidade funcional	82
4.1.2 Tradicionalismo Musical Eclesiástico: bênção ou maldição?	84
4.1.2.1 Identidade e teologia versus missão e inculturação	84
4.1.2.2 Recontextualização das tradições: modelo protestante e avivalista	86

4.2 Movimento Gospel: novos desafios à sacralidade	87
4.2.1 O gospel brasileiro e suas transformações unilaterais	89
4.2.1.1 Ampliando as questões	89
4.2.1.2 Retornando às antigas discussões.....	91
4.2.2 Atendendo demandas e descaracterizando identidades	91
4.2.2.1 Insatisfação dos “sub-grupos do laicato”	92
4.2.2.2 Tendências preocupantes	93
4.2.2.3 Proposições possíveis.....	94
Conclusão	95
CONCLUSÃO	97
Revisão histórica da pesquisa: resumo e considerações	98
A. <i>Origem revolucionária: um carisma missionário, com um fervor reverente, em meio a uma pluralidade musical</i>	98
B. <i>Processo de transformação: tradicionalismo, sacralidade litúrgico-musical e revoluções</i>	100
Conceitos, considerações e propostas	101
A. <i>Música e ministério</i>	101
B. <i>Música e teologia</i>	103
C. <i>Música e sacralidade</i>	104
D. <i>Música e mídia</i>	105
Princípios para o <i>Ministério de Música</i> do Pentecostalismo Brasileiro, a partir da identidade litúrgico-musical percebida na Assembleia de Deus do Brasil	106
<i>Princípio distintivo 1: Compromisso teológico</i>	107
<i>Princípio distintivo 2: Ardor evangélico</i>	108
<i>Princípio distintivo 3: Fervor comunitário</i>	109
<i>Princípio distintivo 4: Diversidade cultural</i>	109
REFERÊNCIAS	111
1. Livros e trabalhos acadêmicos	111
2. Publicações periódicas e documentos obtidos por meio eletrônico	115

INTRODUÇÃO

Contextualizando

“A grande transformação do campo religioso brasileiro” foi matéria de capa da revista do Instituto Humanista Unisinos (IHU),¹ em agosto de 2012. Nessa edição, pesquisadores e especialistas nas áreas da ciência e antropologia social e da religião expuseram suas análises sobre o novo cenário religioso do país, com base no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).²

Mesmo com uma pequena queda, o Cristianismo ainda figura o percentual de 86,8% da população brasileira, enquanto as demais religiões somam 5% e os sem religião, que seguem num crescente, atingem 8% dos brasileiros. No entanto, José Lopes prevê que “as religiões no Brasil tendem a compor futuramente um campo complexo e difuso de filiações e trânsitos entre elas, com tendências ao acirramento da concorrência religiosa”.³ Faustino Teixeira apresenta “a transitoriedade da adesão religiosa” como “uma marca” desse tempo, e assegura que, em busca de significado para a vida, as pessoas transitam entre as religiões, que, por sua vez, têm o potencial de situá-las ou integrá-las num quadro de significado, “favorecendo um referencial importante para a construção e manutenção da identidade”.⁴ Leonildo Campos salienta a “continuada queda dos números do catolicismo nos últimos 40 anos” e o aumento expressivo dos evangélicos, que cresceram 61%, nessa última década.⁵ Resultado que foi marcado - sobretudo - pelo crescimento dos pentecostais, que passaram de 15,4% para 22,2% da população brasileira, atingindo o total de 25,3 milhões.⁶ Sem contar a categoria “evangélicos sem determinação de denominação” - representando 21,8% dos evangélicos em geral – que, embora o IBGE não afirme o que de fato significa esse grupo, alguns

¹ A GRANDE Transformação do Campo Religioso Brasileiro. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 2.

² Censo de 2010, publicado em 2012.

³ LOPES, José Rogério. As religiões segundo os dados do Censo 2010: desafios e perspectivas. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 18-21.

⁴ TEIXEIRA, Faustino. O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 15.

⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Novo mapa religioso brasileiro: Algumas características. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 8.

⁶ TEIXEIRA, 2012, p. 14.

atribuem grande parte desse percentual a evangélicos pentecostais,⁷ devido ao crescente fenômeno de pulverização dessas denominações.

Ao analisar especificamente o pentecostalismo brasileiro, Cecília Mariz registra que os dados do Censo 2010 apontam a Assembleia de Deus (AD) como a “denominação pentecostal que mais cresce, ou que ainda cresce”, enquanto várias outras denominações dessa linha caíram em termos percentuais, como a segunda maior denominação pentecostal, a Congregação Cristã do Brasil (CCB).⁸ Renata Menezes destaca como “surpresas” desse censo, o decréscimo do número de membros da Igreja Universal do Reino de Deus e o crescimento expressivo da AD. Segundo a pesquisadora, esses dados são de extrema relevância, para que os evangélicos pentecostais não sejam tratados “em blocos, de modo unívoco”, sem destacarem a “riqueza da sua diversidade interna”, bem como as suas “diferentes modalidades de agregação e pertencimento compreendidos por essa identidade religiosa”.⁹ Teixeira também faz menção da AD em sua entrevista, salientando seu constante crescimento e sua presença em todos os cantos do país. Atualmente, é a igreja evangélica mais numerosa no Brasil, com 12,3 milhões de adeptos, seguida de longe pela Igreja Batista que congrega 3,7 milhões e a CCB, com 2,2 milhões de fiéis.¹⁰

Deparando-se com os dados que confirmam o decréscimo dos evangélicos de missão e o crescimento dos evangélicos pentecostais, Pierre Sanchis destaca como um dos “grandes problemas” vigente a “relação do indivíduo com a instituição que lhe propicia uma identidade religiosa”. Ele assegura que a tendência predominante hoje é da pessoa se libertar da “tradição, do dado, da identidade recebida”, buscando, pelo menos, “reencontrar suas grandes linhas para recriá-las numa versão sua”.¹¹ O que o censo não apresenta, e por esse motivo talvez o sociólogo não pontue, são as transformações ocorridas dentro das próprias igrejas pentecostais que, na busca de sua perpetuação, tendem a se rotinizar, gerando tradições próprias – como no caso da AD. Essa tendência de libertação da “identidade recebida” também tem sido evidenciada nesses contextos que outrora

⁷ MARIS, Cecília Loreto. Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 22.

⁸ MARIS, 2012, p. 22-23.

⁹ MENEZES, Renata. Censo 2010, fotografia panorâmica da vida nacional. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 10-13.

¹⁰ TEIXEIRA, 2012, p. 17.

¹¹ SANCHIS, Pierre. Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 5-7.

eram revolucionários – devido às suas dominações carismáticas – e hoje vêm se tradicionalizando, gerando constantes tensões, transformações, *trânsito religioso* e fragmentações.

Ao analisar as tendências religiosas das novas gerações, Sanchis também assinala a “mudança cultural de clima na expressão musical”, tanto nos grupos católicos, como, principalmente, nos grupos jovens evangélicos. Segundo a sua análise, “a modernidade entrou pela música, pretendendo transformar ou confirmar as atitudes”. Ele assegura ainda que os resultados desse último censo não seriam os mesmos sem o que chamou de “misticismo sonoro”, e que o crescente movimento comercial dos CDs evangélicos no país cria uma expectativa ainda maior de transformação.¹²

Problematizando

Se a tendência religiosa brasileira aponta para uma libertação da tradição e essa busca por ressignificação perpassa, e muito, por questões musicais, como a AD - hoje centenária e, portanto, tradicionalizada - está lidando com essa tensão litúrgico-musical? O seu crescimento se mantém porque ela vem na *contramão* da tendência apontada por Sanchis? Ou os responsáveis pela música dessa denominação estariam recriando suas linhas em busca de versões contextualizadas? Como é o culto, o canto e a música dessa denominação? Há características distintivas e gerais ainda hoje nessa denominação que continua crescendo? É possível definir uma identidade assembleiana nacional? Qual seria a sua concepção de comunidade, de culto, de ministério, de sacralidade? E como essas concepções se relacionam como a sua prática litúrgico-musical? Como a AD brasileira pensa e organiza o seu *Ministério de Música*? Quais as suas dimensões? Como se dá a relação pastores e músicos nesse contexto? E qual é a concepção teológica-musical dessa denominação?

¹² SANCHIS, 2012, p. 7.

Definindo o objetivo e justificando a pesquisa

A partir desses questionamentos, esta pesquisa se propõe a refletir criticamente sobre a música eclesiástica da AD, a fim de estabelecer princípios para o *Ministério de Música* no pentecostalismo brasileiro. Seu objeto – música na AD – foi escolhido por cinco razões principais:

[1º] Resistente crescimento de uma igreja tradicional

O crescimento dessa denominação tradicional num período caracterizado pela tendência à libertação de tradições e identidades recebidas, onde a música é fundamental nesse processo de recriação de uma identidade alternativa, é no mínimo intrigante.

Sendo a AD uma igreja centenária ainda em pleno crescimento – tradicional e missionária –, é natural que ocorram conflitos culturais em sua comunidade. Por ser uma igreja pentecostal clássica num período de neopentecostalismo,¹³ os embates se intensificam. As tensões entre transcendência e imanência, emoção e razão, internalidade e externalidade, adoração e edificação, planejamento e espontaneidade, tradição e relevância, especialização e autenticidade, exortação e evangelização, evento e rotina, ministério e profissão, fazem parte das dialógicas constantes do fazer musical da AD.¹⁴

Torna-se fundamental um resgate histórico-teológico dos princípios aculturais que deram origem e promoveram o crescimento da AD no Brasil, em busca de uma identidade confessional que defina - ou redefina - os seus princípios litúrgico-musicais.

[2º] Reconhecimento da AD como “matriz pentecostal brasileira”

Essa denominação evangélica constitui-se na principal igreja pentecostal brasileira, não apenas por ser a maior, mais por ser a mais influente. Gedeon Alencar, um dos principais referenciais teóricos dessa pesquisa, considera a AD a

¹³ Usando a classificação de Ricardo Mariano, que “dividiu o pentecostalismo brasileiro em três vertentes, demarcando suas genealogias, seus vínculos institucionais, delineando suas principais características, confrontando suas diferenças e semelhanças, estabelecendo suas distinções”. ARAUJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. p. 584-585.

¹⁴ As nove primeiras tensões são abordadas por Bob Kauflin como “tensões saudáveis” dentro do contexto musical eclesiástico. KAUFILIN, Bob. **Louvor e Adoração**. Curso Vida Nova de Teologia Básica. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 187-246.

“matriz” dos demais movimentos pentecostais no Brasil. Mesmo que seu pentecostalismo tenha vindo dos Estados Unidos e trazido por europeus, aqui ele se *abrasileirou*, gerando um jeito peculiar, único e brasileiro de ser igreja evangélica pentecostal.¹⁵ Segundo Alencar,

[...] o *assembleianismo brasileiro* mantém suas marcas inegáveis em todos os demais subcampos pentecostais: na hinologia, na estética dos templos, nos “usos e costumes”, na doutrina, na militância dos membros, no caciquismo eclesiástico, na participação política, no proselitismo evangelístico, na fenomenologia da experiência pentecostal, assim influenciando todo o movimento, até o catolicismo.¹⁶

Embora a própria AD já não possa ser estudada como um grupo homogêneo – analisada dentro de um único molde – ela continua sendo uma referência à conservação, restauração, progressão, concorrência ou negação de elementos distintivos do ideal pentecostal brasileiro.

Assim, uma vez que, segundo Russell Shedd, “a maneira como uma igreja adora, reflete a teologia da comunidade”,¹⁷ faz-se indispensável uma pesquisa sobre a adoração comunitária da AD brasileira, para que se possa entender melhor o contexto pentecostal brasileiro.

[3º] Contribuição desta igreja à cultura musical da nação brasileira

A AD vive e produz música, cantores(as) e musicistas de maneira intensa e espontânea como parte integrante de sua cultura. Ela utiliza em sua liturgia desde hinos tradicionais com um hinário oficial, os popularmente chamados “corinhos”, os “cânticos de louvor e adoração”, os conjuntos de classes e os “hinos avulsos”, até apresentações de coros, bandas de música e orquestras, nos mais diversos estilos e formações. Uma grande mobilização de ensino musical - tanto prático como teórico - se faz necessário para amparar esse ideal de culto assembleiano, com corais, musicistas e cantores(as) em todas as suas congregações, espalhadas por quase todos os bairros e vilas de uma cidade.

Com a ausência da educação musical nas escolas brasileira há mais de 30 anos, as escolas de música da AD - muitas vezes gratuitas e com instrumentos em comodato – têm, em grande medida, sustentado a cultura instrumental no Brasil. A

¹⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleias de Deus 1911-2011. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013, p. 27.

¹⁶ ALENCAR, 2013, p. 28.

¹⁷ SHEDD, Russell. **Adoração Bíblica**: os fundamentos da verdadeira adoração. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 11.

própria Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) tem salientado essa dependência em relação às igrejas evangélicas.¹⁸ E a revista *Veja* também tem registrado a importância da cultura musical da AD para a cultura musical nacional, principalmente no que se refere a instrumentos de bandas de música e de orquestras sinfônicas.¹⁹

[4º] Motivações pessoais, religiosas e profissionais

Neto e sobrinho de pastores assembleianos, este pesquisador faz parte dessa comunidade de fé desde a sua infância. Participou de escolas bíblicas e coros infantis, de adolescentes, de jovens e de adultos. Como muitos meninos e meninas dessa denominação, iniciou seus estudos sistemáticos de música num curso da própria igreja, aprendendo teoria musical, flauta doce e, posteriormente, um instrumento de sopro e de harmonia. Desde cedo, começou a assumir funções de liderança, devido, principalmente, à necessidade da comunidade que experimentava um grande crescimento numérico nas diversas faixas etárias. Ainda adolescente, foi líder de grupo vocal e professor de música no curso básico da igreja. Com dezessete anos já regia o coro de jovens. Com dezoito assumiu a regência da banda de música da igreja. Com dezenove, ainda solteiro, foi *consagrado* ao diaconato e já liderava o grupo de jovens do templo matriz em sua cidade. Sendo *separado* ao presbitério com vinte e seis anos e *reconhecido* como evangelista aos trinta e três, o autor tem servido na AD nas mais diversas áreas de atuação, trabalhando de tempo integral nessa igreja há mais de quinze anos.

Esta pesquisa poderá auxiliar os(as) inúmeros(os) cantores(as), musicistas e regentes das comunidades pentecostais brasileiras que - como este pesquisador - têm desenvolvido seu trabalho com muito ardor, mas com pouco respaldo histórico e teológico.

¹⁸ MARTINOFF, Eliane Hilário da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 23, p. 67-74, março 2010. p. 72. Disponível em: <http://repositorio.uscs.e.br/bitstream/123456789/210/2/revista23_texto8.pdf> Acesso em: 05 nov. 2014.

¹⁹ FAVARO, Thomaz. Os evangélicos dão o tom: As igrejas evangélicas tornaram-se os novos celeiros de músicos eruditos no Brasil. [S.l.]: **Veja**, ano 40, n. 22, p. 104-106, Junho, 2007. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32472?page=104§ion=1>> Acesso em: 24 mai. 2016.

[5^o] *Escassez de pesquisas neste âmbito*

Trabalhos acadêmicos sobre a vivência musical no contexto evangélico ainda são pioneiros no Brasil e na América do Sul. Enquanto existem muitos escritos sobre religião e teologia, há pouquíssimos registros sobre a hinologia dessa região e, conseqüentemente, dos demais aspectos que abrangem o fazer musical das comunidades evangélicas latinas. Assim, essa área tem sido caracterizada pela falta de reflexão, gerada pela quase inexistência de pesquisa e sistematização.²⁰

Trabalhos acadêmicos sobre a AD ainda são poucos e sobre a sua música, raridades. Um *garimpo acadêmico* foi necessário para encontrar registros e referenciais significativos e confiáveis para a compilação histórica litúrgico-musical dessa denominação tão influente na cultura e na religiosidade brasileira.

As leituras, discussões e reflexões realizadas nos módulos desse curso de mestrado profissional - que propõe as linhas de pesquisa nas áreas de espiritualidade, música e mídia - contribuíram ainda mais para dimensionar a relevância deste trabalho. Relevância que não se restringe a uma denominação, pois traz contribuições ao campo acadêmico, prático, social, cultural, religioso e profissional. Esta pesquisa poderá instigar novas reflexões nessa área que ainda carece de registro, teorização e academicismo.

Ampliando as questões e delimitando o problema

Ao pesquisar sobre a música da AD, na busca de respostas às indagações já mencionadas, outras discussões sobre música eclesial foram surgindo e sendo debatidas com outros pesquisadores, por serem consideradas relevantes ao seu objeto de pesquisa. Questões como: Música de fato é ministério? Ou ainda, o que é ministério? Existe uma teologia musical? Quem reflete sobre ela? E quais os efeitos de uma heresia teológica-musical no contexto comunitário? Existe música sacra? Quais os critérios de sacralidade? Qual a importância de uma tradição religiosa musical dentro desse processo? Como a dicotomia sacro versus profano está sendo pensada hoje no Brasil? Qual a “mudança cultural de clima na expressão musical” a que Sanchis se refere? E quais os reflexos dessa mudança nas

²⁰ EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 175-176.

Assembleias de Deus e nas demais denominações pentecostais brasileiras? Todas essas questões culminaram no seguinte problema de pesquisa: É possível uma igreja manter a sua identidade litúrgico-musical e ainda permanecer crescendo?

Estado da arte

Para tentar responder a esse problema e as demais questões que o circundam, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental. Além de livros e periódicos institucionais da AD – como, em especial, as publicações do jornal Mensageiro da Paz (MP)²¹ e o Dicionário do Movimento Pentecostal²² – o trabalho dialogou com vários outros autores e pesquisadores de temas correlacionados. Em destaque, cinco principais referenciais.

[1] As pesquisas sobre a AD brasileira de Gedeon Alencar registradas nos seus livros “Protestantismo Tupiniquim”,²³ “Assembleia de Deus”²⁴ e “Matriz Pentecostal Brasileira”²⁵ não só se constituíram como a base histórica sociológica desse trabalho, como instigaram reflexões que foram reconstruindo e direcionando a pesquisa ao longo de sua investigação.²⁶

[2] A dissertação de mestrado de Marina Correa sobre as alterações das características tradicionais da AD,²⁷ bem como sua tese publicada em 2013²⁸ sobre os ministérios, carismas e exercício de poder dessa denominação evangélica, também foram fundamentais para entender a lógica de poder assembleiano e sua transformação, sobretudo, litúrgica.

²¹ Órgão oficial de divulgação da principal convenção geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB).

²² Um compêndio sobre o pentecostalismo no Brasil e no mundo. ARAUJO, 2014.

²³ ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim**: hipóteses de (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. 3. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

²⁴ ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias de Deus**: Origem, Implantação e Militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

²⁵ ALENCAR, 2013.

²⁶ Esta pesquisa não pretende ser um tratado histórico ou teológico da AD. Só foram abordadas questões consideradas significativas para o objeto desta pesquisa.

²⁷ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus**: Um estudo a partir da igreja do Bom Retiro em São Paulo. São Paulo: PUC, 2006. (Dissertação de Mestrado)

²⁸ CORREA. **Assembleia de Deus**: ministérios, carisma e exercício de poder. São Paulo: Fonte Editora, 2013

[3] Os livros “Cantos para o culto cristão”²⁹ e “A música na igreja evangélica brasileira”³⁰ deram suporte histórico teológico para as questões relacionadas à música e à sacralidade. Uma exaustiva pesquisa de Denise Frederico sobre a tensão entre tradição e contemporaneidade observa questões históricas e teológicas desde o Velho Testamento até a atualidade.

[4] Milton de Souza Junior, além das questões relacionadas à sacralidade – ou *dessacralidade* – expostas em seu livro “Música Sacra, mas nem tanto”,³¹ traz também uma contribuição significativa a este trabalho com a sua dissertação de mestrado sobre o hinário oficial da AD.³² Em sua pesquisa ele apresenta um estudo hinológico desse hinário, analisando sua história, seus principais compositores, suas estruturas musicais, seus principais temas teológicos e destaca a sua influência direta no fenômeno de crescimento e expansão do pentecostalismo brasileiro.

[5] E Paul A. Basden, com sua ousada discussão sobre liturgia³³ - registrando as dialógicas de seis estilos de culto da atualidade, com críticas e defesas de ambas, escritas pelos próprios defensores desses estilos - traz um importante referencial crítico reflexivo aos aspectos litúrgico-musicais.

Resumo da pesquisa

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos relacionados entre si, do particular ao coletivo, buscando uma reflexão crítica a partir da música na Assembleia de Deus.

[1] O primeiro capítulo analisa o fenômeno AD - com a sua brasilidade, sua concepção de comunidade, suas tradições, sua liturgia, sua transformação ao longo dos anos e sua fragmentação - na tentativa de identificar algumas peculiaridades que possam definir sua identidade em meio a sua pluralidade. Uma comunidade

²⁹ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos para o culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. (Teses e Dissertações, 16)

³⁰ FREDERICO, Denise de Souza. **A Música na Igreja Evangélica Brasileira**. Rio de Janeiro: MK Ed., 2007.

³¹ Onde descobri o censo comum de sacralidade. SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Música sacra, mas nem tanto...**: a história das origens da música sacra no Brasil e o equívoco no conceito de sacralidade musical. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

³² SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Cantai e Multiplicai-vos...**: Estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo brasileiro. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011. (Dissertação de Mestrado)

³³ BASDEN, Paul. **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

carismática e missionária, essencialmente brasileira, gerada numa cosmovisão rural, marginal e conservadora que se tradicionaliza e se burocratiza na tentativa de se perpetuar e se distinguir frente à concorrência, e então se pulveriza, fragmentando-se em várias Assembleias de Deus - com liturgias por vezes até dialógicas - mas sem deixar de cantar, tocar e crescer.

[2] O capítulo dois registra as pesquisas sobre a música da AD, constatando que ela é indispensável à sua vida e liturgia. Mesmo ciente da impossibilidade de generalizações dentro desse contexto heterogêneo, algumas características gerais são destacadas como possíveis distintivos nesse universo musical, como o seu fervor no canto comunitário - com ênfase evangelística, doxológica e avivalista - e a sua cultura de incentivo à música de *performance* com ação comunitária - com seus “hinos avulsos”, conjuntos de classes, coros, bandas de música e orquestras.

[3] O terceiro capítulo já amplia a discussão, analisando a “música na igreja”, a partir da historicidade musical da AD, percebendo a falta de reflexão em meio a tanta atividade. A concepção de música como ministério (e suas dimensões) é dialogada com pesquisadores, teólogos e musicistas. A falta de uma teologia da música é constatada. Duas *heresias* aceitas popularmente são exemplificadas e problematizadas no contexto pentecostal brasileiro, trazendo suas repercussões na prática e na sua concepção de *Ministério de Música*.

[4] O último capítulo retoma as antigas discussões sobre sacralidade, trazidas agora para o contexto pentecostal brasileiro atual, marcado pela desconstrução da dicotomia sacro versus profano, e pela descaracterização das identidades confessionais, a partir da hegemonia midiática da chamada música *gospel*. Algumas tendências preocupantes são apresentadas e proposições possíveis são debatidas com os autores, para se tentar evitar o processo de *ignorantização*³⁴ ao novo ou ao legado.

A partir das reflexões críticas sobre esta investigação, princípios para o *Ministério de Música* no pentecostalismo brasileiro são propostos para uma possível conservação e/ou ressignificação de sua identidade, na contemporanização de sua fé e propagação de sua mensagem, tendo como “matriz” essa igreja que canta, toca e cresce.

³⁴ Neologismo do autor.

1 IDENTIDADE ASSEMBLEIANA: O QUE É ISSO?

Introdução

Num período religioso brasileiro em que a Igreja Católica ainda celebrava missas em latim, a Luterana ministrava em alemão e a Congregação Cristã do Brasil realizava seu culto em italiano³⁵ – todas com um “linguajar etéreo” e uma música “estranha com acompanhamento de um piano ou de um órgão”³⁶ –, surgia a Assembleia de Deus (AD), tipicamente brasileira, “periférica, simples e marginal”.³⁷ Fundada em 1911, em Belém do Pará,³⁸ pelos imigrantes suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg,³⁹ sem nenhum financiamento ou estratégia de uma matriz internacional,⁴⁰ a AD surge e se estabelece entre os pobres, tendo como marca a sua contextualização social.

Ela sempre foi uma igreja feita de gente que está próxima de gente; de povo que é povo para o próprio povo. É imigrante cuidando de imigrante, favelado cuidando de favelado, pobre falando para pobre.⁴¹

Tendo início com apenas vinte pessoas,⁴² num fervor carismático,⁴³ sob uma “teologia escatológica arminiana”, num “exacerbado proselitismo”, “livre das amarras

³⁵ ALENCAR, 2005, p. 57-58.

³⁶ ALENCAR, 2010, p. 139.

³⁷ ALENCAR, 2005, p. 58.

³⁸ Na verdade, em 1911 o nome utilizado pelo então movimento pentecostal que deu origem a AD no Brasil era “Missão da Fé Apostólica”. Segundo Alencar, “a adoção do nome *Assembleia de Deus* permanece uma incógnita”. O autor registra que publicações de 1917 indicavam utilização dos dois nomes e ressalta que só em 11 de janeiro de 1918 que o título Assembleia de Deus foi oficialmente registrado. ALENCAR, 2005, p. 62-64.

³⁹ O “mito fundante” desta igreja repousa sobre a sua própria teologia, com o uso de dons carismáticos como profecia, glossolalias, curas e outros fenômenos de influência sobrenatural. Seus fundadores, Gunnar Vingren e Daniel Berg, ambos jovens suecos, membros da Igreja Batista, migram para a América do Norte, em épocas diferentes e, ao participarem do avivamento pentecostal em Chicago, recebem a revelação divina para vir ao Brasil. CORREA, 2013, p. 47-51.

⁴⁰ A AD nasceu, cresceu e se estabilizou mesmo sem “financiamento estrangeiro” e “estratégias missionárias planejadas” - diferente das demais denominações evangélicas. ALENCAR, 2013, p. 113.

⁴¹ ALENCAR, 2005, p. 59-60.

⁴² Inicialmente, os missionários foram abrigados na Igreja Batista em Belém do Pará, onde começaram a pregar as doutrinas pentecostais. Segundo as versões históricas assembleiana e batista, os suecos e mais 18 pessoas foram expulsos da igreja por razões teológicas. No entanto, Alencar insinua que essa expulsão pode ter sido motivada, também, por questões políticas, uma vez que a igreja estava sem pastor, dirigida por um diácono, que articulou e conduziu a reunião de exclusão do grupo. ALENCAR, 2013, p. 56.

⁴³ “[...] tendo como base de sustentação religiosa, os milagres, as curas, as revelações proféticas por intermédio de um líder carismático na representação do sagrado como valor supremo, ao qual se

étnicas” e com uma “institucionalização anárquica”,⁴⁴ em duas décadas o pentecostalismo assembleiano espalhou-se por todo o país. Segundo a *versão pentecostal*, esse crescimento é obra do Espírito Santo,⁴⁵ “explicadas somente pelo poder de Deus”.⁴⁶ Segundo a análise da Sociologia, já havia no Brasil “uma subjacente religiosidade popular extremamente receptiva ao surgimento do pentecostalismo” e essa rápida expansão geográfica efetuou-se pelo retorno dos milhares de migrantes desempregados com a crise da borracha.⁴⁷

Ação sobrenatural ou humana,⁴⁸ certo é que desde 1950 a Assembleia de Deus tem sido a maior denominação evangélica no país,⁴⁹ atingindo “mais de 600.000% de crescimento nas primeiras quatro décadas”.⁵⁰ E, embora os dados dos últimos censos apontem um declínio significativo desse crescimento na última década,⁵¹ ela ainda é considerada uma igreja que se mantém num “inaudito vigor”.⁵² Ainda hoje é a maior igreja evangélica do Brasil, com mais de 12 milhões de adeptos, atrás apenas da Igreja Católica, que segue em queda.

Além das hipóteses místico-pentecostal e social-histórica já referidas acima, esse crescimento explosivo e constante da AD pode ser atribuído também a essa

subordinam todos os valores, a atitude e respeito, a confiança e veneração [...]” CORREA, 2013, p. 203.

⁴⁴ “As ADs nasceram dentro de uma teologia escatológica arminiana, em que a salvação é para todos; resta, portanto, engajar-se com todo afinco na divulgação de tal mensagem. Daí vem o exacerbado proselitismo. Além de livre das amarras étnicas, é também anárquica quanto à sua institucionalização: todos em todos os lugares podem pregar, cantar, profetizar e também receber a “revelação de Deus”; nas ADs, à exceção da celebração de santa ceia e batismos, os crentes podem e devem fazer todas as demais tarefas.” ALENCAR, 2013, p. 162.

⁴⁵ Segundo a revista *Ultimato*, a AD cresce por 4 motivos principais: (1) “por causa da importância dada à pessoa e à obra do Espírito Santo”; (2) “por causa do seu ardor evangelístico”, pois “a evangelização faz parte da cultura assembleiana”; (3) “por causa da oração”; e (4) “porque seus obreiros sabem falar a linguagem dos pobres e oferecem não só salvação para a alma, mas também esperança de cura para o corpo”. [S.n.]. O crescimento assombroso das Assembleias de Deus no Brasil e suas razões. **Ultimatoonline**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/o-crescimento-assombroso-das-assembleias-de-deus-no-brasil-e-suas-razoes>> Acesso em: 19 mai. 2016.

⁴⁶ CRESCE igreja pentecostal no Brasil: AD é fundada sob curas, milagres, maravilhas, conversões e lutas. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 71, n. 1388, p. 4, Junho, 2001.

⁴⁷ Uma vez que o mapa de sua expansão acompanha o mapa dos movimentos migratórios brasileiros. ALENCAR, 2013, p. 48-49.

⁴⁸ “Negar que a fé tem algo a ver com o contexto, dentro do qual ela se articula e se expressa, seria negar totalmente a responsabilidade humana de reagir e se decidir frente ao Evangelho”. HOCH, Lothar Carlos. Espiritualidade e personalidade. **Estudos Teológicos**, [S.l.], vol 23, n. 2, p.155, 1983.

⁴⁹ ALENCAR, 2013, p. 46.

⁵⁰ ALENCAR, 2010, p. 20.

⁵¹ Alencar destaca o declínio do crescimento assembleiano a partir dos últimos censos. De 1991 a 2000 foram 245% de crescimento, enquanto de 2000 a 2010 foram apenas 46%; redução de 35%. ALENCAR, 2013, p. 324.

⁵² TEIXEIRA, 2012, p. 17.

sua *brasilidade*. Pois, segundo Gedeon Alencar, “como o Brasil” a Assembleia de Deus é

[...] moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversifica (*sic.*); plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; grande, mas faccionada; barulhenta, mas calada; presente, mas invisível; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira.⁵³

E, como brasileira, a AD vive em transformação e fragmentação. Segundo o mesmo autor, “espremida entre ser uma igreja moderna ou conservadora, urbana ou rural, nacional ou estrangeira”, a Assembleia ao longo dos anos se esfacelou, assumindo múltiplas vertentes, por inúmeras razões, propiciando o surgimento de várias *Assembleias de Deus*, em diferentes tempos e locais.⁵⁴

Marina Correa defende que esta fragmentação da AD “foi um fator decisivo para tamanho crescimento” desta denominação. Segundo ela, a lógica organizacional da AD permitiu que uma enorme diversidade de pequenas igrejas estivesse “sob a guarda forte” das grandes Convenções de Igrejas e Pastores da Assembleia de Deus, semelhante a um grande sistema de franquias.⁵⁵ E essas “franquias” assembleianas ainda contam com uma liderança independente, o que torna cada vez mais difícil compreender a lógica de funcionamento da AD brasileira.⁵⁶

Diante dessas realidades e conjecturas, é possível definir uma identidade assembleiana nacional? Há características distintivas e gerais ainda hoje nessa denominação que continua crescendo? Existem peculiaridades que definam a liturgia da AD no Brasil? Qual seria a sua concepção de comunidade? E como isso se relaciona com a sua visão e prática de culto?

Em busca dessas respostas que podem contribuir para uma melhor reflexão sobre a música pentecostal no Brasil, este capítulo se propõe a analisar a Assembleia de Deus, reconhecida como a “matriz pentecostal brasileira”.⁵⁷

⁵³ ALENCAR, 2013, p. 17.

⁵⁴ ALENCAR, 2013, p. 49.

⁵⁵ CORREA, 2013, p. 20.

⁵⁶ CORREA, 2013, p. 34.

⁵⁷ ALENCAR, 2013.

1.1 Em busca de uma identidade

Apossando-se da classificação de “concepções de edificação de comunidade” exposta por Martin Volkmann,⁵⁸ observa-se que a Assembleia de Deus, além de possuir uma concepção carismática, é também uma comunidade missionária.

Como carismática, oriunda do movimento pentecostal, suas raízes “se encontram na ânsia por uma profunda e autêntica vida espiritual, em lugar de uma fé estéril” e “na ânsia pela experiência real e concreta da força do Espírito Santo, em lugar de um cristianismo intelectualizado”.⁵⁹ Seu ideal de culto é uma celebração extremamente viva e participativa, onde a experiência com o transcendente se concretize nos carismas. Nessa concepção, todos se entendem como membros do sacerdócio geral e devem utilizar seus dons a serviço de Deus e da Igreja.

Como uma comunidade missionária, a AD tem como tarefa primordial “chamar pessoas à decisão pessoal por Cristo”.⁶⁰ Segundo Volkmann, nessa concepção de comunidade todo o trabalho deve ter essencialmente um carácter evangelístico, um grande envolvimento dos membros com essa causa, além do “comprometimento com o evangelho” e o “cultivo de uma profunda espiritualidade”.⁶¹

Essas características carismáticas e missionárias poderiam ser a base da identidade assembleiana? Ou ela estaria hoje mais centrada no seu conservadorismo e nas suas tradições?

1.1.1 Identidade ou conservadorismo?

Alencar registra algumas características que se tornaram “marcas registradas” da AD, “a ponto de um assembleiano, ou especialmente uma assembleiana, ser identificado em qualquer ambiente”. Ele destaca: a “postura austera”, a “sobriedade das vestimentas” e o “comedimento na conduta”, algo folclórico na AD, ressaltando que muito do dogmatismo assembleiano veio de sua cosmovisão rural.

⁵⁸ VOLKMANN, Martin. Edificação de Comunidade. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p.179-190.

⁵⁹ VOLKMANN, 1998, p. 186.

⁶⁰ VOLKMANN, 1998, p. 184.

⁶¹ VOLKMANN, 1998, p. 185-186.

Muito da conduta promulgada como “bíblica”, portanto, dogmática para a AD, era o que se defendia como “certo” na vida rural, bem distante da complexidade urbana; onde a previsibilidade da rotina tipificava a vida doméstica da fazenda: cumprir horários de ordenanças, obedecer ao ciclo agrícola, seguir a risca a solidariedade campesina e prestar toda a fidelidade ao dono da terra. Ser ordeiro, fiel, era uma característica social da época que foi absorvida pela igreja em sua fundação e incorporada como “conduta evangélica correta”.⁶²

Mesmo reconhecendo o pluralismo e a diversidade da AD, o autor ainda pontua algumas características do pentecostalismo assembleiano: (1) “A síndrome de marginal”,⁶³ onde a identificação com a igreja primitiva e o próprio ministério de Jesus dá-se pela pobreza e perseguição;⁶⁴ (2) “O discurso da negação do mundo e o escatologismo”,⁶⁵ onde o preparo para o iminente arrebatamento da igreja dita sua concepção e prática em relação às questões sociais, ecológicas e humanas; (3) “Aversão a mudanças”,⁶⁶ com a preservação de mitos fundantes e a busca de uma tradição que a identifique; (4) “Episcopalismo vitalício” como sistema eclesiástico,⁶⁷ que não há rodízio de liderança, nem democracia, apenas uma suposta *teocracia*, onde o pastor presidente⁶⁸ é tido como o “ungido de Deus”, o “anjo da igreja”, e tem a “visão de Deus para o povo”, uma autoridade máxima que não pode ser contestada;⁶⁹ e (5) “Liderança diversificada, doutrinação homogênea”, onde cada comunidade assume o “semblante de seu dono”⁷⁰ – pastor presidente –, mas mantém uma unidade doutrinária em virtude da utilização nacional das revistas das Escolas Bíblicas Dominicais (EBD).⁷¹

Contudo, Alencar salienta que a formação dessa identidade não veio da *origem*, nem formada pelos seus fundadores, Vingren e Berg. Segundo o autor, “quem de fato dirigiu a igreja e deu seu rumo, modelo e formação” a partir da terceira década – “período, alias, fundamental da passagem de *movimento* para *instituição*”

⁶² ALENCAR, 2010, p. 138-139.

⁶³ ALENCAR, 2010, p. 139-141.

⁶⁴ Uma característica já não homogênea entre as ADs.

⁶⁵ ALENCAR, 2010, p. 141-142.

⁶⁶ ALENCAR, 2010, p. 142-144.

⁶⁷ ALENCAR, 2010, p. 147-150.

⁶⁸ Nomenclatura usada no assembleianismo brasileiro para identificar o pastor responsável de uma igreja matriz, autônoma, apenas filiada a uma convenção fraterna de pastores e igreja. Essa matriz possui várias congregações ligadas a ela.

⁶⁹ ALENCAR, 2010, p. 109-110.

⁷⁰ ALENCAR, 2010, p. 145-146.

⁷¹ Hoje muitas ADs não possuem mais EBD. Algumas ainda realizam escola bíblica, mas com o público muito inferior ao número de membro da comunidade. Outras possuem um bom efetivo, mas utilizam revistas diferentes das institucionais publicadas pela CPAD. Isso tem provocado uma heterogeneidade doutrinária.

– “foi o missionário Lars-Erik Samuel Nystron”, sendo o “primeiro e principal responsável pela tradicionalização das ADs no Brasil”.⁷²

Mas como a própria instituição AD define a sua identidade?

Em pesquisa nas edições do Mensageiro da Paz (MP), percebe-se que a busca pela preservação da “identidade assembleiana” é um tema recorrente, defendido principalmente pelo presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB),⁷³ pastor José Wellington Bezerra da Costa.⁷⁴

Em entrevista ao MP, em Janeiro de 2000, Costa aponta o que deveria ser enfatizado pelos pastores e líderes para que a AD permanecesse em expansão.

Não esqueçam da evangelização e do discipulado, preservem o nosso conteúdo doutrinário e nossa identidade, isso eu peço em nome de Jesus! Não temos necessidade de copiar nada de ninguém. Deus já nos tem dado tudo que precisamos para a expansão da nossa igreja.⁷⁵

Mas o que é essa identidade que deve ser preservada junto com o “conteúdo doutrinário” e “em nome de Jesus”? O próprio presidente tenta explicar noutra edição.

A novel igreja foi crescendo debaixo da graça e da poderosa unção do Espírito que operava poderosamente. [...] Assim, nascemos, orando, jejuando, e ouvindo o ensino da Palavra de Deus e aquela expressão retórica: Jesus salva, Jesus cura e batiza com o Espírito Santo. Essa é a nossa identidade.⁷⁶

Todavia, a preocupação com a suposta “identidade” não se limita a questões de seu nascedouro carismático. No editorial de maio de 2005, o MP aponta o conservadorismo⁷⁷ como uma característica distintiva da identidade assembleiana.

É verdade que existem diferenças regionais, que foram sendo delineadas com o passar dos anos, mas, de forma geral, as Assembleias de Deus são uma igreja conservadora. Essa característica, que compõe a identidade

⁷² Samuel Nystron foi o primeiro missionário enviado oficialmente pela Igreja Batista Filadélfia e foi o líder que mais esteve à frente das ADs no Brasil. “Se Vingren (e Berg) vem sozinho, por conta própria a partir de uma *revelação* divina, Nystron foi enviado oficialmente por uma *instituição*; Vingren segue um *carisma*, Nystron segue uma *tradição*.” ALENCAR, 2013, p. 150.

⁷³ A CGADB não é, atualmente, a única convenção geral. Mas essa pesquisa tomará por referência essa convenção, por ser a de maior representatividade no âmbito nacional.

⁷⁴ Na presidência da CGADB desde 1988 até a data de conclusão dessa pesquisa.

⁷⁵ COSTA, José Wellington Bezerra da. “Preservem nossa identidade e doutrina”. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 70, n. 1354, p. 7, Janeiro, 2000.

⁷⁶ COSTA, José Wellington Bezerra da. Por que não mudamos? **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 70, n. 1361, p. 2, Maio, 2000.

⁷⁷ Alencar atribui o conservadorismo assembleiano à influência direta do modelo ditatorial do Estado Novo, a partir de 1937. Segundo o autor, “o caudilhismo de liderança, o moralismo da cooptação dos movimentos sociais, a articulação política do peleguismo e o exercício fascista” do governo de Getúlio Vargas “vão, definitivamente, influenciar o modelo assembleiano”, pois, o conservadorismo da AD “vai beber nestas fontes e realidades”. ALENCAR, 2013, p. 103.

assembleiana, é um dos motivos pelos quais a denominação tem sido respeitada até hoje.⁷⁸

E os chamados “usos e costumes” e as questões litúrgicas também pontuam entre as características da “verdadeira identidade da AD” que se buscava manter - mesmo com as mudanças sociais e culturais do Brasil e com o surgimento de novas lideranças nacionais. A palavra do presidente da CGADB na edição de abril de 2005 aponta essa preocupação.

Com relação à igreja, paira sobre nós, especialmente sobre mim, como presidente da Convenção, uma preocupação que me faz estar vigilante para este período, visto que estamos atravessando um tempo de transição, quando um novo grupo de obreiros tem surgido. São homens de Deus, que têm procurado também realizar uma obra para o Senhor, mas com algumas diferenças no porte, no costume e até na liturgia. Estamos um pouco preocupados porque a Assembleia de Deus tem a sua identidade. Já somos adultos, já temos quase 100 anos de existência e uma identidade formada pela qual devemos zelar. [...] Estamos rogando a Deus para que Ele dê graça aos nossos obreiros a fim de não perdermos a verdadeira identidade da AD.⁷⁹

Mas no que consiste essa “identidade formada” que se deve zelar? O que é de fato essa “verdadeira identidade da AD” que não se pode perder? Teria relação com a tradição adquirida, ou construída, durante esses 100 anos?

1.1.2 Tradição assembleiana

Alencar define a tradição assembleiana como um “pretense modelo” ou “ideia”, “que todos falam e muitos dizem seguir, mas ninguém sabe, exatamente, o que foi ou o que é”.⁸⁰ Segundo o mesmo pesquisador, essa busca de distinção por uma tradição nasceu no *assembleianismo brasileiro*, a partir da década de 40, quando a concorrência se intensificou no cenário religioso brasileiro, com o surgimento de novos pentecostalismos - alguns mais modernos e outros ainda mais conservadores.⁸¹

É bem nesse período que sai a primeira resolução oficial de uma AD a respeito da obrigatoriedade dos “usos e costumes”, publicado no MP em junho de 1946, pela AD de São Cristóvão/RJ. A resolução foi discutida na Convenção Geral

⁷⁸ ÉTICA e identidade assembleiana. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 75, n. 1440, p. 2, Maio, 2005.

⁷⁹ COSTA, José Wellington Bezerra da. Identidade da Assembléia de Deus. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 75, n. 1439, p. 2, Abril, 2005.

⁸⁰ ALENCAR, 2010, p. 144.

⁸¹ ALENCAR, 2013, p. 172.

do mesmo ano, gerando “estranheza e desconforto”.⁸² Segundo André Fonseca, “o decreto não só não foi aceito pelas lideranças da convenção geral, como também foi proibida sua utilização”. A igreja que a publicou teve que se retratar noutra publicação da MP.⁸³ Contudo, a tese de que era necessária a observação de tais costumes para se evitar o *mundanismo* já havia sido difundida. Cerca de três décadas depois, em 1975, a própria CGADB aprovou, “por unanimidade”,⁸⁴ a resolução de “que todas as igrejas do país a ela filiadas” deveriam observar os “costumes” da AD.⁸⁵

Rok Oliveira, numa matéria para o XXVII Simpósio Nacional de História, em 2013, conclui que os “usos e costumes” constituíram-se como “um dos principais diferenciais da identidade assembleiana”.⁸⁶ Será? Igrejas que não observam mais esses “costumes” já perderam sua identificação com a AD?

⁸² Lista dos primeiros usos e costumes determinados por uma AD: (1) “Não será permitida a nenhuma irmã membro dessa igreja fazer sobancelha, usar cabelo solto, cortado, tingido, com permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo; que se penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e Rei”; (2) “Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados; e as mangas devem ser compridas”; (3) “Recomenda-se às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos, professores de escola dominical, e as que cantam no coro ou tocam”; (4) “As irmãs [da sede e das congregações a ela filiadas] que não obedecerem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminado este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião”; e (5) “Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus”. [S.n.]. Os assembleianos não podem sobrecarregar demais e os outros não podem aliviar demais. **Ultimatoonline**. 331. ed. Julho-Agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/os-assembleianos-nao-podem-sobrecarregar-demaiss-e-os-outros-nao-podem-aliviar-demaiss>> Acesso em: 19 mai. 2016.

⁸³ FONSECA, André Dionei. São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas convenções gerais das Assembleias de Deus no Brasil (1930-1980). In: **Sacrilegens** - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF. Disponível em

<<file:///C:/Users/user/Documents/ALEX/1.%20Mestrado/Teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/debate%20sobre%20a%20normatiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20usos%20e%20costumes.pdf>> Acesso em: 19 mai. 2016.

⁸⁴ Se é que existe unanimidade numa convenção!

⁸⁵ Lista do que os membros da AD de todo o Brasil deveriam se abster segundo a resolução da CGADB de 1975: (1) “Uso de cabelo comprido pelos membros do sexo masculino”; (2) “Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino”; (3) “Uso de pintura nos olhos, unhas e na face”; (4) “Corte de cabelo por parte das irmãs (membros ou congregados)”; (5) “Sobancelhas alteradas”; e (6) “Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho de vida cristã”. Nessa convenção também foi desaconselhado o uso de aparelho de televisão e de bebidas alcoólicas. [S.n.]. Os assembleianos não podem sobrecarregar demais e os outros não podem aliviar demais. **Ultimatoonline**. 331. ed. Julho-Agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/os-assembleianos-nao-podem-sobrecarregar-demaiss-e-os-outros-nao-podem-aliviar-demaiss>> Acesso em: 19 mai. 2016.

⁸⁶ OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária de. A indumentária e os usos e costumes defendidos pela Igreja Assembleia de Deus (1975-1999). **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Natal, 22-23 jul. 2013. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364738946_ARQUIVO_ANPUHNACIONAL2013.pdf> Acesso em: 22 mai. 2016. p. 17.

Em 1995, numa Convenção da CGADB, um pastor chegou a propor a exclusão de todos os pastores e igrejas que ele chamou de “liberais”, por não observarem tais “costumes”. Todavia, em 1999, num encontro de líderes da AD,⁸⁷ os pastores discutiram o posicionamento da igreja em relação a essa temática e foi redigido um documento doutrinário distinguindo “doutrina” e “costume”. Dentre outras diferenças,

Esse mesmo documento lembra que “doutrina é o ensino bíblico normativo, terminante, final, derivado das Sagradas Escrituras como regra de fé e prática da vida para a igreja e seus membros”. Os costumes, por sua vez, “são em si sociais, humanos, regionais e temporais, porque ocorrem na esfera humana, sendo inúmeros deles gerados ou influenciados pelas etnias, etariedade, tradições, credences, individualismo, humanismo, estrangeirismo e ignorância”.⁸⁸

1.2 Transformação e fragmentação

Em virtude destes conflitos entre *conservadorismo* e *liberalismo*, reforçados pelas brigas políticas na disputa de poder, ao longo dos anos a AD foi se fragmentando em vários “Ministérios Corporativos”.⁸⁹ E, além da urbanização e industrialização do Brasil pós-Segunda Guerra Mundial, a concorrência no cenário religioso também foram “problemas graves” que a Assembleia de Deus passou a enfrentar a partir da década de 40. A “*tradicionalização*” foi “o grande modelo assembleiano para enfrentar a nova realidade brasileira”.⁹⁰ Uma “tradicionalização receosa de toda e qualquer alteração e novidade”, com efeitos de censura na sua música, na sua liturgia e nos seus ritos em geral.⁹¹ Assim, a AD se institucionalizou, num processo de tradicionalização e rotinização de seu carisma.

⁸⁷ 5º ELAD, realizado na sede da CGADB no Rio de Janeiro.

⁸⁸ OS ASSEMBLEIANOS não podem sobrecarregar demais e os outros não podem aliviar demais.

Ultimatonline. 331. ed. Julho-Agosto, 2011. Disponível em:

<<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/os-assembleianos-nao-podem-sobrecarregar-demais-e-os-outros-nao-podem-aliviar-demais>> Acesso em: 19 mai. 2016.

⁸⁹ Termo utilizado por Alencar para designar os grupos de “igrejas lideradas por uma igreja-sede e dirigida por um pastor-presidente”. Uma “conotação institucional, jurídica e geográfica”, que pode obter “âmbito local, estadual, nacional e internacional”. ALENCAR, 2013, p. 37.

⁹⁰ ALENCAR, 2013, p. 172.

⁹¹ ALENCAR, 2013, p. 193.

1.2.1 Uma igreja carismática, tradicional ou burocrática?

Correa e Alencar utilizam-se da teoria das dominações carismática, tradicional e burocrática racional de Max Weber em suas análises sobre a Assembleia de Deus.⁹²

Correa aponta a “rotinização do carisma” como “a única solução” para a perpetuação de um movimento carismático, e salienta que esse processo de rotinização torna-se gerador de tradição.⁹³ E, a partir do momento em que a administração passa a ser “baseada em documentos”, em que há uma forte “demanda pela aprendizagem profissional” e há necessidade de uma “hierarquia funcional”,⁹⁴ esse movimento se burocratiza racionalmente - algo que ocorreu com a AD,⁹⁵ não, porém, sem lutas e resistência.

A militância arminiana e congregacional de uma irmandade simples, voluntariosa e profundamente marcada por fenômenos pentecostais dá espaço a um modelo institucional centralizado e regrado pelas Igrejas-Sede e seus *grupos de poder* [...].⁹⁶

Alencar apresenta a transformação da AD ao longo de sua história, dividindo em 3 grandes períodos de dominação: de 1911 a 1948, “majoritariamente carismática”;⁹⁷ de 1946 a 1988, “tipicamente tradicional”;⁹⁸ e de 1988 a 2011, “um domínio burocrático-racional”.⁹⁹ Todavia, destaca a concomitância desses poderes¹⁰⁰ na historicidade assembleiana, salientando sua interdependência e, em alguns momentos, sua dialética.¹⁰¹ O autor também considera a dominação tradicional “o modelo mais condizente com o estilo das ADs em todos os períodos”, pois, segundo ele, “todas as categorias indicadas por Weber nesta dominação se encaixam perfeitamente no modelo assembleiano”.¹⁰²

No entanto, embora a tradição assembleiana ainda seja usada como estratégia diante da concorrência - como se houvesse um “grande eixo de

⁹² CORREA, 2013, p. 203-208; ALENCAR, 2013, p. 73-80.

⁹³ CORREA, 2013, p. 205.

⁹⁴ Princípios fundamentais da burocracia segundo a teoria de Max Weber. CORREA, 2013, p. 205.

⁹⁵ CORREA, 2013, p. 206.

⁹⁶ ALENCAR, 2013, p. 173.

⁹⁷ Mas já apontando características institucionais. ALENCAR, 2013, p. 97-168.

⁹⁸ Ainda que muito carismático e já apresentando racionalidade burocrática. ALENCAR, 2013, p. 171-216.

⁹⁹ Ainda mantendo muito do ideal carismático. ALENCAR, 2013, p. 217-281.

¹⁰⁰ Carismático, Tradicional e Burocrático.

¹⁰¹ ALENCAR, 2013, p. 86.

¹⁰² ALENCAR, 2013, p. 77.

uniformidade”¹⁰³ - a Assembleia de Deus vem alterando sua conduta, principalmente a partir da década de 1980, quando as igrejas neopentecostais foram surgindo e definindo um novo modelo de pentecostalismo brasileiro. O “rigor na indumentária”, a “sobriedade da vestimenta”, o “legalismo de usos e costumes”, o “puritanismo da moralidade”, a “militância aguerrida na evangelização”, o “apoliticismo nas questões sociais”, o “espiritualismo na leitura do mundo”, o “fundamentalismo e literalismo na leitura da Bíblia”, o “caciquismo da liderança”, e o “despojamento e localização periférica dos templos”¹⁰⁴ já não caracterizam todas as ADs brasileiras. Muitas delas já nem lembram mais a *antiga* Assembleia de Deus, pois foram alteradas, “fundamentalmente, por demandas sociais”.¹⁰⁵

1.2.2 Assembleias de Deus: pluralismo singular

A AD fragmentou-se e pulverizou-se em inúmeras igrejas pequenas.¹⁰⁶ Hoje existem várias assembleias, para todos os gostos: “dos mais exóticos e folclóricos aos mais conservadores e puristas.”¹⁰⁷ Talvez os únicos pontos de convergência nessa *miscelânea assembleiana*, sejam o nome Assembleia de Deus, “a doutrina da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo”¹⁰⁸ e o “mito de origem”,¹⁰⁹ que justifica a utilização do mesmo nome.¹¹⁰

Assim, essa “grande rede”, denominada “Assembleia de Deus”, é formada por igrejas “totalmente distintas uma das outras”,¹¹¹ o que dificulta uma análise geral e uma definição de perfil uniformado. Alencar chega a conceituar a Assembleia de Deus como

[...] um conglomerado de Ministérios (grupos de igrejas autônomas e semiautônomas) (*sic.*) dispersos, diversos e, em alguns lugares, divergentes [...] formada hoje por uma série de grupos díspares que não têm contato entre si.¹¹²

¹⁰³ CORREA, 2013, p. 220.

¹⁰⁴ ALENCAR, 2013, p. 93.

¹⁰⁵ ALENCAR, 2010, p. 39.

¹⁰⁶ Cada qual com uma liderança independente. CORREA, 2013, p. 268.

¹⁰⁷ ALENCAR, 2013, p. 92.

¹⁰⁸ Apontada por Alencar como “único detalhe em comum”. ALENCAR, 2013, p. 93.

¹⁰⁹ Apontado por Correa como norteador do “imenso aglomerado de ministérios” da AD. CORREA, 2013, p. 250.

¹¹⁰ Para não perder a identificação com o “mito fundante” quando se cria um novo Ministério.

¹¹¹ Há inúmeras distinções, mesmo entre as igrejas de mesmo ministério e convenção. CORREA, 2013, p. 223-224.

¹¹² ALENCAR, 2005, p. 59.

Ele afirma que, no Brasil, “nunca existiu uma *Assembleia de Deus*, mas *Assembleias*, no plural”. Igrejas divergentes, com estilos diversificados e algumas em declarada oposição à suposta *identidade assembleiana brasileira* baseada em tradições.¹¹³

Manuel Castells, ao discorrer sobre “o fim das identidades religiosas herdadas”, assegura que “em todas as sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança”, e que “essa mudança coloca inevitavelmente as novas gerações em oposição às antigas”.¹¹⁴

A alteração das características tradicionais da Assembleia de Deus foi o tema de pesquisa de Mariana Correa em sua dissertação de mestrado. Num estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro/SP, Correa identifica uma tendência de neopentecostalismo,¹¹⁵ afastando a AD das características que a identificavam como uma igreja tradicional do “pentecostalismo clássico”.¹¹⁶ Contudo, a mesma pesquisadora assegura noutra publicação que

O cenário apresentado em alguns estudos realizados deixa claro, por meio das falas dos próprios adeptos, que ainda existem igrejas que mantêm sua forma tradicional, de postura rígida e ascética.¹¹⁷

Dentro desse conflito de identidade, como se pensa e se faz *culto assembleiano*? Há uma identidade litúrgica? Quais seriam as características da liturgia das Assembleias de Deus do Brasil?

1.3 Identidade litúrgica

A palavra *liturgia*, do grego *leitourgia*, significava “trabalho do povo”, ou “serviço público para a coletividade”. A Septuaginta¹¹⁸ reforçou a sua “concepção cultural” e fez dessa palavra o “termo técnico para designar o culto”.¹¹⁹ Hoje, expressa a ideia de “serviço espiritual a Deus e, mais especificamente, o conteúdo e

¹¹³ ALENCAR, 2013, p. 86.

¹¹⁴ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 57.

¹¹⁵ CORREA, 2006, p. 91.

¹¹⁶ Expressão que caracteriza a primeira “onda” na classificação de Paul Freston sobre o pentecostalismo brasileiro. CORREA, 2006, p. 58.

¹¹⁷ CORREA, Marina. Igrejas Assembleias de Deus: conservadorismo ou modernidade? In: OLIVEIRA, David Mesquiat de (Org.). **Pentecostalismo e transformação social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 111.

¹¹⁸ Versão da Bíblia hebraica para o grego koiné, traduzida entre o terceiro e o primeiro século antes de Cristo.

¹¹⁹ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. Conceito, histórico e estado da pesquisa. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciências Litúrgicas: História e forma do culto**. São Leopoldo: Sinodal/CRL, 2011. v. 1, p. 23.

a sequência das partes do culto cristão, caracterizado por diferentes graus de formalidade”.¹²⁰ Ou ainda, “aos elementos usados para a formatação do culto”, ou “para a organização das partes do culto”.¹²¹ Quanto à liturgia, as igrejas podem ser classificadas, de modo geral, em [1] igrejas litúrgicas¹²² e [2] igrejas não-litúrgicas¹²³ ou livres. As “igrejas livres” podem ser enquadradas em seis tradições litúrgicas,¹²⁴ dentre elas a tradição do movimento pentecostal.¹²⁵

1.3.1 Liturgia Pentecostal

A liturgia pentecostal possui características distintas das demais tradições evangélicas por sua ênfase carismática. Don Williams entende a “adoração carismática” como “aquela em que a liderança e os dons do Espírito (*charismata*) são evidenciados ou recebidos durante o louvor individual ou coletivo em resposta a um poderoso ato de Deus”.¹²⁶ E descreve algumas características dessa adoração:

Com o crescimento da renovação carismática, cantar em línguas tornou-se sua marca. Harmonias livres e glossolalia verbalizada foram misturadas com repetições na língua nativa de orações de louvor espontâneo como: “Jesus, Jesus, Jesus” e: “Eu amo ao Senhor”. Posições variadas, com as mãos levantadas em direção ao céu, em pé ou de joelhos, acompanhavam as orações cantadas, bem como cânticos breves de adoração, geralmente repetidos. [...] Outras práticas, juntamente com os apelos evangelísticos para a salvação, incluíam orar pelo batismo com o Espírito Santo e ministrar aos doentes com imposição de mãos.¹²⁷

Williams ainda salienta que “o adorador” precisa ser “tomado por uma chama inextinguível”, sendo “cheio do Espírito Santo”, para que haja essa adoração

¹²⁰ MATOS, Alderi Souza. Liturgia e culto: Reflexões à luz das escrituras e da história cristã.

Ultimatoonline. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/322/liturgia-e-culto-reflexoes-a-luz-das-escrituras-e-da-historia-crista>> Acesso em: 12 mai 2016.

¹²¹ FREDERICO, 2007, p. 21.

¹²² Que seguem um calendário litúrgico eclesiástico como as católicas romanas, luteranas, episcopais e algumas presbiterianas. FREDERICO, 2001, p. 358.

¹²³ As igrejas protestantes que não seguem um calendário litúrgico, nem um conjunto de elementos e formas rígidas de organização de seu culto.

¹²⁴ Tradição dos anabatistas, dos puritanos, dos *quacres*, dos metodistas, da fronteira e dos pentecostais. WHITE, James F. Culto em contexto de igrejas livres e do movimento carismático. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans Christoph, MEYER-BANK, Michael, BIERITS, Karl-Heinrich (Eds). **Manual de Ciência Litúrgica**. São Leopoldo: Sinodal/CRL, 2011. v. 1, p. 267.

¹²⁵ Essa tradição surgiu no início do século 20, tendo “como pano de fundo várias igrejas do movimento de santificação, derivadas de raízes metodistas”, e como mito fundante o batismo com Espírito Santo (com a evidência das *glossolalias*) do “estudante Charles F. Parham (1873-1929)” em Topeka, Kansas. O movimento logo “se espalhou para Los Angeles, onde a obra do pregador negro William Seymour (1870-1977) na *Azusa Street* [rua Azusa] se tornou a origem do movimento, em 1906/1907”. WHITE, 2011, p. 277.

¹²⁶ WILLIAMS, Don. Adoração Carismática. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 145.

¹²⁷ WILLIAMS, 2006, p. 147.

carismática, compreendida como o encontro místico com Deus. O autor pontua ainda que nesse tipo de culto, “embora deva ter ordem e organização”, a liturgia deve ser “livre e espontânea, bem como guiada pelo Espírito”, pois “nem a melhor das músicas ou melhor dos arranjos compensa a ausência de Deus”.¹²⁸

Joe Horness acrescenta que

Na essência da adoração carismática, existe a convicção de que a adoração foi designada por Deus para ser o ambiente em que ele e seu povo interagem e em que o Espírito Santo está livre para movimentar-se e falar, à medida que Deus é exaltado.¹²⁹

Sally Morgenthaler salienta que “as formas de adoração carismática-pentecostal são as menos compreendidas e as mais praticadas em todo o mundo”. E que “os modelos de adoração que valorizam as manifestações exteriores do Espírito Santo são as que mais crescem no mundo.”¹³⁰

No Manual de Ciência Litúrgica, James F. White também apresenta como o “pressuposto básico do culto pentecostal” essa liberdade que o Espírito Santo possui de escolher seus instrumentos como quiser, na hora que quiser, se revelando mediante uma diversidade de dons, como o falar em línguas, a interpretação dessas línguas, profecias, curas, etc.¹³¹ Todavia, salienta que seu padrão geral de culto não se difere muito do culto da tradição fronteiriça, com “louvor e oração, pregação passional com insistência na conversão e colheita das pessoas convertidas”. E pontua que, no período dessa tradição (século XIX), a música já era considerada um “fator importante para tornar as pessoas receptivas à pregação”.¹³²

Descobriu-se que a música solo ou canto coral podia ser um fator importante, e a maioria dos grandes pregadores reavivamentistas era e ainda é assistida por extraordinários dirigentes de canto.¹³³

1.3.2 Liturgia Assembleiana

Denise Frederico, ao expor “a realidade litúrgica no Brasil”, apresenta a AD como uma denominação pentecostal que busca combater o que chama de

¹²⁸ WILLIAMS, 2006, p. 155-156.

¹²⁹ HORNESS, Joe. Resposta da Adoração Contemporânea. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 169.

¹³⁰ MORGENTHALER, Sally. Resposta da Adoração Emergente. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 174.

¹³¹ WHITE, 2011, p. 278.

¹³² WHITE, 2011, p. 274-278.

¹³³ WHITE, 2011, p. 276.

“liturgismo e ritualismo”, em virtude de sua “ênfase na espontaneidade e na atuação do Espírito Santo”. E que “prega” o “equilíbrio entre o formal e o informal”, e a condução de um culto sob o binômio “reverência e fervor”.¹³⁴

O antigo periódico “Revista da Semana”¹³⁵ descreveu um culto em julho de 1945 na AD de São Cristóvão/RJ – que “na época era um dos referenciais para o movimento pentecostal no país” –, salientando que havia “uma ordem no culto, onde a reflexão e a reverência” não destoavam do “verdadeiro mover de Deus entre o povo”. Infelizmente essa “ordem” não foi detalhada na matéria, entretanto, os jornalistas destacaram que na pré-dica era usada uma linguagem simples, “do povo” e que a adoração comunitária era “empolgante” e inclusiva, com participação de coral e orquestra.¹³⁶

[...] à ordem do pastor todos começam a entoar um louvor empolgante. Acompanhando o coral e a orquestra, a igreja exalta a Deus. “Todos cantam no templo, moços e velhos, negros e brancos, na confraternização solidária da crença”.¹³⁷

Segundo Nemuel Kessler, a liturgia da Assembleia de Deus é composta de 5 elementos considerados “indispensáveis”: hinos, leitura bíblica, oração, contribuição e pregação (não necessariamente nessa ordem).¹³⁸ E possui uma diversidade de formas de culto, como, “culto público”,¹³⁹ “culto de oração”,¹⁴⁰ “culto de doutrina”,¹⁴¹ e outros, com ênfase e propósitos distintos. A maioria das reuniões é chamada de culto. Daí uma heterogeneidade ainda maior: “culto de jovens”, “culto do círculo de oração”, “culto de missões”, etc.¹⁴²

Como bem ressalta Alencar, “não se pode fazer qualquer generalização sobre a AD”, pois ela “se tornou um universo heterogêneo”.¹⁴³ Todavia, o mesmo pesquisador descreve uma liturgia tipicamente assembleiana como modelo geral:

¹³⁴ FREDERICO, 2007, p. 120.

¹³⁵ “Revista da Semana” foi um periódico ilustrado de variedades (1900 a 1959) fundado por Álvaro de Tefé no Rio de Janeiro, com a colaboração de alguns dos principais intelectuais e artistas da época.

¹³⁶ As questões musicais dessa matéria serão discutidas no próximo capítulo. SANTANA, Mário Sergio de. Reportagem sobre a AD em 1945: Jornalistas seculares da época mostram como era a Assembleia de Deus. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 86, n. 1569, p. 15, Fevereiro, 2016.

¹³⁷ SANTANA, 2016, p. 15.

¹³⁸ KESSLER, Nemuel. **O culto e suas formas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

¹³⁹ De caráter evangelístico, kerigmático. KESSLER, 2013, 51-60.

¹⁴⁰ De caráter devocional, carismático. KESSLER, 2013, 60-65.

¹⁴¹ De caráter pedagógico, dogmático. KESSLER, 2013, 83-84.

¹⁴² A celebração da “Ceia do Senhor” é considerada uma ordenança, contudo, não elemento fundamental num culto. Na maioria das ADs ela é realizada mensalmente numa reunião denominada de “Culto de Santa Ceia”.

¹⁴³ ALENCAR, 2010, p. 145.

A liturgia assembleiana tem duas etapas: uma absoluta, outra flexibilizada. Na primeira parte, o culto apresenta o seguinte: oração de abertura, três hinos da HC (exclusivamente da HC), leitura bíblica e nova oração. Esse é o “núcleo duro”, que jamais pode ser alterado. Depois disso vem a liturgia flexibilizada, pois, mesmo nos grupos mais conservadores, pode sim ter pequenas alterações. O culto continua, então com um “hino avulso” do conjunto das senhoras, dos jovens, ou das crianças ou ainda do coral, intercalado por solos e/ou testemunhos ou palavras dos obreiros. A liturgia absoluta tem mais dois tópicos impossíveis de serem mudados: o ofertório e o apelo.¹⁴⁴

Há tempo esse modelo de liturgia já não é utilizado nos grandes templos das Assembleias de Deus, principalmente onde o ideal de *culto show*, advindo do *movimento gospel*¹⁴⁵ e do neopentecostalismo já foi inculturado.¹⁴⁶ Entretanto, há os que ainda defendem a “liturgia tradicional assembleiana” (embora não especifiquem o que de fato isso significa). Num curso de Apologética Cristã, publicado pela MP, Asequias Soares defendeu seu conservadorismo litúrgico.

Ninguém tem o direito de mudar a liturgia desrespeitando os costumes e a tradição da denominação. É verdade que a tradição deve ser muito boa quando serve para marcar a nossa identidade num contexto social, para nunca perdermos de vista que temos uma história e uma cultura que devem ser preservadas.¹⁴⁷

Na sequência do texto, o mesmo pastor reconhece a possibilidade de mudança, ressaltando, contudo, que deve ser de maneira natural e gradual, acompanhando sempre as transformações sociais, jamais de maneira abrupta, por respeito à estrutura já existente.

Alencar, no entanto, aponta mudanças litúrgicas significativas no decorrer na história da AD quando distingue as três categorias de templos assembleianos, cada uma com características distintas de culto.¹⁴⁸ [1] Nos “templos-casa” (nas primeiras décadas do *assembleianismo brasileiro*): um “culto anárquico”, familiar, livre, simples, carismático, presente ainda no mundo rural. [2] Nos “templos-pensão” (a partir da década de 1950): um “culto da ordem”, com sequência litúrgica, tradicional, com diferenciação entre clero e leigos. [3] E nos “templos-shopping” (a partir da década de 1980): um “culto espetáculo”, mecanizado, com profissionalização da música, do som e demais áreas técnicas.

¹⁴⁴ ALENCAR, 2013, p. 259.

¹⁴⁵ Movimento ocorrido a partir dos anos 90 no Brasil, provocando mudanças não só no aspecto musical eclesial, como em toda a cultura religiosa brasileira. Serão abordados alguns destes aspectos no último capítulo.

¹⁴⁶ Como exemplo: a Igreja Assembleia de Deus de Bom Retiro em São Paulo. CORREA, 2006, p. 157.

¹⁴⁷ SOARES, Esequias. Curso de Apologética Cristã – 5ª Parte: Sutileza doutrinária no campo litúrgico. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 78, n. 1482, p. 21, Novembro, 2008.

¹⁴⁸ ALENCAR, 2013, p.144-145; 197-200; 255-262.

Conclusão

Diante dessas transformações registradas, essa comunidade carismática e missionária, essencialmente brasileira, gerada numa cosmovisão rural, marginal e conservadora que se tradicionaliza e se burocratiza na tentativa de se perpetuar e se distinguir frente à concorrência, se pulveriza e se fragmenta em várias Assembleias de Deus, com liturgias por vezes até dialógicas. Como entender essa denominação? O que de fato é a identidade assembleiana?

Ainda em busca de respostas para essas indagações, que possam contribuir para uma melhor reflexão sobre a música pentecostal brasileira, o próximo capítulo se propõe a registrar as pesquisas sobre a música na Assembleia de Deus do Brasil. Pois, independente de todas essas transformações, fragmentações, alterações e diversidades, a música ainda é parte indispensável de uma liturgia assembleiana. Seja no culto “público”, “de oração”, “de doutrina”, “de jovens”, “de crianças” ou “do Círculo de Oração”, no “templo-casa”, “templo-pensão”, ou “templo-shopping”, a Assembleia canta, toca e cresce.

2 ADORAÇÃO COMUNITÁRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS: “UM CELEIRO MUSICAL”

Introdução

O Movimento Pentecostal é reconhecido pelo papel importante que dá a música em todos os aspectos da vida dos seus fiéis. Ela possui uma função vital na experiência religiosa coletiva e individual.

O valor da música para a adoração, evangelismo, educação e edificação da igreja tem se destacado como uma das principais ênfases do pentecostalismo em todas as partes do mundo.¹⁴⁹

No início do século XX, o Movimento Pentecostal enfatizava a participação congregacional por meio de cânticos com vários tipos e estilos de música, diferenciando-se dos demais grupos evangélicos também pela ênfase dada à obra do Espírito Santo na orientação, influência e condução durante as celebrações e cultos. Assim, com variedade de estilos e uma maneira entusiástica, sincera e profunda de cantar e tocar, os primeiros pentecostais davam pouca ênfase aos rituais e cerimônias, acreditando que a adoração deveria ser espontânea e particular. Eles possuíam uma atitude de liberdade litúrgica que criam ter existido na Igreja Primitiva.¹⁵⁰

Isael de Araújo salienta que, no pentecostalismo

A música é mais subjetiva em suas expressões, em sua demonstração emocional e em seu estilo de apresentação. Consequentemente, a música pentecostal possui qualidades características tanto no som como no conceito, o que a distingue de todas as épocas e práticas das tradições evangélicas e litúrgicas.¹⁵¹

Frederico também destaca na “produção musical pentecostal” esse fator emocional, que ela chama de “catarse espiritual”.

A ênfase que esse segmento cristão dá ao que chama de “dom de línguas” confere ao culto um caráter altamente emocional, também verificável nos seus cânticos, não tanto em relação aos seus conteúdos, mas principalmente na forma como são apresentados. [...] numa espécie de “catarse” espiritual.¹⁵²

E noutra publicação a autora complementa:

¹⁴⁹ ARAUJO, 2014, p. 496.

¹⁵⁰ ARAUJO, 2014, p. 496.

¹⁵¹ ARAUJO, 2014, p. 496.

¹⁵² FREDERICO, 2001, p. 365-366.

A emoção é acentuada pela forma em que são apresentados os cânticos, geralmente com gestos de mãos levantadas e grande movimentação do corpo. A aceitação de uma teologia que dá ênfase ao falar em línguas (“glossolalia”) e às expressões de espontaneidade no culto contribui fortemente para que o ambiente fique cheio de emoção.¹⁵³

Como já mencionado no primeiro capítulo, a própria liturgia pentecostal possui características distintas das demais tradições evangélicas e a música possui relevância neste contexto. Na AD, ela é utilizada não apenas com ênfase evangelística (como na tradição fronteira), ou doxológica (como nas demais tradições evangélicas), mas, também, com ênfase avivalista (pela tradição carismática). O primeiro hinário da AD, que foi lançado em 1917, trazia o lema: “Onde há despertamento também se canta bastante”.¹⁵⁴

A matéria da “Revista da Semana” (1945)¹⁵⁵ descreveu um culto na AD que “foi a mãe de muitas Assembleias de Deus pelo Brasil”¹⁵⁶ com o título: “A música fala a Deus”. Essa ênfase deu-se pela admiração dos jornalistas quanto à música desse culto.

Ao avistar o púlpito, observam curiosos uma orquestra “heterogênea” composta por pessoas de várias idades, que com seus instrumentos musicais executavam hinos de louvor a Deus. Cânticos e hinos se ouviam na congregação atenta a tudo o que se passava no culto. Contudo, uma surpresa estava reservada aos visitantes... “Em frente ao coro, o maestro, um jovem de cor, de 20 anos de idade se tanto, dirigia a orquestra e os músicos”.¹⁵⁷

Fatos como esse retratam a AD como “um valioso celeiro de músicos e cantores”, devido a sua prática comunitária de cantar e tocar.¹⁵⁸ No entanto, essa relevância dada à música parece ser mais no exercício eclesialístico do que na discussão teológica. O órgão oficial de divulgação da AD (MP), com publicações desde a década de 30, só começou a dedicar uma coluna de música a partir de março de 2008.¹⁵⁹ Nas doze edições de 2003, por exemplo, não consta nenhuma matéria com referência à música, louvor ou adoração. A ênfase a esses temas só foram dadas, aparentemente, a partir de 2008.¹⁶⁰ O primeiro “Congresso de Música

¹⁵³ FREDERICO, 2007, p. 146.

¹⁵⁴ ARAUJO, 2014, p. 496.

¹⁵⁵ Apresentada no primeiro capítulo.

¹⁵⁶ AD de São Cristóvão, Rio de Janeiro.

¹⁵⁷ SANTANA, 2016, p. 15.

¹⁵⁸ ALENCAR, 2013, p. 20

¹⁵⁹ Se houve um período que o MP dedicou uma coluna para a música antes de janeiro de 2000, o autor desconhece.

¹⁶⁰ Um curso de “Música, louvor e adoração” foi publicado no MP nas edições de janeiro a julho de 2010, pelo maestro Nilton Didini Coelho, autor do livro “Manual do Líder de louvor”, reeditado em 2009 pela CPAD.

e Louvor” promovido pela Convenção Nacional só foi ocorrer em julho de 2010, em ocasião das Celebrações do Centenário.¹⁶¹ O primeiro Congresso Estadual de Musicistas da AD de Rondônia só ocorreu em abril de 2015.¹⁶² E alguns estados, e até igrejas-sedes, ainda não promoveram nenhum evento específico para essa classe.¹⁶³

Todavia, como uma igreja acolhedora que contempla todos e todas nas manifestações “da *glossolalia*, dos testemunhos, dos cânticos, da musicalidade e das oportunidades”,¹⁶⁴ a AD em sua prática comunitária sempre foi e é extremamente musical. A primeira edição de seu hinário oficial – Harpa Cristã (HC) – foi em 1922, já com composições nacionais, além das versões e traduções em Português.

Alencar chega a salientar que “os assembleianos cantam em todos os cultos” e “cantam muito”.¹⁶⁵ Utilizando-se da HC, de “corinhos” e “cânticos de louvor e adoração”, dos chamados “hinos avulsos”, da participação *performática* de coros, bandas e orquestras, nos mais diversos estilos e formações, a comunidade assembleiana vive e produz música, cantores e músicos de maneira intensa e espontânea, como parte integrante de sua cultura. Por isso, independente de sua diversidade litúrgica, algumas características gerais da música nas Assembleias de Deus podem ser pontuadas - ainda que não generalizadas - como o seu incentivo ao canto congregacional e a sua liberdade à música de *performance*.¹⁶⁶

Essas características serão apresentadas neste capítulo, na perspectiva de uma melhor reflexão sobre o *Ministério de Música* no pentecostalismo brasileiro, a partir da música nas Assembleias de Deus.

¹⁶¹ O Congresso foi divulgado somente nas edições de março e de maio de 2010, e sua reportagem, publicada em setembro, registrou a participação de apenas 270 inscritos. O 2º Congresso Nacional ocorreu em julho de 2011, sem nenhuma divulgação pelo MP. Sua reportagem saiu em novembro de 2011, indicando a participação de 320 alunos.

¹⁶² CONGRESSO de Musicistas Assembleianos: Evento das ADs em Rondônia enfoca vida cristã e produção musical. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 85, n. 1561, p. 23, Junho, 2015.

¹⁶³ Como o Rio Grande do Sul, onde esse pesquisador atua a mais de vinte anos.

¹⁶⁴ ALENCAR, 2013, p. 49.

¹⁶⁵ ALENCAR, 2013, p. 20.

¹⁶⁶ Entende-se “música de *performance*” aqui como o ato de cantar ou tocar sem a intenção de conduzir um cântico congregacional. Uma espécie de apresentação durante a liturgia de um culto.

2.1 AD e sua Música Congregacional

O fervor do canto comunitário pode ser apontado como uma marca distintiva da Assembleia de Deus desde os seus primórdios.

Essa igreja vai, então, crescendo e cantando, ou vice-versa. Não parece possível identificar qual ação é consequência da outra, mas fato é que a presença dos cânticos é marca inerente desse pentecostalismo emergente.¹⁶⁷

Esse fervor musical pode ter influência direta de seus fundadores, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que eram cantores e músicos¹⁶⁸ - algo pouco salientado na historicidade assembleiana! O Dicionário do Movimento Pentecostal registra um momento em que esses dois missionários, ainda nos primeiros dias no Brasil, “cantaram um hino em duas vozes” e “o poder de Deus caiu” sobre os que estavam ouvindo.¹⁶⁹ Outro relato também atribui a eles a elaboração de um caderno particular de hinos com letra e música, datado de 1917, contendo 10 hinos em inglês e 14 em sueco, todos com partituras.¹⁷⁰ Sem contar a influência de Frida Vingren, esposa de Gunnar, que “sempre se dedicou à música”. Ela “cantava, tocava órgão, violão e compunha hinos de grande valor espiritual”,¹⁷¹ tendo papel fundamental na construção da HC. Daniel, Gunnar, Frida e vários(as) outros(as) pioneiros(as), cantores(as) e musicistas contribuíram de maneira significativa para a *efervescência musical assembleiana*, notória em todo o território nacional. Pois, como bem registra o Manual da Harpa Cristã (MHC): “Cantando também se evangeliza. Cantando também se promove o avivamento. Não foi o que fizeram nossos pioneiros?”¹⁷²

Importante salientar que o canto comunitário da AD também veio quebrando paradigmas instrumentais, além dos litúrgicos.¹⁷³ Num período em que o órgão ainda era o instrumento sacro e algumas tradições utilizavam apenas o piano como seu substituto, as congregações assembleianas já faziam uso de instrumentos populares, considerados profanos, como: violão, cavaquinho, acordeão e até pandeiros e triângulos. Instrumentos de sopro também foram sendo incorporados

¹⁶⁷ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 25.

¹⁶⁸ Um áudio de Daniel Berg cantando o hino “Uma flor gloriosa” (196 HC), de autoria e composição desconhecida, tradução de Frida Vingren, está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uUerRkjC21U>> Acesso em 13 mai. 2016.

¹⁶⁹ ARAUJO, 2014, p. 34-35.

¹⁷⁰ Conforme matéria oficial da CPAD sobre os hinários percussores da Harpa Cristã. Pioneirismo. **Portal CPAD**. Disponível em: <<http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>> Acesso em 14 abr. 2016.

¹⁷¹ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 110.

¹⁷² ANDRADE, Claudionor Correa de. **Manual da Harpa Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 16.

¹⁷³ ARAUJO, 2014, p. 497.

com o tempo, trazendo um colorido de timbres bem brasileiro e distinto das demais igrejas evangélicas históricas. Sandro Baggio salienta que, nos Estados Unidos, foram as “igrejas pentecostais que primeiro encorajaram o uso de instrumentos musicais no culto, numa época em que muitas denominações proibiam seu uso”.¹⁷⁴ No Brasil não foi diferente.

Qualquer pessoa que visita uma congregação da Assembleia de Deus rapidamente constata que esta é uma igreja que ama cantar. [...] Mesmo nas mais humildes congregações, onde não há recursos [...] encontramos violões, sanfonas, cavaquinhos e outros instrumentos mais populares, a animar os cultos no acompanhamento dos hinos oficiais e de outras composições denominadas “hinos avulsos”. Grupos de cantores e músicos em conjuntos, orquestras e bandas emprestam sua valiosa cooperação aos cultos.¹⁷⁵

No entanto, com o processo de tradicionalização da igreja, a AD também passou a discriminar instrumentos como sacros e profanos. A bateria e os instrumentos eletrônicos foram rechaçados muito tempo por representarem a inovação, a identificação com os estilos ditos “seculares”, “mundanos” e até “diabólicos”. Nos anos 70,

Aquilo que agora era experimentado e reproduzido pela juventude evangélica encontrou como resposta a demonização dos ritmos, dos instrumentos musicais e da estética [...].¹⁷⁶

Hoje a *miscelânea instrumental e estilística* brasileira também faz parte do contexto litúrgico assembleiano. Desde milonga, baião, samba, sertanejo, até dobrados militares, música erudita e *rock in roll*, tudo é possível de ser encontrado numa AD no Brasil. Todavia, há oposição institucional a vários desses ritmos¹⁷⁷ e um constante chamado, através das comunicações oficiais, para que se retorne ao uso da HC, reconhecida como o “patrimônio cultural” das Assembleias de Deus.

¹⁷⁴ BAGGIO, Sandro. **Música Cristã Contemporânea**. São Paulo: Editora Vida, 2005. p.23-24.

¹⁷⁵ [S.n.] O motivo pelo qual cantamos: A AD é uma das igrejas que mais louvam e estimulam o louvor a Deus. **Messageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 71, n. 1402, p. 8, Março, 2002.

¹⁷⁶ SILVA, João Marcos da. **“As feias (e os feios) que me desculpem, mas beleza é fundamental”**: o uso contemporâneo da imagem e sua influência na mudança nos paradigmas estáticos utilizados na música “*gospel*” no Brasil. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. (Dissertação de Mestrado) p. 41.

¹⁷⁷ Exemplo de matéria institucional discriminando um estilo musical como profano: COSTA, Paulo Roberto Freire da. É certo louvar com rock? **Messageiro da Paz**. Rio de Janeiro: CPAD, ano 75, n. 1441, p. 15, Junho, 2005.

2.1.1 Harpa Cristã: “patrimônio cultural da AD”

No início da AD o cântico congregacional era realizado com o hinário “Salmos e Hinos”,¹⁷⁸ utilizado por diversas denominações evangélicas históricas. Como as peculiaridades que distinguiam o pentecostalismo das demais igrejas evangélicas não estavam presentes no conteúdo nesse compêndio, os missionários suecos prepararam um novo hinário em 1917, com 194 hinos.¹⁷⁹ Em 1921 foi publicado o “Cantor Pentecostal”, pela AD de Belém do Pará, contendo 44 hinos e 10 corinhos.¹⁸⁰ Em 1922, a AD de Recife lança a primeira edição da HC, com quase 100 hinos e 1000 exemplares, que foram distribuídos por todo o Brasil. Em 1923 saiu a 2ª edição, com 300 hinos. Gunnar Vingren até lançou outro hinário chamado “Saltério Pentecostal”, com 220 hinos, mas não conseguiu substituir o lugar já ocupado pela HC na liturgia assembleiana. Em 1932, a Harpa já contava com 400 hinos. Hoje possui 640.

2.1.1.1 Preservando a identidade teológica

Pesquisadores salientam a importante presença brasileira na construção da HC. A maioria dos hinos foi escritos por brasileiros. Alencar considera este hinário como “uma das marcas da Matriz Pentecostal Brasileira”.¹⁸¹ Souza Júnior ressalta as contribuições de: Paulo Leivas Macalão, com “208 hinos traduzidos ou adaptados para a Língua Portuguesa (versões) e 7 hinos de sua autoria (como letrista)”;¹⁸² Emílio Conde, com 16 de sua autoria;¹⁸³ e de Frida Vingren, autora de 23 hinos.¹⁸⁴

Alencar também destaca o conteúdo teológico da HC que, ao longo do tempo, construiu e reforçou a identidade da AD:

É esse conteúdo teológico que constrói e reforça essa “marca identitária”. E cantadas durante décadas, em todos os recantos do país, se tornaram símbolos internos e externos do grupo, como marcas “diacríticas” e simbólicas desta comunidade.¹⁸⁵

¹⁷⁸ Organizado pelo casal Robert e Sarah Kalley, fundadores da Igreja Evangélica Fluminense.

¹⁷⁹ ARAUJO, 2014, p. 342.

¹⁸⁰ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 48.

¹⁸¹ ALENCAR, 2013, p. 209.

¹⁸² SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 87-91.

¹⁸³ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 92-95.

¹⁸⁴ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 109-111.

¹⁸⁵ ALENCAR, 2013, p. 163.

Assim esses hinos, que desnudam “os conceitos cristãos do grupo”, revelam “suas preocupações” e definem “sua identidade confessional”,¹⁸⁶ foram gerando fé, unidade, crescimento e amor por Deus, pela igreja e pela arte de cantar e fazer música.

Frederico considera que,

O canto cristão criteriosamente preservado produz identidade comunitária que alimenta a fé e renova os laços que dão sentido à existência do grupo, principalmente de sua identidade confessional.¹⁸⁷

E observa ainda, que é possível determinar quais assuntos e que teologia tem sido priorizada, apenas analisando um hinário denominacional.

O hinário serve como um “atestado” daquilo que é mais importante na denominação, revelando os seus principais postulados doutrinários bem como as tendências teológicas abraçadas.¹⁸⁸

Harold sustenta que um “hinário é, por si só, uma obra exegética abrangente”, como “teologia metrificada”; “uma fonte importante e indispensável para pensar e cantar biblicamente”. Ele ressalta que “os melhores hinários são tesouros de teologia, oração, textos bíblicos, canções, hinos, informação, variedade estilística e oportunidades litúrgicas”, e que, “usados com sabedoria e criatividade”, tornam-se a “espinha dorsal” e o “centro em torno do qual todas as canções e práticas instrumentais devem ser agrupadas”.¹⁸⁹

A história da AD atesta o pensamento de Harold, pois registra o surgimento de inúmeros(as) cantores(as), musicistas e regentes através da prática de cantar e tocar a HC, bem como a formação de coros, banda e orquestras com esse objetivo. E, como os hinos da HC também foram utilizados por todas as ADs no Brasil - como as revistas da EBD - essa prática poderia ter sido incluída por Alencar quando abordou a sua homogeneidade doutrinária.¹⁹⁰

¹⁸⁶ FREDERICO, 2001, p. 341

¹⁸⁷ FREDERICO, 2001, p. 339.

¹⁸⁸ FREDERICO, 2001, p. 341.

¹⁸⁹ BEST, Harold. Adoração tradicional com hinos. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 70-71.

¹⁹⁰ Como mencionado no capítulo anterior. ALENCAR, 2010, p. 145.

2.1.1.2 Finalidades controversas

Alencar, no entanto, destaca a obrigatoriedade do uso da HC como “uma típica oficialização de uma elite culta e conservadora, com pretensão ao controle”, principalmente no que tange à expressão corporal. Conforme o autor,

[...] no culto pentecostal brasileiro existe toda a liberdade de falar, pregar, testemunhar para todos, homens e mulheres, em todos os lugares; nas casas, feiras, cadeias, esquinas, mas não há liberdade do corpo no cantar. Esse cântico milimetricamente regrado, metrificado e solene visa ao controle do corpo, daí a obrigatoriedade do hinário oficial.¹⁹¹

As palavras do pastor Antônio Mesquita, apologista assembleiano, parecem confirmar a tese de Alencar, pois justificam o uso do hinário oficial como uma forma de “coibir abusos”, “livrando o povo” dos “impulsos humanos” que os distanciam da “genuína adoração”. Segundo ele,

Os hinários – como a Harpa Cristã – passaram a figurar como referência de louvor e ainda como regra de padrão (protetor) de conduta musical. Figura ainda como meio de distanciar o fiel de formas mundanas de música, como as contemplativas – próprias de sistemas religiosos orientais – e as chamadas bate-estacas, dos rocks.¹⁹²

Claudiomiro de Andrade, ao escrever o MHC, alega que esse hinário tenha sido “especialmente organizado com o objetivo de enlevar o cântico congregacional e proporcionar o louvor a Deus nas diversas liturgias da igreja” e que “sua primeira finalidade” seria transformar” as igrejas “em comunidades de perfeita adoração”.¹⁹³

2.1.1.3 Propagando a fé pentecostal

Souza Júnior já destaca a importância da HC como propagadora da fé pentecostal no Brasil. Em sua pesquisa ele apresenta um estudo hinológico desse hinário, analisando sua história, seus principais compositores, suas estruturas musicais, seus principais temas teológicos e o considera como um “livro eficiente de motivação e de penetração da missão protestante pentecostal em solo nacional”,¹⁹⁴ com influência direta no fenômeno de crescimento e expansão da igreja, por possuir mensagens evangelísticas de convite à conversão pessoal e mensagens que enfatizam a ação militante dos fieis à evangelização. Segundo sua análise, a cada

¹⁹¹ ALENCAR, 2013, p. 313.

¹⁹² MESQUITA, Antônio. Músicas sacras dão espaço ao profano. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 78, n. 1471, p. 16, Dezembro, 2007.

¹⁹³ ANDRADE, 1999, p. 12.

¹⁹⁴ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 14.

10 canções da HC, uma delas traz um incentivo direto à prática missiológica e mais de 50% de seus hinos estão, de alguma forma, relacionados a essa temática.

Segundo a análise, o autor observa que

[...] a presença do espírito missionário não se mostra somente de forma declarada nos hinos da Harpa Cristã. Em muitos deles, esse sentimento se declara de maneira mais sutil, mas não menos influente, quer seja pelo sentimento proselitista manifestado em suas letras – uma vez que pregar o proselitismo, *a priori*, não deixa de ser uma maneira de fazer missão a moda pentecostal – ou a ideia de regeneração ou transformação de vidas – eventos atingidos somente com a conversão do indivíduo, o que, em última instância, é resultado da prática da missão. [...] ainda pode-se apresentar como elemento de extrema contribuição positiva ao crescimento missionário do pentecostalismo a forma de execução das músicas da Harpa Cristã [...] uma vez que, a comunidade envolvida pelo contagiante pulsar e pela alegria exprimida pelo andamento dos cânticos, sentia-se impelida a sair efusivamente anunciando o Evangelho a toda a criatura.¹⁹⁵

2.1.1.4 Jubilação do hinário

Contudo, a própria edição do MHC - visando “resgatar o uso congregacional e litúrgico” desse hinário¹⁹⁶ - mostra que há décadas a HC tornou-se algo obsoleto. Sua última atualização data de 1992 e suas alterações não foram aceitas por muitas igrejas, que preferiram utilizar a versão antiga, que foi simplesmente ampliada em 1996, sem nenhuma revisão significativa.¹⁹⁷ Em muitos lugares a HC é usada hoje apenas como fator de preservação de uma identidade litúrgica, com pouca conexão poética, rítmica, harmônica e melódica com as novas gerações.¹⁹⁸

Apoderando-se da categorização de Alencar: nos “templos-casa”, a HC ainda é elemento indispensável na liturgia, sendo acompanhada comumente por instrumentos populares ou cantada à *capela*;¹⁹⁹ nos “templos-pensão”, o hinário também faz parte de sua sequência litúrgica, acompanhado por bandas de música

¹⁹⁵ SOUZA JÚNIOR, 2011, p. 216-217.

¹⁹⁶ ANDRADE, 1999, p. 6.

¹⁹⁷ HARPA Cristã: o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 81, n. 1513, p. 12, Junho, 2011.

¹⁹⁸ Expressões como “encapelado mar” (578 HC) ou “em Jesus tens a palma” (75 HC) possuem uma linguagem distante da realidade poética atual. A pouca utilização de sínopes e dissonantes nos ritmos e harmonias da HC também a distancia da realidade rítmica e harmônica brasileira. E, como nas publicações com partitura, a melodia principal vem escrita na tessitura do soprano, a altura da melodia fica distante da realidade vocal da maioria da comunidade.

¹⁹⁹ Sem acompanhamento musical.

ou orquestra, mas disputa lugar com outros hinos e cânticos congregacionais e avulsos; nos “templos-shopping”, a utilização do hinário está quase em extinção.²⁰⁰

Em setembro de 2000, a revista *Pentecostes* publicou uma matéria na tentativa de resgatar a utilização da HC na liturgia assembleiana. O texto, quase apelativo, diz que os “novos paradigmas musicais” chegaram a “jubilar” o hinário, ao adotarem “a estética dos grupos de louvor”.

Os novos convertidos não sabem, mas as igrejas evangélicas nem sempre adotaram grupos de louvor em seus cultos. Antes de surgirem novidades nas formas de se empregar a linguagem musical, louvava-se a Deus com um hinário, a Harpa Cristã. [...] esse hinário, que tem a bênção de Deus, anda sumido. A Harpa está desaparecida das mãos dos irmãos e dos cultos.²⁰¹

Essa referência atesta a falta de utilização do hinário oficial desde antes da virada do século em alguns contextos assembleianos. Poderia essa realidade ter contribuído ainda mais para a falta de identidade comunitária e até doutrinária da AD?

Certo é que outros estilos estão dividindo ou até ocupando o espaço do louvor tradicional com hinos da HC na adoração comunitária da AD, gerando transformações litúrgicas - criticadas por uns, defendidas por outros.

2.1.2 “Corinhos” e “cânticos de louvor e adoração”

No fim da década de 50, um novo *gênero musical evangélico* foi sendo introduzido nas reuniões e cultos evangélicos brasileiros, o popularmente chamado “corinhos”.²⁰² Era uma hinódia nova, alternativa, com cânticos curtos e intuitivos, de melodia relativamente simplificada, repetitiva e intuitiva. As letras usavam uma linguagem coloquial.²⁰³ Por possuírem ritmos mais animados e serem de fácil memorização, esse novo gênero foi utilizado primeiramente nas reuniões de jovens, congressos e acampamentos. Mas pouco a pouco foi sendo tolerado e inserido nas

²⁰⁰ Esta categorização musical, a partir da categorização de Gedeon Alencar, é de conhecimento empírico do autor, mas vai de encontro à pesquisa de Marina Correa (2006) sobre a alteração das características tradicionais da AD.

²⁰¹ GALVÃO, Helder Corrêa. Harpa Cristã, atravessando fronteiras. *Pentecostes*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 3, Setembro, 2000.

²⁰² RAMOS, Luiz Carlos. Os “corinhos”: uma abordagem pastoral da hinologia preferida dos protestantes carismáticos brasileiros. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996. (Dissertação de Mestrado). p. 40.

²⁰³ LIMA, Éber Ferreira Silveira. Reflexões sobre a “corinhologia” brasileira atual. *Boletim Teológico*, n.14, p. 53-63, 1991. p. 54.

liturgias oficiais das comunidades – não sem resistência e críticas dos mais conservadores.²⁰⁴

Segundo a tese de Jacqueline Dolghie, os primeiros “corinhos” “eram traduções e adaptações de canções americanas, que aos poucos foram servindo de modelo para composições brasileiras”. Suas teologias não distanciavam da “teologia missionária do período de inserção protestante no Brasil”, caracterizadas pelo pietismo, individualismo, salvação pessoal e apelo emocional. E o caráter de suas melodias, “embora não fugisse da balada norte-americana”, era “mais alegre e marcado ritmicamente”.²⁰⁵

2.1.2.1 “Corinhos” do “Cantor Pentecostal”

Dolghie afirma que, “apesar se serem elaborados dentro dos moldes das cantigas americanas”, os “corinhos” representaram a primeira tentativa no Brasil de “ruptura com o modelo convencional dos hinários tradicionais” e que chegaram ao Brasil nos anos 50 e 60, com seu “apogeu no período da ditadura militar pós-64”.²⁰⁶

Magali Cunha também apresenta os “corinhos” como um “movimento de popularização da música evangélica dos anos 50 e 60”. Ela registra que os “corinhos” foram “inspirados em composições populares, de melodia e letra simples e forte tom emocionalista”, e salienta a influência dos pentecostais no desenvolvimento deste novo estilo. Segundo a pesquisadora, instituições paraeclesiais teriam sido responsáveis pelas versões em português de cânticos populares estadunidenses, como marchas e baladas românticas, e os pentecostais teriam desenvolvido as composições populares mais ligadas às raízes nacionalistas, como a música sertaneja.²⁰⁷

No entanto, é interessante observar que na historicidade da AD o termo “corinhos” foi utilizado para caracterizar uma categoria de canções distinta da categoria “hinos” na compilação no “Cantor Pentecostal”, publicado em 1921, cerca de quatro décadas antes desse “apogeu” registrado por Dolghie e Cunha. Mas como

²⁰⁴ RAMOS, 1996, p. 11.

²⁰⁵ DOLGHIE, Jacqueline Z. **Por uma Sociologia da produção e reprodução musical do Presbiterianismo Brasileiro: a tendência Gospel e sua influência no culto.** Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. (Tese de Doutorado). p. 205.

²⁰⁶ DOLGHIE, 2007, p. 204.

²⁰⁷ CUNHA, Magali do Nascimento. “**Vinho novo em odres velhos**”: Um olhar comunicacional sobre a explosão *gospel* no cenário religioso evangélico brasileiro. São Paulo: USP, 2004. p. 196-200 (Tese de Doutorado). p. 124.

eram esses “corinhos” contidos nesse hinário? Em que momento do culto eram utilizados? E por que essa categoria de cânticos não foi inclusa na compilação da HC em 1922? Esta pesquisa não tem como objetivo uma investigação histórica, todavia, faz o registro dessas indagações, por considerar que os “corinhos” também compõem a tradição litúrgica da AD.

2.1.2.2 Distinção entre “corinhos” e “cânticos de louvor e adoração”

Luiz Carlos Ramos, em sua pesquisa sobre esse tema, parece compreender todos os pequenos louvores congregacionais alternativos como “corinhos”.²⁰⁸ Araújo, no entanto, faz diferenciação entre “corinhos” e “louvores”, caracterizando o primeiro como cânticos em ritmo de marcha, usados nas campanhas evangelísticas.²⁰⁹ Dolghe também realça uma distinção entre “corinhos” e o que ela chama de “cânticos” - caracterizando o segundo como desenvolvimento do primeiro.²¹⁰ Éber Lima, em suas reflexões sobre o mesmo tema, entende “corinhos” como todas as canções evangélicas populares que, no rigor técnico, não são hinos, mas destaca o momento em que uma nova fase de “corinhos” foi inaugurada: “a do cântico popular doxológico”.²¹¹

Na AD, esses cânticos doxológicos são popularmente chamados de “cânticos de louvor e adoração” e se distinguem dos “corinhos” não apenas por sua temática, como, por algumas características peculiares.²¹² Suas estruturas musicais são mais desenvolvidas. Suas letras e músicas não são tão curtas. Seus ritmos, harmonias e instrumentações são mais contemporâneos - com utilização de síncopes, dissonantes e instrumentos eletrônicos - e seus arranjos são mais elaborados. A *performance* também difere. Os “corinhos” eram cantados de maneira mais simples, geralmente *puxado*²¹³ pelo próprio pastor da comunidade, ou outra pessoa *leiga musicalmente*, e todos os músicos presentes no culto acompanhavam

²⁰⁸ RAMOS, 1996, p. 11.

²⁰⁹ ARAUJO, 2014, p. 498.

²¹⁰ DOLGHIE, 2007, p. 203-210.

²¹¹ LIMA, 1991, p. 56.

²¹² Essas características registradas a seguir são de conhecimento empírico do autor, baseadas na sua experiência como ministro de música da AD e na utilização de coletâneas de “corinhos” e condução de cânticos de “louvor e adoração” nas liturgias desta denominação.

²¹³ Termo popular usado no assembleianismo brasileiro que indica o início e/ou a condução do cântico congregacional.

em seus instrumentos - sem partitura, nem ensaio.²¹⁴ Já no estilo “louvor e adoração” é tudo mais organizado e elitizado. Existe a figura do “ministro de louvor”,²¹⁵ que conduz a adoração comunitária, acompanhado por uma banda devidamente ensaiada, formada geralmente por teclado, contrabaixo, violão, guitarra, bateria e *back vocal*. Os “corinhos” vinham por vezes impressos em coletâneas, ou eram cantados de memória, enquanto os “cânticos de louvor e adoração” são geralmente projetados.

2.1.2.3 Momento de “louvor e adoração”

Independente de categorização, certo é que um novo estilo de música eclesial foi incorporado à cultura dos jovens protestantes no Brasil na década de 70. E, a partir dos anos 80, muitas igrejas já dedicavam um período do seu culto oficial somente para os “cânticos de louvor e adoração”,²¹⁶ “mudando o tradicional sistema de a igreja cantar dois ou três hinos escolhidos de um hinário”.²¹⁷ Éder Carvalho, ao escrever sobre o “ministério de louvor na cultura pentecostal clássica”, salienta que, desde a adesão desse estilo, as músicas se modernizaram em seus arranjos e “o desejo de participação do auditório aumentou”, gerando crescimento numérico nas comunidades que aderiram a esse estilo.²¹⁸ Será?²¹⁹

Evidente é que a partir da década de 90 o cenário musical eclesial do Brasil, e conseqüentemente da AD, sofreu maior transformação. Foi a explosão da música *gospel*. Os aspectos positivos e negativos desse *movimento* - que segundo Dolghe foi a culminância dos cânticos de “louvor e adoração”²²⁰ - serão abordados no último capítulo. Entretanto, é importante considerar aqui que as transformações litúrgicas, geradas pela hegemonia *gospel* sobre os demais estilos, têm sido

²¹⁴ Essa prática ainda é comum.

²¹⁵ Título utilizado atualmente para designar aquele, ou aquela, que conduz o momento de “louvor e adoração”, não apenas cantando à frente da comunidade, como lendo textos bíblicos, fazendo orações e pequenas prédicas, incentivando o contato místico individual com o transcendente. Segundo Eberle, o termo “ministro de louvor” difere do “ministro de música”, porque ao primeiro é dado o “poder da palavra”. EBERLE, Soraya Heinrich. “**Ensaio pra quê?**”: reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de louvor e adoração como agente e espaço formador teológico-musical. São Leopoldo: EST, 2008. (Dissertação de Mestrado) p. 86.

²¹⁶ Geralmente no início do culto. FREDERICO, 2007, p. 44.

²¹⁷ ARAUJO, 2014, p. 498.

²¹⁸ CARVALHO, Éder. **Repensando o nosso louvor**: O ministério de louvor na cultura pentecostal clássica. Blumenau: Volante Comunicações, 2013. p. 83.

²¹⁹ Esta afirmação de Eder Carvalho carece de uma pesquisa.

²²⁰ DOLGHE, 2007, p. 203-210.

prejudiciais às comunidades da AD no que se referem à valorização da cultura de coros, conjuntos, bandas de música, orquestras e outros grupos musicais formados por músicos e cantores amadores.²²¹ Alguns dos *estilos performáticos* que têm sido característicos da AD, e que, com a adesão à cultura *gospel* estão se extinguindo, serão apresentados a seguir.

2.2 AD e sua Música de Performance

O fervor do canto comunitário é uma das marcas da AD. Todavia, sempre houve abertura e incentivo à música de *performance*, onde um(a) ou mais cantores(as) ou instrumentistas apresentam hinos no culto, enquanto a comunidade assiste e participa com expressões de êxtase, como “aleluia”, “glória a Deus”, “amém” e as *glossolalias*.

Essa prática atesta a visão comunitária de que a música não possui apenas dimensão *doxológica*. Um coro, por exemplo, “não funciona apenas como boca da comunidade, como parte dela e como seu representante, mas também pode dirigir-lhe a palavra”²²² com função de anúncio, de proclamação, numa dimensão *querigmática*. E a dimensão *koinoníaca* de cada comunidade também é fortalecida através destes grupos musicais - vocais ou instrumentais.

2.2.1 Performance vocal

As congregações da AD são organizadas em departamentos²²³ por atividades²²⁴ e faixas etárias.²²⁵ Como o canto faz parte da vida eclesiástica e social no pentecostalismo, a música está presente em quase todas as áreas. É comum ter conjuntos musicais específicos de crianças, de adolescentes, de jovens, de casais, de mulheres, de evangelismo e outros que cooperam nas atividades do seu respectivo departamento, além de o representarem nas atividades gerais da igreja,

²²¹ A pesquisa de Marina Correa sobre a alteração das características tradicionais da AD do bairro Bom Retiro em São Paulo, registra essa tendência. CORREA, 2006, p. 98-114.

²²² ALBRECHT, Christoph. A música no Culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciências Litúrgicas: História e forma do culto**. São Leopoldo: Sinodal/CRL, 2013. v. 2, p. 360.

²²³ CORREA, 2013, p. 243.

²²⁴ Como os departamentos de Ensino, Evangelismo, Missão, Discipulado, Círculo de Oração, Família, Recepção, Assistência Social, e outros.

²²⁵ Departamento Infantil, de Adolescentes, de Jovens, de Terceira Idade, e outros.

como no seu culto oficial de domingo à noite. As apresentações desses grupos tornaram-se “componentes fundamentais para a parte musical dos cultos” de tradição assembleiana.²²⁶

Além desses grupos musicais de classe, muitas ADs também possuíam, e algumas ainda possuem, um coro oficial da igreja, formado por jovens e adultos, geralmente cantando a quatro vozes.²²⁷ Araujo registra que “as igrejas pentecostais clássicas introduziram também os corais e organizaram as músicas para eles”.²²⁸ A própria HC com música - editada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) - vem escrita a quatro vozes para ser cantado em formação coral.

Nos cultos assembleianos existe também a prática de dar-se oportunidade para que os crentes apresentem um hino, geralmente, não do hinário oficial, nem ainda um cântico congregacional.²²⁹ São os chamados “hinos avulsos”, ou ainda, “hinos especiais”, cantados por um solista, uma dupla, trio, quarteto, conjunto, coro ou até por uma banda de música ou orquestra sinfônica numa apresentação instrumental durante o culto. Alencar menciona essas “apresentações musicais” por “cantores e cantoras de carreira solo ou grupos musicais distintos de homens, mulheres, jovens ou crianças” como “algo muito comum nas ADs”.²³⁰

Essa *democratização prática* da música no contexto assembleiano brasileiro pode vir ao encontro do que Louis Illenseer defende como “educação musical inclusiva”. Ele sustenta a tese de que “o fazer musical, no caso de participar de um coro sacro ou tocar um instrumento musical no culto, é para todos”. E que é dever da igreja – ainda que não como objetivo primordial, mas fundamental – “desenvolver processos que garantam a inclusão de pessoas interessadas” nesse fazer musical.²³¹

Assim, essa concepção musical inclusiva, aliada ao fervor da música comunitária e à necessidade crescente de cantores, instrumentista e regentes para servir às inúmeras congregações da AD, têm contribuído, significativamente, para a geração de cantores(as) e musicistas.

²²⁶ ARAUJO, 2014, p. 498.

²²⁷ Soprano, contralto, tenor e baixo (ou barítono oitavando as sopranos).

²²⁸ ARAUJO, 2014, p. 498.

²²⁹ ARAUJO, 2014, p. 497.

²³⁰ ALENCAR, 2013, p. 163.

²³¹ ILLENSEER, Louis Marcelo. Criação Musical na Igreja: processos inclusivos de composição, arranjo e interpretação musical. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 131.

2.2.2 Performance instrumental

A tradição de bandas de música na AD é uma questão que ainda carece de investigação. De onde vem essa tradição? Influência sueca da cultura de bandas europeias? Influência americana com o Exército da Salvação? Ou mais uma característica de sua brasilidade, com a influência do militarismo brasileiro vigente na época?

Araujo comenta que, “a partir da década de 30, quase todas” as Assembleias de Deus já “passaram a se esforçar para organizar uma banda” na sua igreja.²³² O músico Jahn Sorheim²³³ parece ter sido um dos principais protagonistas dessa história de amor entre assembleianos e música instrumental. Ele é reconhecido pelo MP como “missionário pioneiro da música sacra instrumental e coral da igreja Assembleia de Deus”.²³⁴ Segundo os registros de Araujo, Jahn “cooperava na AD de Santos (SP), formando músicos e conjunto coral”. E, “apesar das grandes restrições físicas que lhe dificultavam a locomoção, dedicou sua vida ao louvor e organizou a banda de música da AD de São Paulo (SP)”.²³⁵ A orquestra filarmônica da mesma igreja, inaugurada em 1941, recebeu o seu nome, assim como a Associação Musical fundada em 1989.²³⁶ A banda de música da AD do Belém do Pará iniciou, em 1937, pelo trabalho ou incentivo do pastor Pedro Trajano.²³⁷ E assim, essa cultura foi se propagando por todo o Brasil.

Souza Junior chega a afirmar que, “como era motivo de orgulho para uma congregação o fato de possuir uma banda, um grande número delas se empenhou para tê-las em seus templos”.²³⁸ A visão missionária dos pastores também os motivava à formação de bandas em suas igrejas, pois elas eram utilizadas nas grandes cruzadas evangelísticas, cultos nas praças e esquinas.²³⁹ Desfiles dos “crentes” com a Bíblia nas mãos, cantando hinos da HC, seguindo uma banda de

²³² ARAUJO, 2014, p. 498.

²³³ Uma pesquisa sobre este personagem importante da música assembleiana ainda precisa ser feita e documentada.

²³⁴ MÚSICA sacra erudita: Orquestra Filarmônica Evangélica ganha notoriedade no país. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 79, n. 1491, p. 23, Agosto, 2009.

²³⁵ ARAUJO, 2014, p. 498.

²³⁶ O site oficial da Associação Musical Jahn Sorheim está disponível em: <<http://amjsad.com.br/>> Acesso em: 24 mai. 2016.

²³⁷ O quarto brasileiro a receber a ordenação pastoral na AD.

²³⁸ SOUZA JUNIOR, 2011, p. 217.

²³⁹ ATÉ onde tivesse Correios: Projeto de expansão da igreja em SC vira ditado popular no Brasil.

Mensageiro da Paz. Rio de Janeiro, ano 71, n. 1388, p. 9, Junho, 2001.

música, caracterizavam uma AD na cidade. O autor chega a dar asas a sua imaginação:

Tento imaginar que ao ouvir uma marcha entoada pelos metais, sonido suas notas em sinfonia com as cordas dos seus corações, os crentes saiam aos quatro cantos como “soldados que marcham” para cumprirem o mandado de Jesus, proclamando o Evangelho da Salvação.²⁴⁰

Os cultos principais da igreja possuíam o *tempo* especial do *colorido sonoro* da diversidade instrumental de suas bandas. Carl Joseph Hahn, ao descrever um pouco da cultura litúrgica da AD, registra a presença da “banda da igreja” e das músicas de *performance*.

Com o culto da noite vem o grande clímax da semana. Todos os que sabem tocar algum instrumento têm um lugar na banda da igreja que toca muitos números especiais.²⁴¹

A partir das bandas de música, várias outras formações instrumentais foram ganhando espaço na liturgia assembleiana. Desde as bandas de fanfarras, com seus dobrados e marchas, orquestras de sopro ou sinfônicas completas com seus clássicos eruditos, até *big bands*, com *jazz* e ritmos brasileiros - nunca desprezando o acompanhamento dos hinos tradicionais da HC, que por vezes também recebem novos ritmos e estilos em seus arranjos.²⁴²

Por essa cultura de bandas, a AD tem sido reconhecida como “um berço de músicos” no Brasil, responsável pela formação de inúmeros instrumentistas e regentes de bandas militares e de orquestras sinfônicas.²⁴³ Com a ausência da educação musical nas escolas brasileira, as escolas de música da AD²⁴⁴ - muitas vezes gratuita e/ou com instrumentos em comodato – têm, em grande medida, sustentado a cultura instrumental em âmbito nacional.²⁴⁵ Em matéria para a revista da ABEM sobre “a música evangélica na atualidade”, Eliane Martinoff salienta essa

²⁴⁰ SOUZA JUNIOR, 2011, p. 217.

²⁴¹ HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Tradução de Antônio Gouyêa Mendonça. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2011. p. 381

²⁴² Um exemplo de big band assembleiana tocando um hino da HC com outra *roupagem* rítmica, harmônica e melódica está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UIMqHBeQBNk>> Acesso em: 14 mai. 2016.

²⁴³ Em 2011, cerca de 70% dos componentes da Banda de Música da Aeronáutica em Brasília (DF) eram evangélicos, e destes, 60% eram assembleianos. ASSEMBLEIA de Deus: um dos principais berços da música erudita no Brasil. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 81, n. 1513, p. 23, Junho, 2011.

²⁴⁴ A igreja Congregação Cristã do Brasil também é responsável por este *sustento cultural*, por utilizar e incentivar o uso de instrumentos de banda e orquestra em sua liturgia, ainda que não haja abertura para a música de *performance*.

²⁴⁵ FAVARO, 2007, p. 104-106.

dependência, já que “há mais de 30 anos, os conteúdos de música não vêm sendo ministrados a todos na escola pública”.²⁴⁶

As igrejas protestantes, em função da valorização da música em seus cultos, enfatizam a educação musical, ainda que informalmente. Muitas igrejas evangélicas possuem uma escola de música que atende não somente aos seus congregados em várias faixas etárias, mas também a pessoas da comunidade. Assim, as consequências do crescimento do número dos evangélicos são muitas para o campo da música.²⁴⁷

2.2.3 Congregacionalização – ou midiaticização – da música eclesial brasileira e suas implicações na cultura performática assembleiana

Com a apropriação da cultura *gospel*, há uma tendência à extinção da cultura de coros, conjuntos, bandas de música e orquestras, por questões estilísticas, razões financeiras e funcionais.²⁴⁸ Frederico alerta para o fato de que “os grandes coros, as orquestras, as músicas de cantata são hoje minoria e, não demora, farão parte de um museu”. Isso devido ao fato do “surgimento de um outro tipo de música que tem sido cantada nas igrejas evangélicas”, “produzida e divulgada pela mídia em geral e repetida nas igrejas”.²⁴⁹

Todavia, existem aqueles que ainda acreditam na importância do canto coral e da música instrumental, tanto para a liturgia da igreja e a sua missão evangelical, como para a formação do ser humano,²⁵⁰ o crescimento cultural da comunidade e o resgate social da população. Com o objetivo de manter viva essa tradição nas ADs brasileiras, desde 2001, maestros assembleianos passaram a realizar, anualmente, um Encontro Nacional de Bandas e Orquestras (ENBO).²⁵¹ O evento é organizado por uma comissão nacional, independente da CGADB,²⁵² mas conta com o apoio

²⁴⁶ MARTINOFF, 2010, p. 72.

²⁴⁷ MARTINOFF, 2010, p. 68.

²⁴⁸ A estrutura física, instrumental, financeira e humana para se organizar e manter uma banda de música ou orquestra sinfônica é relativamente maior do que para se organizar e manter uma banda de “louvor e adoração”.

²⁴⁹ FREDERICO, 2007, p. 131.

²⁵⁰ Sofia Dreher ressalta que “quando ensinamos uma criança a tocar um instrumento, podemos devolver a ela uma autoestima antes destruída e podemos ajudá-la a resgatar a admiração de seus pais, o respeito dos seus colegas, a mudar as relações de afeto daquelas pessoas que convivem com ela e assim sucessivamente”. DREHER, Sofia Cristina. *Música: veículo de resgate e transformação comunitária e social*. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 154.

²⁵¹ Esse ano o XV ENBO será realizado na cidade de Rio Verde, Goiás, conforme site oficial: Vem pro ENBO 2016. Disponível em: <<http://www.enbo.com.br/>> Acesso em: 24 mai. 2016.

²⁵² Sem apoio financeiro, organizacional ou intervenção da mesma.

das igrejas locais que sediam o evento²⁵³ e a mobilização de maestros e músicos evangélicos que continuam acreditando na relevância nesta cultura - que sempre sobreviveu pela *militância aguerrida* de professores e regentes por vezes anônimos.²⁵⁴ A coluna de música do MP de março deste ano, por exemplo, registrou o esforço das professoras e maestrinas Jucimara Branco e Luciana Pereira na formação de uma orquestra numa comunidade carente em Curitiba/PR.²⁵⁵

Conclusão

Araujo salienta que “um aspecto central da música pentecostal” é a “importância de cantar e se apresentar com a ajuda do Espírito Santo”, e que essa atitude, naturalmente, conduz a expressões e ministérios musicais que tendem a ser menos formais em suas organizações e práticas, comparadas às outras tradições cristãs.²⁵⁶

Essa informalidade torna-se perceptível ao analisar a historicidade da música da AD, onde o próprio ato de cantar e tocar para Deus, e por Ele, faz parte intrínseca do ser igreja. Um “celeiro musical” que gera cantores(as) e instrumentistas para dentro e para fora da comunidade, pela própria comunidade, sem uma institucionalização desse processo, nem reflexão ou teorização teológica significativa. Uma cultura que transcende o comunitário, incorporando o performático na própria liturgia, mas com o fim na edificação da própria comunidade. Uma igreja que, embora seja fundada com uma prática musical revolucionária, a partir de dois jovens músicos e cantores, quebrando paradigmas teológicos, litúrgicos, estilísticos e instrumentais, se permite tradicionalizar, sacralizando seus modos, radicalizando-se contra o novo, em defesa de uma identidade que nem ao menos sabe definir. E que agora, mais que nunca, vê seus conceitos sendo desconstruídos pela nova geração assembleiana - pós-inserção do movimento *gospel* - que questiona as formas em busca de experiências religiosas que lhe dê significado.

²⁵³ ENCONTRO Nacional de Bandas em MG: Igreja em Uberlândia recebeu evento deste ano; próximo será em Palmas. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 81, n. 1517, p. 7, Outubro, 2011.

²⁵⁴ Segundo Alencar, na AD “quem de fato faz a igreja: quem a constrói, a leva nos ombros e a mantém?” É o “membro anônimo”. Na música não é diferente! ALENCAR, 2010, p. 21.

²⁵⁵ IGREJA cria orquestra em comunidade carente: Trabalho é desenvolvido por congregação da AD em Curitiba. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 86, n. 1570, p. 23, Março, 2016.

²⁵⁶ ARAUJO, 2014, p. 496.

A partir dessas concepções identitárias e históricas, como a AD brasileira pensa e organiza o seu *Ministério de Música*? Quais as suas dimensões? Como se dá a relação pastores e músicos nesse contexto? E qual é a concepção teológica-musical dessa denominação?

No próximo capítulo serão abordadas essas questões na busca de uma melhor reflexão sobre a música pentecostal brasileira, a partir dessa igreja que canta, toca e cresce.

3 MÚSICA NA IGREJA: MUITA ATIVIDADE, POUCA REFLEXÃO

Introdução

A Bíblia registra a existência da música antes e durante a criação do mundo,²⁵⁷ o que aponta para a musicalidade como algo divino, entregue aos homens como uma dádiva.²⁵⁸ Essa visão representa uma das principais concepções de Lutero a respeito da música. Nesse “paradigma”, o reformador contraria os “fanáticos” e “pseudoespirituais” que têm a música como algo humano e, conseqüentemente, pecaminoso. Ser “criação de Deus” remete a sua origem divina, sendo expressão dos atributos de Deus. E ser “dádiva de Deus” remete a sua pureza, permitindo que o ser humano possa desfrutar “desse prazer não ser pecado”.²⁵⁹

No entanto, parece que esse conceito sobre música não se tornou homogêneo nas igrejas evangélicas. As artes ainda são vistas por alguns como algo puramente humano e, conseqüentemente, *carnal; transcendentemente divino e humanamente profanado*; ou até *inerentemente celestial e diabolicamente decaído* - mesmo em contextos eclesiásticos onde a música é intrínseca a sua vida e liturgia.

Antônio Gilberto, consultor doutrinário da AD, utilizando-se da referência de Jubal como “pai dos músicos”, atribui o dilúvio à dita profanação da música e também confere ao Diabo o título de “maestro no céu”. Segundo ele, “quando a música foi profanada, nos primórdios da raça humana (Gn 4.21-24), veio mais tarde o dilúvio”.²⁶⁰ E ainda afirma que,

Uma das razões porque o Diabo tem causado tanto estrago na música, tanto fora, como dentro da Igreja, é porque ele antes da sua queda era dirigente de música no céu (Ez 28.13 e Jó 38.7). Portanto, ele conhece essa matéria e sabe como corrompê-la.²⁶¹

²⁵⁷ O texto de Jó 38.4-7 aponta para a existência da música antes da criação do mundo. Percebe-se nesse relato poético, a terra sendo formada por Deus ao som de boa música e muita festa.

²⁵⁸ “Não é difícil concluir que os que estiverem longe da presença de Deus na eternidade também estarão sem música.” FREDERICO, 2007, p. 144.

²⁵⁹ Dr. Carl F. Shalk escreveu suas pesquisas sobre as compreensões centrais de Lutero referente à música, o qual chamou de “5 paradigmas de louvor”. Segundo ele, o reformador considerava a música [1º] “como criação e dádiva de Deus”, [2º] “como proclamação e louvor”, [3º] “como canto litúrgico”, [4º] “como a canção do sacerdócio geral” e [5º] “como um sinal de continuidade com a igreja una”. SCHALK, Carl F. **Lutero e a Música: Paradigmas de louvor**. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 39-65.

²⁶⁰ GILBERTO, Antônio. Ética Cristã: Os músicos e o uso dos instrumentos. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 74, n. 1426, p. 15, Março, 2004.

²⁶¹ GILBERTO, 2004, p. 15.

Assim, a própria visão ministerial da música é questionada. *Mitos medievais*²⁶² permanecem assombrando o imaginário musical eclesiástico, agravando ainda mais os conflitos entre pastores e músicos, enquanto aspectos específicos da adoração judaica estão sendo resgatados, trazendo mais confusão teológica e prática para o contexto da música no pentecostalismo brasileiro.

Esse capítulo abordará algumas destas discussões que permeiam o universo musical eclesiástico no Brasil, refletindo a partir da sua prática na AD, a fim de estabelecer princípios para o *Ministério de Música* no pentecostalismo.

3.1 Ministério de Música: um serviço eclesiástico ainda marginalizado

Os repórteres da “Revista da Semana” que estavam assistindo a um culto assembleiano pela primeira vez, em 1945, logo perceberam o destaque que era dado à música nessa denominação evangélica, excedendo questões doxológicas, ultrapassando “simples” questões litúrgicas.

Constataram os ilustres visitantes que “Assembleia de Deus ensina a palavra de Deus através da música e leva a Deus os pedidos dos homens pela letra de hinos e salmos”. Muito mais do que simples parte do programa, os hinos (juntamente com a palavra) eram a própria pregação, oração e adoração a Deus. [...] Subitamente o pastor Cícero direciona os músicos e a congregação que toquem e cantem o hino “Às Armas”. Enquanto cantam o hino, a imagem que se tem é de um batalhão. “São soldados de Deus preparados para a luta, que cantam seu hino de combate”. Com entusiasmo e postura militar, louvam e se preparam para a batalha cujo principal objetivo é “as ovelhas desgarradas”, “prontos para a luta árdua da evangelização”.²⁶³

Esse exemplo demonstra como a música desempenha um papel importantíssimo na vida cristã. Ela lida com dimensões teológicas, litúrgicas, históricas, antropológicas, sociológicas, culturais, familiares, didáticas, físicas, emocionais e espirituais.

Todavia, ainda hoje, inúmeras dúvidas, desconfianças, discriminações, inseguranças, incertezas e falsas certezas permeiam o universo musical eclesiástico, apoiadas por *mitos*, tradições e interpretações teológicas diversas. Além de experiências negativas entre pastores e músicos - o que tem gerado certos estereótipos vinculados a músicos evangélicos, tais como “temperamentais”,

²⁶² Como histórias de bruxas, anjos e demônios, sem respaldo bíblico, com intuito de amedrontar e subjugar o povo.

²⁶³ SANTANA, 2016, p. 15.

“excêntricos”, “difíceis”, “estranhos”, “mal humorados”, “instáveis emocionalmente”, “independentes”, “ardilosos”, “indisciplinados”...²⁶⁴ E essas generalizações têm contribuído ainda mais para o preconceito da música como ministério.

Mas a música é um ministério? O que dizem os pesquisadores e teólogos sobre esse assunto? E como ele é visto no contexto pentecostal?

3.1.1 Música como ministério

Marcos Witt aborda o *Ministério da Música* na Bíblia salientando a importância do entendimento desse tema como resposta aos desafios que as igrejas enfrentam nessa área.

Em termos gerais, necessitamos elevar a percepção do ministério da música na igreja cristã de todo o mundo, a um entendimento mais profundo do que significa esse ministério, que lugar ocupa na Palavra e qual é o seu lugar na igreja [...].²⁶⁵

Alguns pesquisadores e teólogos já vêm entendendo a prática musical nas igrejas como algo que suplanta a produção de sons, envolvendo processos eclesiológicos, teológicos, litúrgicos e comunitários, além de sociais, culturais, históricos, educacionais, estéticos, organizacionais, tecnológicos e comunicativos.²⁶⁶ A visão de que, no contexto eclesiástico, musicistas são legitimamente ministros, recebe apoio desses pesquisadores, cômicos do entendimento de que “música, teologia, liturgia, palavra pregada e comunidade” são esferas interdependentes e indissolúveis.²⁶⁷

Carl Schalk salienta a ênfase que Martinho Lutero - músico²⁶⁸ e teólogo²⁶⁹ - dava à música na liturgia e a própria vida da igreja.

Sua própria atividade musical, sua familiaridade com a música e os músicos do seu tempo, sua preocupação com que pastores e professores tivessem

²⁶⁴ O músico e escritor Rory Noland, diretor do Ministério *Heart of the Artist*, apresenta esses estereótipos negativos de pessoas que possuem o que ele chama de “temperamento artístico” que, como todo temperamento, precisa ser transformado. NOLAND, Rory. **O Coração do Artista**. São Paulo: W4 Editora, 2007. p. 13-26.

²⁶⁵ WITT, Marcos. **O que fazemos com estes músicos?** São Paulo: W4ENDOnet Comunicação, 2000. p. 31.

²⁶⁶ EWALD, 2010, p. 11.

²⁶⁷ Dr. Werner Ewald reuniu artigos de vários pesquisadores para discorrerem sobre Música e Igreja. Todos concordam que música na igreja é um ministério eclesiástico. EWALD, 2010, p. 12.

²⁶⁸ Lutero estudou música na Universidade de Erfurt e, segundo as pesquisas de Schalk, teve sua vida “modelada, pelo menos em parte, por sua experiência com música” [1] em sua casa, [2] em sua educação escolar, [3] no monastério e [4] como sacerdote. SCHALK, 2006, p. 9.

²⁶⁹ Schalk registra que “Lutero desprezava particularmente aqueles que queriam ser teólogos quando não sabiam nem sequer cantar”. SCHALK, 2006, p. 38.

uma educação musical de qualidade, seu interesse em enfatizar que a música na igreja deveria receber suporte financeiro adequado, seu encorajamento à educação musical das crianças, suas tentativas em compor tanto hinos como peças polifônicas, juntamente com sua colaboração direta com os músicos ocupados com a preparação de música para a liturgia, tudo aponta para uma ênfase em música como uma arte prática e de *performance* com uma função direta, crucial e importante na vida e no culto da igreja.²⁷⁰

Ante essas concepções, a música exerce uma função ministerial de serviço tanto a Deus (e em nome dele) quanto à comunidade (e em nome dela).

Mas o que é “ministério”?

3.1.1.1 Redefinindo o termo

Esse termo, embora comumente utilizado no meio eclesiástico, ainda possui sentidos controversos.²⁷¹ Confundem-se atividade ministerial²⁷² com dom ministerial.²⁷³ Ministério vocacional²⁷⁴ com ministério denominacional.²⁷⁵ E ainda, ministério leigo²⁷⁶ com ministério ordenado.²⁷⁷

A expressão “dons ministeriais”, atribuída por vários comentaristas bíblicos ao conjunto de vocações descrita em Efésios 4.11, tem contribuído ainda mais para essa desorientação quanto ao termo “ministério”.²⁷⁸ A partir dessa nomenclatura extra-bíblica, subentende-se que ministérios são apenas de “apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores”, desconsiderando que a sequência do texto bíblico (v.12) aponta esses cinco “dons ministeriais” ao serviço do aperfeiçoamento dos múltiplos ministérios do “corpo de Cristo”, que precisam estar ajustados e em cooperação mútua para que haja crescimento (v.16).

Não há nenhuma dúvida de que a Bíblia Sagrada apresenta ordenanças para se organizar diversos ministérios através dos quais a Igreja de Cristo terá desenvolvimento saudável. A liderança de uma igreja cristã autêntica,

²⁷⁰ SCHALK, 2006, p. 22.

²⁷¹ Martin Volkman aborda o assunto ministério/ministérios dentro da teologia prática, salientando pontos controversos entre as igrejas em torno desses termos. VOLKMANN, Martin. Teologia Prática e o Ministério da Igreja. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 79.

²⁷² Função/ofício.

²⁷³ Carisma/dom, como descritos em Ef 4.11, que alguns comentaristas bíblicos chamam de “dons ministeriais”.

²⁷⁴ Entende-se vocação aqui como inclinação, tendência, habilidade, competência, capacitação, talento, aptidão e até disposição de aprendizado para exercer determinada função.

²⁷⁵ Denominação instituída ou pertencente.

²⁷⁶ Exercido por membros da comunidade religiosa.

²⁷⁷ Eclesiasticamente autorizado/consagrado/ungido.

²⁷⁸ Exemplo: STAMPS, Donald C.. Dons Ministeriais para a Igreja. In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Flórida: CPAD, 1995. p. 1814.

que direciona sua direção a esses ensinamentos bíblicos, e organiza e mantém ministérios de maneira inteligente e eficaz à luz da Palavra de Deus, indubitavelmente terá: pastores saudáveis, cooperadores saudáveis, famílias cristãs saudáveis, igrejas saudáveis [...].²⁷⁹

Na busca pela etimologia bíblica, importante considerar que a palavra “ministério” não encontra termo correspondente no original do Antigo nem no Novo Testamento.

Embora a língua grega apresente uma variedade de opções para descrever cargos e funções (...) nenhuma dessas expressões foi aproveitada para cunhar um equivalente terminológico ao nosso termo “ministério”. Onde nas versões da Bíblia é usado esse termo, geralmente ele é a tradução do correspondente grego *diakonia*. Também esse termo vem do grego profano, em que originalmente significa “servir à mesa”.²⁸⁰

O termo “ministério”, na Bíblia possui então a conotação de “serviço”. No entanto, não um serviço gerado por impulso humano, como simples atividade eclesial, mas por um impulso divino, numa ação gerada pela fé.

Ao abordar a teoria e prática do ministério da música, Cleonir Zimmermann traz a concepção de que a “ação de Deus é o seu ministério”, logo, “o ministério é e vem de Deus”, gerado no ser humano pelo “impulso da fé”. Nessa perspectiva, “todo serviço realizado a partir do impulso da fé é ação ministerial”.²⁸¹ A música dentro do contexto da espiritualidade passa então a ser *ministério*. E seus musicistas, *ministros eclesiais* que servem a Deus e às pessoas através da música. Assim o trabalho de um músico no exercício de sua espiritualidade é um *ofício ministerial eclesial funcional* com relevância em todo o contexto comunitário.

3.1.1.2 *Ministério de Música na AD*

Na formação teológica das Assembleias de Deus esse ministério ainda carece de definições exatas. Ao ensinar sobre “Ministério da Igreja”, a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD), apresenta “outras classes de ministérios”, além dos enumerados em Efésios 4.11 que podem ser “levados a efeito por obreiros locais”. O ministério da música não pontua entre essas classes de

²⁷⁹ COELHO, Nilton Didini. **Manual do Líder de Louvor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 61.

²⁸⁰ VOLKMANN, Martin. Teologia Prática e o Ministério da Igreja. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 81.

²⁸¹ ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. Teoria e Prática do Ministério de Música. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 59.

obreiros que compreendem: “presbíteros”, “diáconos”, “professores da Escola Dominical”, “líderes de mocidade” e “líderes de círculos de oração”.²⁸² Todavia, no “Manual do Líder de Louvor”, editado pela CPAD, o Pr. Nilton Didini Coelho utiliza-se dos termos “ministério de música”, para referir-se a departamento de música eclesiástica,²⁸³ e “ministro de música”, para referir-se a líder desse departamento.²⁸⁴ Um maior entendimento e aceitação desse ministério no meio teológico e eclesiástico pentecostal brasileiro torna-se um grande desafio.

Gedeon Alencar fez distinção entre 3 significados da “palavra *Ministério*” no contexto assembleiano,²⁸⁵ classificando-os em: (1) “Ministério Corporativo”,²⁸⁶ (2) “ministério estamental”,²⁸⁷ e (3) “ministério orgânico”.²⁸⁸ Nessa classificação, o *Ministério de Música* é categorizado como um “ministério orgânico”, considerado na AD como uma “classe desfavorecida”, sem poder de decisão. Nessa classe, “seus membros não precisam de uma oficialização de consagração”²⁸⁹ e até as mulheres podem participar desse “ministério”.²⁹⁰ Somente os que integram os “ministérios estamentais” são considerados “de fato o que se pode chamar de *ministérios da igreja*: a classe privilegiada – pois detentora de poder”.²⁹¹

Na AD, para um músico - mesmo o líder de todo o departamento de música de um “Ministério Corporativo” - ser considerado “ministro da igreja” precisa fazer parte do “ministério estamental”, entrando na “pirâmide assembleiana”,²⁹² que se forma a partir da ascensão de uma *escada eclesiástica* - nem sempre justa e funcional - composta em ordem crescente de: “auxiliares, diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores”.²⁹³ Para subir essa *escada* é necessário justificar seu ministério em outras áreas de atuação eclesiástica. Nesse processo, muitos abandonam as atividades musicais em prol dessa ascensão e autoridade.

²⁸² OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. **Teologia do Obreiro**: o ministério, suas qualificações e seu exercício. 4. ed. Campinas: EETAD, 2002. p. 43-59.

²⁸³ COELHO, 2009, p. 61-71.

²⁸⁴ COELHO, 2009, p. 73-82.

²⁸⁵ ALENCAR, 2013, p. 37.

²⁸⁶ Ministério no sentido institucional, jurídico ou geográfico, como AD Ministério Belém, AD Ministério de Madureira, AD Ministério da Restauração, etc.

²⁸⁷ Ministério no sentido de titulações honoríficas e/ou hierárquicas em respectivas funções eclesiásticas, como pastor, evangelista, diácono, etc.

²⁸⁸ Ministério no sentido de atuação da membresia local, como ministério feminino, ministério com jovens, com crianças, etc.

²⁸⁹ ALENCAR, 2013, p. 228.

²⁹⁰ O ministério feminino ainda não é reconhecido oficialmente nas ADs. Apenas em atividades que Alencar chama de “ministério orgânico”.

²⁹¹ ALENCAR, 2013, p. 225.

²⁹² ALENCAR, 2013, p. 105.

²⁹³ Estando no cume da pirâmide o pastor presidente.

Eberle expande essa triste realidade para todos os demais contextos eclesiais brasileiros. Num tom quase de *desabafo* de uma musicista que vive a realidade eclesial brasileira, a pesquisadora reclama que “no Brasil, a área da música sacra *não existe*. Precisa sempre se encostar, ladear e emprestar de outras áreas para se justificar”.²⁹⁴

Assim, mesmo num contexto onde, em tese, “todos têm oportunidade de se tornarem líderes”, “sendo testados no próprio trabalho da igreja”, sem uma exigência de preparo teológico acadêmico, na lógica de que “o sucesso no exercício dos dons valida o chamado de Deus”,²⁹⁵ um líder de música para ser reconhecido como “ministro da igreja”, não basta ter obtido sucesso em seu trabalho eclesial musical. Ainda que o resultado desse sucesso configure-se em crescimento e edificação da comunidade, e num pleno exercício de pastoreio de musicistas, para se *subir a escada* do “ministério estamental” e possuir autoridade dentro da dinâmica de poder assembleiano é indispensável possuir outros *dons*²⁹⁶ e estar inserido noutras atividades.²⁹⁷ Mesmo com uma prática eclesial que atesta a utilização da música nas dimensões *querigmáticas*, na lógica assembleiana a proclamação da palavra e a edificação da igreja ainda estão associadas à pregação, enquanto a música assume unicamente dimensões *doxológicas*.

3.1.2 Dimensões e ações do Ministério de Música

Música possui íntima relação com adoração comunitária, todavia, música e adoração são temas distintos. Sons organizados (com ou sem letra) estão presentes em toda a história cultural judaica e cristã, além de outras religiões e culturas. Todavia, assim como culto não se restringe à adoração, nem adoração se restringe ao culto, o *Ministério da Música* não está restrito à adoração, nem ao culto. A música

²⁹⁴ EBERLE, Soraya Heinrich. **Cantar, contar, tocar...** A experiência de um Grupo de Louvor como possibilidade para a formação teológico-musical de jovens. São Leopoldo: EST, 2012. (Tese de Doutorado). p. 266.

²⁹⁵ HAHN, 2011, p. 378-379.

²⁹⁶ A expressão “dons” aqui se refere simplesmente a uma dádiva vinda de Deus por meios naturais, não sobrenaturais. Pois, o autor comunga com a visão de Lutero de que a música é uma “graça comum”, acessível a toda a humanidade, e de que todos são capazes de perceber, dar significado, criar e produzir música de diversas formas, estilos e linguagens, recebendo de Deus a capacidade de aprender, buscando superar suas debilidades e desenvolver suas potencialidades.

²⁹⁷ Esta última afirmação é de conhecimento empírico, sustentada na escassez de registro de presbíteros, evangelistas e, principalmente, de pastores na AD que atuam exclusivamente na área da música, sem ter que justificar sua consagração ao “ministério estamental” com outra atividade como: coordenador da Escola Bíblica, líder de Jovem, encarregado de uma congregação...

como ministério atende a múltiplas funções eclesiais, servindo de importante instrumento para o cumprimento da tríplice missão da Igreja: “adorar a Deus, edificar seus membros e evangelizar o mundo”.²⁹⁸

3.1.2.1 Dimensões verticais e horizontais

São inúmeros livros, hoje, que fazem a conexão música-adoração,²⁹⁹ principalmente a partir do “avivamento musical”³⁰⁰ que popularizou ainda mais os termos “louvor e adoração”.³⁰¹ Embora, a maioria dessas publicações sejam mais devocionais que teológicas, mais empíricas que acadêmicas, e abordem mais questões de adoração do que de música, a importância da música na adoração coletiva é consensual. Entretanto, livros e artigos sobre o papel da música na “edificação” e na “evangelização” ainda são escassos.

Lutero já “compreendia que a música, ao lado da teologia”, era “um grande instrumento para a evangelização” e “usou o canto como meio para combater ideias teológicas contrárias às suas”.³⁰² Para ele, a “música era, invariavelmente, a *viva vox evangelii*, a viva voz do evangelho, uma dádiva de Deus para ser usada em toda a sua plenitude”.³⁰³

Russell Shedd relembra que “os primeiros mártires lançados às feras na arena foram fortalecidos pela música, para enfrentarem a entrega da oferta máxima de sua fé”.³⁰⁴ E, ao discorrer sobre “Adoração Bíblica”, defende que a palavra, mesmo cantada, estará igualmente “instruindo e aconselhando uns aos outros” por meio de “salmos, hinos e cânticos”, quando alcançam o “âmbito da adoração” expressa pela música e estimulada pelo Espírito - referência à Colossenses 3.16. Que o canto comunitário tem relação direta com a preservação da unidade do

²⁹⁸ Missão da Igreja segundo a Escola de Ensino Teológico das Assembleias de Deus. ROYER, Gary Luther. **Missiologia**: ide pregai. 4. ed. Campinas: EETAD, 2002. p. 5-6.

²⁹⁹ Exemplo: DICKIE, Robert L. **O que a Bíblia ensina sobre Adoração**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007.

³⁰⁰ O Pr. Sandro Baggio utiliza essa expressão ao referir-se à revolução musical ocorrida nas igrejas evangélicas brasileiras no início da década de 1990, com a explosão do movimento *gospel*. BAGGIO, 2005, p. 26-34.

³⁰¹ Em 1980, a música evangélica brasileira foi marcada pelos “cânticos de estilo doxológicos”, que usavam expressões de louvor e adoração. Segundo a Dra. Denise Frederico, “boa parte desse ímpeto veio do Rio Grande do Sul”, com as composições e gravações do cantor Asaph Borba. FREDERICO, 2007, p. 164.

³⁰² FREDERICO, 2007, p. 30.

³⁰³ SCHALK, 2006, p. 38.

³⁰⁴ SHEDD, 2007. p. 110.

Espírito - expressa em Efésios 4.3. Que a própria música “reflete a união que o Espírito proporciona ao Corpo de Cristo” - descrito em 1 Coríntios 12.13-26.³⁰⁵ E que essa adoração deve provocar benefícios como: [1] “Segurança”; [2] “Comunhão”; [3] “Santificação”; [4] “Visão transformada”; [5] “Evangelização”; e [6] “Preocupação com a alegria de Deus”.³⁰⁶

Nessa concepção, a música transcende a verticalidade do culto. Ela atinge dimensões “*doxológicas*”, “*querigmáticas*” e “*koinoníacas*”,³⁰⁷ com ação eclesial em “*leitourgía*”, “*martüría*” e “*diakonía*”,³⁰⁸ servindo de canal para expressões do humano para o divino, de comunicação do divino para o humano e de edificação mútua entre os humanos através da ação divina. E essa tripla ação não está restrita a momentos litúrgicos.³⁰⁹

3.1.2.2 Ações fora e dentro do momento litúrgico

Ao analisar a prática de “ensaio” – algo tão corriqueiro no contexto assembleiano - Soraya Eberle também constata a sua importância como um espaço de formação não só musical, como social, teológica e cultural, onde se compartilha e se vivencia a fé.³¹⁰ A mesma pesquisadora ainda analisa a experiência de uma banda jovem de sua comunidade e registra sua relevância na formação teológico-musical de seus integrantes, reforçando a tese de que a atividade musical dentro de uma comunidade exerce importante função ministerial em diferentes contextos e faixas etárias.³¹¹

“Fora dos muros da comunidade” a música também “auxilia a teologia” na atualização da “linguagem do Evangelho”.³¹² E no culto cristão ela recebe uma responsabilidade ainda maior em virtude da autoridade didático-teológica que lhe é atribuída.

³⁰⁵ Uma vez que as próprias “leis que regem a combinação dos tons e compassos do ritmo fornecem uma figura de complementação na diversidade dos membros da igreja que se unem em adoração”. SHEDD, 2007, p. 115.

³⁰⁶ SHEDD, 2007, p. 131-138.

³⁰⁷ FREDERICO, 2001, p. 326-336.

³⁰⁸ ALBRECHT, 2013, p. 356.

³⁰⁹ A dissertação de Soraya Eberle exemplifica essa ação irrestrita da música à liturgia. EBERLE, 2008.

³¹⁰ EBERLE, 2008, p. 101.

³¹¹ EBERLE, 2012, p. 267.

³¹² ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. **Música Teológica**. São Leopoldo: EST, 2005. (Dissertação de Mestrado). p. 91.

Quer alguém fale do púlpito, da galeria do coro ou das teclas do órgão, quer seja o evangelho proclamado pela fala ou pelo canto, deve ser a mesma palavra que é anunciada com fidelidade e recebida com coração confiante e arrependimento.³¹³

Mauro de Souza ressalta que “a música é uma forma privilegiada de pregação”.³¹⁴ Ela cria “experiência”, “realidade na vida das pessoas”, “sentimento de pertença”, senso de “comunidade”. Pois, “mais do que ensinamento” ou “conteúdo teológico dirigidos ao cérebro dos ouvintes”, a música ecoa “nas profundezas da alma”.³¹⁵ Shedd amplia salientando que “a música estimula as emoções que, por sua vez, motivam a vontade e a confiança”.³¹⁶

Essa percepção por parte das lideranças da igreja e do próprio *Ministério de Música* torna-se fundamental para uma visão mais ampla da música nesse contexto. Pois, ao perceberem essa “dimensão homilética” da música na igreja, cantores(as) e musicistas estariam “esmerando-se ainda mais para colocar sua arte e seu dom a serviço da comunicação de Deus para com a comunidade, entendendo que a música é parte integrante do culto e não um *show à parte*”.³¹⁷ Por isso, a visão do músico deve ser ampliada sobre o “significado de se estar servindo”; compreendendo que esse ministério está “a serviço de uma causa maior” do que simplesmente fazer música na igreja,³¹⁸ desconstruindo a concepção *música pela música* no contexto eclesiástico.

Refletindo nessa direção, a ausência de uma *Teologia da Música*³¹⁹ consistente e abrangente, que fundamentasse teológica e historicamente o serviço musical eclesiástico em suas múltiplas funções, não seria um dos fatores que tem contribuído para as constantes tensões³²⁰ e conflitos³²¹ no exercício desse ministério?

³¹³ SCHALK, 2006, p. 68.

³¹⁴ SOUZA, Mauro Batista. *Prédica e Música*. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 40.

³¹⁵ SOUZA, 2010, p. 44.

³¹⁶ SHEDD, 2007, p. 113.

³¹⁷ SOUZA, 2010, p. 56.

³¹⁸ ZIMMERMANN, 2010. p. 91.

³¹⁹ Não confundir com “teologia na música”, referente a análises teológicas das letras. “Teologia da música” refere-se a um estudo amplo sobre teologia musical, ou música na teologia.

³²⁰ Bob Kauflin, em seu curso de louvor e adoração, discute sobre diversas tensões de âmbitos musicais: [1] “transcendente e imanente”; [2] “cabeça e coração”; [3] “interno e externo”; [4] “vertical e horizontal”; [5] “planejado e espontâneo”; [6] “tradição e relevância”; [7] “especializado e autêntico”; [8] “para a igreja e para os não cristãos”; e [9] “evento e rotina”. KAUFILIN, 2011, p. 187-262.

³²¹ Noland também aborda esses conflitos entre adoração espontânea e planejada, adoração tradicional e contemporânea, e adoração vertical e horizontal. NOLAND, 2007, p. 22.

3.2 Teologia da Música: um tema da periferia teológica

Sendo a música um tema que perpassa os dois testamentos, fazendo parte ativa da história e da vida atual da Igreja, por que o estudo da Teologia Bíblica - ou Teologia Prática - ainda não a incluiu em seus currículos básicos? Robert Webber desabafa:

Nós, protestantes, descuidamos da reflexão bíblica, teológica, histórica e cultural sobre adoração. A questão é profunda. Os seminários negligenciam o assunto. [...] Como avançar se a liderança é descuidada, indiferente e, em alguns casos, até hostil à reflexão cristã cuidadosa?³²²

Um estudo específico sobre a música na Bíblia e no Cristianismo seria fundamental. Nos cursos teológicos as questões musicais são abordadas apenas, e timidamente, no estudo da liturgia. Pesquisadores e autores vêm se aventurando a escreverem dissertações, teses, artigos e livros sobre música cristã. Alguns ultrapassam a concepção *música=adoração* e abordam questões teológicas,³²³ históricas,³²⁴ estruturais³²⁵ e multidisciplinares.³²⁶ Outros focam na vida do músico e trabalham importantes questões de caráter e conflitos internos e externos.³²⁷ Mas quem estuda esses materiais? Os pastores os incluem na sua formação? São temas de conhecimento obrigatório para os que buscam uma formação teológica? Será que essas leituras são realizadas pelo menos por aqueles que lideram os ministérios de música nas igrejas? E, se refletido por esses últimos, suas visões estariam em concordância com sua denominação? Onde fica registrada a *teologia musical* de sua

³²² WEBBER, Robert. Adoração Combinada. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 197.

³²³ Cleonice Geandro Zimmermann, em sua dissertação de mestrado, aborda a “música teológica”, saindo do pressuposto que, por vir de Deus, estar em relação com Deus, ser dirigida a Deus, e ser voz de Deus, a música eclesial torna-se teologia. ZIMMERMANN, 2005.

³²⁴ O autor recomenda a tese “Cantos para o Culto Cristão”, de Denise Frederico, como referencial de pesquisa em questões históricas da música sacra. FREDERICO, 2001.

³²⁵ O trabalho de conclusão de estágio de Ana Paula Weschenfelder da Universidade Federal de Santa Catarina traz uma importante proposta de estruturação de um departamento de música dentro de um contexto evangélico pentecostal. WESCHENFELDER, Ana Paula. **Uma proposta para a administração da música na igreja evangélica**. Florianópolis: UFSC, 2008. (Trabalho de Conclusão de Estágio)

³²⁶ A relação entre o uso contemporâneo da imagem e a estética do movimento gospel é pesquisada por João Marcos da Silva em sua dissertação de mestrado. SILVA, 2010.

³²⁷ “O Coração do Artista”, de Rory Noland, tem sido utilizado como livro texto em diversos cursos de música para o contexto evangélico. Não é um tratado teológico sobre música. Não aborda questões históricas. Nem busca defender questões doutrinárias sobre o tema. Todavia, promove discussões sobre importantíssimas questões que envolvem a vida individual e coletiva do músico (e outros artistas), na busca da construção do seu “caráter cristão”. Dentre elas: a vida comunitária, as críticas, a inveja, o controle das emoções, o pecado, as disciplinas espirituais, os conflitos entre serviço e estrelato, e entre excelência e perfeccionismo; além de questões relacionadas aos desafios de se liderar artistas. NOLAND, 2007.

instituição religiosa para que seja consultada, refletida e debatida com os demais autores?

Esta pesquisa não visa ser um tratado sobre *Teologia da Música*, entretanto, algumas reflexões e apontamentos fazem-se necessários. A *doutrina da lucifernização da música*, o resgate do sacerdócio levítico e as influências desses mitos e modismos no assembleianismo brasileiro serão abordados a seguir, como exemplos de concepções heréticas aceitas pelo consenso popular pentecostal por falta de reflexão séria e definição teológica confessional sobre temas relacionados à música.

3.2.1 A “lucifernização” da música e seus efeitos numa “teocracia”

Comentaristas bíblicos afirmam que as passagens de Isaias 14.12-15 e Ezequiel 28.12-14 profetizadas ao rei de Tiro referem-se a Lúcifer³²⁸ antes da sua queda.³²⁹ A partir desse entendimento, originou-se o *mito teológico* de que a música tenha nascido com (e em) Satanás, e de que ele tenha sido o “primeiro maestro”, ou ainda, um tipo de “ministro de música no céu”, com base em argumentos espiritualistas,³³⁰ imaginários³³¹ e especulativos.³³²

Os propagadores deste *mito* se utilizam apenas de quatro argumentos hipotéticos: [1] que a passagem bíblica de Ezequiel 28.13-14 esteja realmente referindo-se a Satanás antes da queda;³³³ [2] que a atribuição dos termos “engates e guarnições” (v.13) referem-se a instrumentos musicais;³³⁴ [3] que estes instrumentos

³²⁸ Etimologicamente, Lúcifer significa “o que brilha”, “filho da alva”, “o que traz luz” e “estrela da manhã”. Só a partir do séc. IV esse nome passou a ser conferido a Satanás antes de sua queda; quando os textos referidos passaram a ser atribuídos a ele.

³²⁹ Myer Pearlman é um exemplo desses comentaristas. PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Tradução de Lawrence Olson. 23. ed. Belo Horizonte: Editora Vida, 1996. p. 62.

³³⁰ Exemplo de argumento espiritualista: FELICIANO, Marcos. **Anjos, música, Deus vs Lúcifer**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OIYAdkw_JD8> Acesso em: 02 jul. 2015.

³³¹ Exemplo de argumento imaginativo: OMNI, Junior. **Lúcifer – o Maestro Caído**: origem, queda e juízo eterno. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/contos/2434996>> Acesso em: 02 jul. 2015.

³³² Exemplo de argumento especulativo: SILVA, Marcos Antônio. **O grande conflito começou no céu por causa da música**. Disponível em:

<http://www.adventistas.com/marco2001/grande_conflito_musica.htm> Acesso em: 02 jul. 2015.

³³³ Esse argumento possui maior consenso, em virtude de outros textos que o sustentam, como: Isaias 14.12; Lucas 10.18; Apocalipse 12.9. No entanto, há teólogos que não concordam com a relação entre esses textos.

³³⁴ A tradução Revista e Corrigida, de João Ferreira de Almeida, traduz como “tambores” e “pífaros” o que a tradução Revista e Atualizada (do mesmo tradutor) traduz como “engates” e “ornamentos”. No entanto, concluir que Lúcifer era regente apenas com base numa tradução dessas palavras é forçar o texto bíblico.

foram criados nele;³³⁵ e [4] que o termo “querubim da guarda, ungido” (v.14) faz referência a um tipo de condutor,³³⁶ dando ideia de regência.

Paulo Cesar Lima³³⁷ contraria esse *mito*, salientando que uma “interpretação não pode vir pelas vias da tradição, de um dogma ou de uma sistematização corporativa,” sem “concordar com o contexto histórico no qual o texto foi construído” ou “aventar uma intenção escondida que, na verdade, não existe”. Ele registra que essa ideia de Lúcifer maestro trata-se de uma “invenção quixotesca que beira o hilário”.³³⁸

3.2.1.1 O mito e suas problematizações

Não existem subsídios exegéticos suficientes que atribuem a Lúcifer o título de “primeiro maestro”,³³⁹ contudo, como esse *mito* é aceito pelo censo comum evangélico brasileiro, faz-se importante a reflexão de algumas questões.

Primeiro, se verídica essa *crença*, teria acontecido nesse momento – pré, durante e imediatamente após a queda de Lúcifer - a primeira tensão de ordem musical? Então, esses conflitos que permeiam as questões de música e adoração seriam antecessores e independentes da humanidade?

Segundo - e de maior relevância a esta pesquisa - não teria nascido desse *mito* a discriminação para com a área musical na igreja? Ou pelo menos se intensificado a partir dessa crença? Se instrumentos musicais estavam em Lúcifer e ele era o *maestro angelical*, a música não seria hoje algo perigoso e os líderes de música evangélicos potenciais líderes de rebeliões? Ameaça constante à hierarquia estabelecida? Concepção ainda mais intensificada numa *hierarquia mística episcopal* defendida como “teocrática”.

³³⁵ Trata-se de uma linguagem poética, simbólica e metafórica.

³³⁶ O texto deixa claro que a função deste “querubim ungido” era de proteção e não de condução (v.14).

³³⁷ Paulo Cesar Limas é pastor presidente da Catedral da Assembleia de Deus em Jardim Primavera, Duque de Caxias/RJ, e presidente da UNIMADERJE – União de Ministérios das Assembleias de Deus no Estado do Rio de Janeiro.

³³⁸ LIMAS, Paulo Cesar. **O mito do Querubim Ungido**. Disponível em: <<http://rev-paulocesarlina.blogspot.com.br/2010/08/o-mito-do-querubim-ungido.html>> Acesso em: 15 Mai. 2016.

³³⁹ Outro exemplo de apologia contra essa crença: MARTINS, Rubens Telles. Lúcifer, Ministro de Música no Céu? Sério? **Blog Os Verdadeiros**. Disponível em: <<https://verdadeiros.wordpress.com/2012/12/22/lucifer-ministro-de-musica-no-ceu-serio/>> Acesso em: 02 jul. 2015.

3.2.1.2 A “teocracia” assembleiana

As questões hierárquicas nas ADs brasileiras são supervalorizadas e espiritualizadas, com poder centralizado nos pastores presidentes, constituindo a partir deles um “corpo clerical”, que Correa chama de “governo episcopal assembleiano”.³⁴⁰ Uma realidade mística onde o pastor é visto como um “ser supremo”, quase infalível. Autoridade inquestionável. Um “papa” em sua igreja sede.³⁴¹ Um “patrão autoritário”, “caudilhistas”. Um “grande chefe, com poderes absolutos e um exercício vitalício”.³⁴²

Alencar registra que

[...] no modelo pentecostal assembleiano é recorrente o discurso hipócrita que garante que tudo e todos são dirigidos exclusivamente pelo Espírito Santo. Os interesses – bons e/ou maléficos – dos líderes, dos Ministérios, das corporações são colocados na cota do Espírito Santo.³⁴³

E ainda salienta que um pastor presidente numa AD brasileira,

[...] muito além de *ter e exercer* o poder, *representa* o próprio poder; ele é, em si, um símbolo de poder. E, na religião, ainda mais no pentecostalismo, um símbolo ultrapassa a realidade. Um pastor é um “ungido de Deus”, tem a “visão de Deus para o povo”, em suma, tem a resposta. Resposta definitiva, inquestionável e vitalícia.³⁴⁴

Como pode haver harmonia entre essa concepção quase “divina” de um pastor e a concepção quase “diabólica” de um músico?

3.2.1.3 Como lidar com o “mal necessário”?

No livro de liturgia, editado pela CPAD, o Pr. Nemuel Kessler orienta seus colegas pastores que “os músicos rebeldes” devem ser “suspensos de suas atividades” até que aprendam a “fazer um acompanhamento melodioso, para que haja adoração nos louvores” e salienta ainda que os “nossos músicos” devem ser educados “com autoridade de quem tem o bastão de Deus na mão”.³⁴⁵ Meu Deus! Claro que, essa aspereza e ignorância – tanto no que se refere a questões teológicas, litúrgicas, musicais e de liderança – não são homogêneas nas ADs, assim como nada possui homogeneidade nessa denominação. No entanto, a

³⁴⁰ CORREA, 2013, p. 243.

³⁴¹ ALENCAR, 2013, p. 178.

³⁴² ALENCAR, 2010, p. 107-109.

³⁴³ ALENCAR, 2013, p. 83.

³⁴⁴ ALENCAR, 2010, p. 109-110.

³⁴⁵ KESSLER, 2013, p. 23-24.

publicação de um livro em 2013 pela sua editora oficial com esses “conselhos” é no mínimo assustador.

Por outro lado, pela necessidade de cantores, instrumentistas e regentes para promoverem o ideal de liturgia assembleiana – com corais, conjuntos, bandas, orquestras, etc – o músico passa a ser um *mal necessário*.

A falta de pastoreio – com confrontos firmes mais amorosos, sem preconceitos ou interesses – é algo notório na relação entre pastores e músicos, não só no contexto assembleiano. Sandro Baggio registra essa percepção em seu testemunho:

[...] na época, nenhum pastor se aproximou de mim e de meus amigos para falar-nos, de uma forma clara e convincente, acerca de nossos erros. Parecia que, pelo fato de a igreja precisar de nossas habilidades musicais, podíamos continuar como estávamos – desde que continuássemos na igreja!³⁴⁶

Rory Noland também atribui os problemas de caráter de alguns músicos, principalmente, à ausência de pastoreio efetivo.

Por muito tempo as igrejas ignoraram o problema, deixando de lado questões relacionadas ao caráter na vida dos artistas. [...] Um pastor sentou-se ao meu lado [...] e disse algo muito revelador: “eu simplesmente deixo esses tipos artistas sozinhos. Eles estão meio ‘fora do ar’ no seu pequeno mundo”³⁴⁷

Essas generalizações e preconceitos são instigados ainda mais por esses *mitos* teológicos gerando os extremos da aspereza e do abandono. Em muitos contextos eclesiais parece que “o departamento de música e outros ministérios relacionados às artes tornam-se um autêntico foco dos principais problemas de caráter na igreja”.³⁴⁸ Problemas agravados por *misticismos teológicos* e *modismos doutrinários*.

3.2.2 Dicotomismo sacerdotal evangélico

Um exemplo desses modismos tem sido a utilização do termo “levita”³⁴⁹ para referir-se a pessoas vocacionadas para o ministério da música. Esse neologismo foi popularizado pelo *movimento gospel* e trouxe consigo muitas implicações positivas

³⁴⁶ BAGGIO, 2005, p. 119.

³⁴⁷ NOLAND, 2002, p. 14.

³⁴⁸ NOLAND, 2002, p. 13.

³⁴⁹ Esse termo é uma referência à tribo de Levi, separada para o serviço no templo, no período monárquico de Israel.

ao cenário musical brasileiro, no entanto, outras negativas e até nocivas à ortodoxia cristã.

3.2.2.1 Resgatando os princípios do sacerdócio levítico

O resgate da visão ministerial da música na Bíblia pode ser apontado como um dos aspectos positivos do emprego da nomenclatura “levitas” aos musicistas e cantores(as) da igreja. A partir de estudos e reflexões sobre os textos referentes ao sacerdócio levítico do antigo testamento, um modelo de ministério de música foi sendo estabelecido, com princípios, valores, ordem e referência. A valorização desse ofício por parte do músico, da comunidade e das autoridades eclesiais, a necessidade de supervisão, organização e senso hierárquico, a visão horizontal e vertical de sua missão, a diversidade musical, a busca pela excelência estética, o resgate de valores como humildade, comprometimento e santificação, são exemplos de princípios extraídos de 1 Crônicas 25, quando o rei Davi separou os levitas Asafe, Emã e Jedutum, e seus respectivos filhos, para o ministério da música. A contratação de um(a) especialista em música (canto e/ou instrumental) para coordenar a música de uma comunidade também é referência da organização musical do sacerdócio levítico.³⁵⁰

3.2.2.2 Confundindo os princípios do sacerdócio universal

Todavia, a utilização dessa nomenclatura veterotestamentária pode gerar uma confusão teológica quanto à doutrina do “sacerdócio universal”.³⁵¹ Na nova aliança não há diferentes sacerdócios,³⁵² e sim, diferentes dons e ministérios.³⁵³

Essa confusão doutrinária a partir da utilização do termo “levita” torna-se ainda mais agravante dentro de uma cultura evangélica que, mesmo pregando a

³⁵⁰ 1 Crônicas 15.22,27 apresenta o levita Quenânias recebendo sua incumbência como “chefe dos músicos”, devido a sua “competência” nessa área.

³⁵¹ “Sacerdócio Universal” é a doutrina que entende que, após a morte de Cristo, todos têm acesso a Deus sem a necessidade de outro mediador, a não ser o próprio Cristo.

³⁵² Conforme 1 Pedro 2.5,9; Apocalipse 1.6; 5.10; Êxodos 19.5-6; Isaías 61.6

³⁵³ Pr. João de Souza Filho traz uma apologia contra esse modismo. Segundo ele, “chamar os músicos de levitas é atentar contra a obra salvadora de Jesus Cristo que elevou todos os remidos à classe de sacerdotes.” SOUZA FILHO, João A. **O Livro de Ouro do Ministério de Louvor**. São Paulo: Z3 Editora, 2010. p. 143-156.

doutrina do “sacerdócio universal”, vive a prática pastoral do “sacerdotalismo”.³⁵⁴ Como já visto, as ADs brasileiras vivem sob esse tipo de liderança, onde ao pastor presidente é atribuída a posição mística de “o sacerdote”, “o homem de Deus”, “o anjo da Igreja”, na busca de uma autoridade espiritual inquestionável.³⁵⁵ Souza alerta que o “sacerdócio universal” dos crentes corre o risco de tornar-se mera teoria em comunidades lideradas sob essas concepções.

Sempre que os pastores exercem suas funções com excesso de autoridade (1Pedro 5.1-3), insistindo na distância que os separa da comunidade, relutando em descer do pedestal em que se encontram, concentrando todas as atividades de liderança e não sabendo delegar responsabilidades às suas ovelhas, tornando as suas igrejas excessivamente dependentes de sua orientação e liderança, não dando oportunidades para que as pessoas exerçam os dons e aptidões que o Senhor lhes tem concedido, há um retorno ao sacerdotalismo medieval contra o qual Lutero e os demais reformadores se insurgiram.³⁵⁶

3.2.2.3 Aumentando o conflito

Nessas realidades comunitárias, pensar no músico como “levita” reforça a concepção da existência de um clero sacerdotal evangélico, agravado ainda mais por uma forte dicotomia: pastores versus músicos, ou, ministério da palavra versus ministério do louvor, ou ainda, sacerdócio aarônico versus sacerdócio levítico.

Esse *dicotomismo sacerdotal evangélico* torna-se ainda mais acirrado quando entra em discussão questões relacionadas à liturgia. Que tipo de música pode ser utilizado no culto? Quem tem a resposta mais convincente?³⁵⁷ Aquele que lê e estuda sobre música, louvor e adoração, mas pouco se dedica ao estudo geral da teologia? Ou aquele que se focou no estudo teológico, mas pouco lê, estuda ou reflete sobre uma teologia musical? Como e quem define o que é sacro?

Conclusão

Uma condução segura, baseada num conhecimento histórico-teológico sadio – sem *mitos* e *modismos* – representa um desafio à liderança musical. Faz-se

³⁵⁴ Quando a influência e a autoridade são exclusivas do líder religioso. Resquícios da Idade Média; onde se iniciou a distinção entre sacerdotes (clero) e leigos.

³⁵⁵ ALENCAR, 2013, p. 89.

³⁵⁶ MATOS, Alderi Souza. O Sacerdócio Universal dos Fiéis. Reforma Protestante. **Portal Mackenzie**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6967.html>> Acesso em: 17 jun. 2015.

³⁵⁷ Se é que existe abertura para discussões e consenso pelo convencimento lógico!

necessário uma revisão teológica³⁵⁸ a respeito da música na Bíblia e na história do cristianismo para se compilar uma matéria específica a ser estudada. E, pela importância que esse tema recebe nas Escrituras e na vida eclesial,³⁵⁹ essa disciplina deveria ser incluída na grade curricular dos cursos de teologia e estudada, principalmente, pelos(as) futuros(as) pastores(as) e ministros(as) de música de cada comunidade,³⁶⁰ para que haja um equilíbrio entre forma e conteúdo.

Nesse resgate teológico, a visão da música como ministério também deve ser revisada e definida em cada comunidade. Pois, os conflitos nesse universo musical eclesial nascem justamente pela falta de um maior entendimento da música como um ministério do corpo de Cristo. E, para dirimir ainda mais esses conflitos, a coordenação desse ministério precisa ser conduzida por “uma liderança capacitada e capacitadora, generosa e conhecedora”, com múltiplas habilidades e saberes, e um somatório de conhecimentos específicos, como bem sustenta a tese de Eberle.

Fazer música na igreja é um *métier* especial, que envolve diferentes habilidades e saberes. Cabe-lhe um conhecimento específico, que não é nem a teologia, nem a música, nem a liturgia, nem a educação somente: é um somatório dessas áreas, entre outras.³⁶¹

Essa concepção propõe a necessidade de um *especialista generalista*. Não um “levita” de classe sacerdotal inferior, nem tampouco um rebelde insuflado por Lúcifer, mais um *Ministro de Música*, que serve a Deus e a sua igreja com *humildade sábia*³⁶² e *submissão crítica*.³⁶³ Que atenda nas múltiplas áreas de atuação eclesial através da música e diretamente com músicos, ensinando-os, confrontando-os, pastoreando-os. Um ministro com autoridade na área para auxiliar seu pastor presidente nas questões ligadas à música, nesse período em que a

³⁵⁸ O maestro Illenseer também convoca as pessoas que coordenam o ministério musical nas comunidades a uma “profunda reflexão teológica”. O autor contrapõe a “música na igreja” com a “música da igreja”, propondo inclusive uma nova concepção teológica sobre os dons e talentos, mais direcionada à inclusão e à participação da comunidade na liturgia, especialmente através da música. ILLENSEER, 2010, p. 127-145.

³⁵⁹ “É tempo de darmos ao ministério da música e do louvor em nossas congregações, a mesma importância que a Bíblia lhe dá.” WITT, 2000, p. 45.

³⁶⁰ Dra. Sissi Georg salienta da importância de ambos – músicos e liturgos – terem conhecimento teológico musical para que possam exercer uma atividade coordenada e cooperativa. GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: dádiva e compromisso! In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 20.

³⁶¹ EBERLE, 2012, p. 266.

³⁶² A “humildade” no contexto pentecostal por vezes é confundida com pobreza ou ignorância. Por isso a utilização do termo “*humildade sábia*”.

³⁶³ Diferente de uma submissão cega, onde não há oportunidade de reflexão, contraponto e liberdade de expressar e defender o contraditório.

dicotomia *música sacra versus música profana* ainda promove dissidências e dificulta as enculturações,³⁶⁴ e o *movimento gospel* vem trazendo novas provocações e debates a esse cenário.

No próximo capítulo serão abordados esses antigos e novos conflitos que desafiam ainda mais o *Ministério de Música* no contexto pentecostal, na busca de uma melhor reflexão, a partir dessa igreja que canta, toca e cresce.

³⁶⁴ “Inculturação é o processo que flexibiliza que o Evangelho seja vivenciado por povos com seu jeito, sua língua, sua cultura, sem, é claro, desvirtuar o cerne da Boa-Nova”. GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: dádiva e compromisso! In: EWALD, 2010, p. 28.

4 PARADIGMAS DE SACRALIDADE NO CENÁRIO PENTECOSTAL BRASILEIRO: ANTIGAS DISCUSSÕES EM MEIO A NOVOS DESAFIOS

Introdução

A busca por uma música genuinamente sacra, em detrimento das consideradas profanas, ainda é tema de discussão nas comunidades, quase sempre se utilizando de parâmetros culturais, rítmicos e instrumentais, muitas vezes disfarçados de espirituais, históricos e teológicos.

Hoje são inúmeros estilos de culto que disputam sua sacralidade dentro do contexto evangélico. Paul A. Basden promove em sua obra “Adoração ou Show”, uma ousada discussão entre seis estilos de culto da atualidade, com críticas e defesas de ambos.³⁶⁵ A “adoração litúrgica formal”, caracterizada pelo seu culto majestoso, sem espaço para espontaneidade e improvisado é defendida por Paul Zahl. A “adoração tradicional com hinos” é apresentada por Harold Best, que defende o uso irrestrito dos hinários. Joe Horness endossa a utilização da “adoração contemporânea” com uso de instrumentos modernos, estilos musicais contemporâneos (como *rock, jazz, hip hop, rap...*) e de canções atuais ou hinos tradicionais com uma roupagem nova. A liberdade e espontaneidade da “adoração carismática” são defendidas por Don Williams. O culto que une o conteúdo do movimento litúrgico com a experiência do movimento contemporâneo é entendido por Robert Webber como “adoração combinada”. E Sally Morgenthaler defende o movimento de contextualização litúrgica da “adoração emergente”. Cada estilo de culto, após ser apresentado, é criticado pelos defensores dos outros tipos de adoração coletiva, o que enriquece ainda mais a discussão.

Nessa disputa, “diversos mitos” têm sido propagados em apologia à suposta música sacra.³⁶⁶ E, nessa *guerra santa*, requisitos de *sacralidade musical* têm sido derrubados.³⁶⁷ Hinos tradicionais, sacralizados por hinários, vêm sendo

³⁶⁵ BASDEN, 2006.

³⁶⁶ Sandro Baggio combate as principais críticas à música contemporânea, desfazendo os seus mitos. Ele apresenta essas críticas, com suas fontes e depois as desmistifica. BAGGIO, 2005, p. 81-116.

³⁶⁷ Milton Souza Jr. desconstrói os antigos conceitos de sacralidade musical apoiados na dicotomia sacra versus profana. Na sua obra “Música sacra, mas nem tanto...”, o pesquisador quebra os paradigmas que definiam a música sacra por seu estilo, ritmo, letra ou outros de seus elementos constitutivos. SOUZA JUNIOR, 2010.

dessacralizados por pesquisas de origem.³⁶⁸ Hinos com ritmos até então considerados profanos³⁶⁹ vêm sendo sacralizados por sua funcionalidade. E o *movimento gospel* vem quebrando paradigmas musicais, litúrgicos, teológicos e culturais, gerando uma nova maneira de pensar e fazer culto pentecostal.³⁷⁰

Mas o que a teologia tem a dizer sobre isso? O que confere sacralidade a uma música? Qual a importância de uma tradição religiosa musical? Quais os reflexos que o *movimento gospel* tem gerado nessas tradições? O que é esse *movimento*? Quais as suas heranças positivas e negativas na AD? E que novos desafios ele tem trazido a todo o contexto eclesiástico nacional?

Este último capítulo refletirá sobre essas questões, a fim de estabelecer princípios litúrgico-musicais para o *Ministério de Música* no pentecostalismo brasileiro.

4.1 Música Sacra: uma discussão inconclusiva

A AD foi fundada com uma liturgia carismática missionária caracterizada pela sua liberdade de expressão. Todavia, por uma necessidade natural de perpetuação, a AD se institucionalizou, rotinizando seu carisma, tradicionalizando seus ritos. Seu hinário se consolida, sua liturgia passa a ser mais “tradicional com hinos”. Sua forma se sacraliza, bem como seu estilo litúrgico-musical. E, com essa sacralização, profanatiza o diferente, o novo, o contemporâneo, reafirmando o ciclo natural de *tensão e repouso*, característico na história hinológica do cristianismo, marcada pelo conflito entre tradição e contemporaneidade.³⁷¹ Ou, *sacro versus profano*.

Mas quais os parâmetros bíblicos para a sacralidade litúrgica e musical?

³⁶⁸ As pesquisas de Souza Jr. trazem a origem “profana” de hinos tradicionais históricos, sacralizados pelos hinários e pelo senso comum evangélico. Como exemplo: hino “Vencendo vem Jesus”, catalogado nos hinários Cantor Cristão, Cânticos de Louvores, Hinário Evangélico e Harpa Cristã, pelos números 112, 258, 312 e 525, respectivamente, que advém de uma música folclórica (*folk music*) utilizada no período da guerra civil norte-americana. SOUZA JUNIOR, 2010, p. 86-94.

³⁶⁹ Como *rock, jazz, rap, pagode, samba...*

³⁷⁰ A pesquisa de Marina Correa sobre a alteração das características tradicionais da igreja AD do bairro Bom Retiro em São Paulo exemplificam essa transformação. CORREA, 2006.

³⁷¹ A pesquisa de Denise Frederico atesta esse ciclo de tensão e repouso. FREDERICO, 2001.

4.1.1 Parâmetros para Sacralização: existem?

Comendo as migalhas da liturgia - já que música parece ser um tema da *periferia teológica*³⁷² - percebe-se que não há nem uma forma rígida de culto definida na Bíblia.

Russel Shedd, no livro “Adoração Bíblica”, apresenta alguns modelos característicos de culto atualmente,³⁷³ denominando-os de “culto carismático”,³⁷⁴ “culto didático”,³⁷⁵ “culto eucarístico”,³⁷⁶ “culto kerigmático”,³⁷⁷ “culto koinoníaco”³⁷⁸ e “culto diaconal”.³⁷⁹ Aponta o perigo dos extremos entre o formalismo exacerbado e a espontaneidade leviana,³⁸⁰ e ressalta que

A forma de culto deve ser o meio mais adequado para conduzir o adorador a um encontro real com Deus. Admite-se que, segundo a cultura e natureza das pessoas, o discernimento individual subjetivo e algumas expressões, que são recomendáveis para uma igreja ou indivíduo, poderão ser prejudiciais a outros. Não se trata de modos certos ou errados em si mesmo, mas que todos busquem descobrir como agradar ao Pai e ainda ouvir a sua voz com espírito atento.³⁸¹

4.1.1.1 Buscando padrões bíblicos

No Velho Testamento existiam pelo menos dois tipos de tradição em relação à música e a liturgia hebraica: [1] a “tradição profética”, caracterizada pelo êxtase e pela espontaneidade; e [2] a “tradição levítica”, com ordem estabelecida e disciplinada, conduzida por profissionais.³⁸² Interessante destacar que, mesmo no culto levítico, com toda a sua “pomposidade”, constituída de um “espetáculo de

³⁷² No sentido de não haver uma disciplina específica de *teologia musical* dentro dos currículos de estudo teológico, como já vimos.

³⁷³ SHEDD, 2007, p. 12-14.

³⁷⁴ Caracterizados pelas manifestações emocionais, sonoras, visíveis, como gestos exuberantes, gritos de aleluia... Ênfase na livre participação dos cultuantes. SHEDD, 2007, p. 12.

³⁷⁵ Ou “culto pedagógico”. Centrado na pregação, no ensino das escrituras. Ênfase na comunicação cognitiva. SHEDD, 2007, p. 12-13.

³⁷⁶ Valorização da “ceia do Senhor”. Ênfase nos simbolismos. SHEDD, 2007, p. 13.

³⁷⁷ Culto da proclamação, voltado aos *inconvertos*. Ênfase na evangelização. SHEDD, 2007, p. 13.

³⁷⁸ Conhecido também como “culto *body-life*”. Busca a participação comum de todos da comunidade. Ênfase na comunhão. SHEDD, 2007, p. 13.

³⁷⁹ Onde as “boas obras” passam a serem expressões de culto. Ênfase na caridade. SHEDD, 2007, p. 13-14.

³⁸⁰ SHEDD, 2007, p. 15-16.

³⁸¹ SHEDD, 2007, p. 16.

³⁸² FREDERICO, 2001, p. 76.

raríssima beleza”, numa “esmeradíssima e sublimada liturgia”, “a glória de Deus” “baixava no santuário” quando eles começavam a cantar.³⁸³

O teólogo assembleiano H. Robert Rhodem, ao tratar de “Adoração na Igreja”, assegura como fundamental que o culto possua o “potencial” e a “expectativa” de se “experimentar os substantivos atos de Deus” na comunidade.³⁸⁴ Ele destaca a “substância”, acima do “estilo”, algo identificado nos registros dos cultos da igreja primitiva. Na narrativa de Atos 13.2-3, por exemplo,

Não sabemos quais eram os estilos utilizados no culto de adoração naquela igreja, mas sabemos que com certeza a substância era mais importante do que o estilo. E sempre deve ser assim.³⁸⁵

Observa-se então, que a Bíblia não fornece um modelo específico, ou um estilo de liturgia adequado para o contexto geral, multicultural e atemporal do *povo de Deus*. Contudo, vários princípios que orientam nosso relacionamento com o divino são apontados nas escrituras, tais como: alegria e gratidão (Salmo 100); reverência e temor (Hebreus 12.28); retidão e justiça (Amós 6.23.24); sinceridade e honestidade (Mateus 15.8-9); fé e perseverança (Hebreus 11); carismas e cooperatividade (1 Coríntios 12.1-31); esperança e liberdade (2 Coríntios 3.12-18); ordem e decência (1 Coríntios 14.26-40); conhecimento e sabedoria (Romanos 12.1-2); espiritualidade e racionalidade (João 4.23.24); paz e santificação (Hebreus 12.14); sede e expectativa (Salmo 63.1-5); humildade e sujeição (Tiago 4.6-8); zelo e fervor (Romanos 12.8); e ainda obediência (1 Samuel 15.22), misericórdia (Mateus 9.13), amor (1 Coríntios 13),³⁸⁶ e muitos outros, que são fundamentais para um *culto aceitável* diante de Deus. Nem mesmo “uma única descrição completa”, “uma ordem detalhada” ou um “estilo divinamente determinado” é apresentado na Bíblia como padrão litúrgico a ser seguido.³⁸⁷ Parece que

O Espírito Santo silenciou a respeito de certas práticas para que em cada cultura, e dos lábios de cada povo da terra Deus fosse engrandecido e enaltecido por poemas, músicas, ritmos e instrumentos diversos.³⁸⁸

Logo, a Bíblia também “não nos fornece instruções específicas sobre estilos musicais” para o culto,³⁸⁹ nem aponta critérios para definirmos uma música

³⁸³ Claudionor Andrade faz menção aqui do momento da inauguração do templo de Salomão, registrado em 2 Crônicas 7.2. ANDRADE, 1999, p. 19-20.

³⁸⁴ RHODEN, H. Robert. A adoração na Igreja: Sete axiomas que toda igreja deve adotar para alcançar o máximo potencial na adoração. **Obreiro**, Rio de Janeiro, ano 25, n. 23, p. 49-52, 2003.

³⁸⁵ RHODEN, 2003, p. 51.

³⁸⁶ Dr. Shedd apresenta o amor como “a essência do culto na Bíblia”. SHEDD, 2007, p. 27-37.

³⁸⁷ BASDEN, 2006, p. 15.

³⁸⁸ SOUZA FILHO, 2010, p. 63.

puramente sacra.³⁹⁰ Pois, o conceito de identificação da sacralidade não reside num aspecto objetivo, concreto, mas num aspecto subjetivo, intencional.³⁹¹ Frederico, utilizando-se da passagem de Amós 5.21-24³⁹² afirma que

Para Deus, não há problema quanto ao estilo de música a ser usado no culto; o que importa é como está a vida do músico. A santidade de vida é a única exigência que Deus pede para que o culto seja aceito.³⁹³

E a revista “Pentecostes” da CPAD, mesmo em matéria onde defende a utilização do hinário oficial da Assembleia de Deus, assegura que

Todas as formas de louvor com música são funcionais e podem conviver lado a lado, com organização. Deus as reconhece e as aceita, desde que atinjam o âmbito da expressão espiritual.³⁹⁴

4.1.1.2 Sacralidade funcional

Assim, quem confere a sacralidade de uma música é a sua funcionalidade. E quem define essa funcionalidade é a comunidade, a partir de requisitos que norteiam a sua fé.³⁹⁵ Não há como rotular uma música como “sacra” ou “profana” usando apenas parâmetros musicais. Pois,

Não se considera sacra uma música pela sua estrutura, ou por qualquer característica formal, mas sim, pela sua funcionalidade, ou seja, pelo seu uso como instrumento litúrgico eficiente.³⁹⁶

Frederico verifica que a linha que separa a música sacra da profana é tênue, fraca e difícil de ser determinada. Salienta que “alguns estudiosos creem que somente pela maneira de ser usada é que a música poderá receber classificação”. E entende que “o mediador mais acertado” para se definir uma música como sacra ou

³⁸⁹ BAGGIO, 2006, p. 27.

³⁹⁰ Souza Filho defende a ideia de que não existe música sacra ou profana, apenas “música boa e música ruim para o culto”. SOUZA FILHO, 2010, p. 48.

³⁹¹ SOUZA JR., 2010, p. 126.

³⁹² “Eu odeio o exibicionismo – o fingimento de me “honrar” com festas religiosas e assembleias solenes. Eu não aceitarei as ofertas queimadas e as ofertas de gratidão. Nem sequer vou olhar para as ofertas de paz. Acabem com esse barulho das suas canções; eles são um barulho que incomoda meus ouvidos. Não ouvirei suas músicas, por mais belas que sejam. O que Eu quero ver é a justiça correndo como um rio. Quero ver a correnteza de justiça e retidão”. A BÍBLIA Viva. 8. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995. p. 828-829.

³⁹³ FREDERICO, 2007, p. 47.

³⁹⁴ GALVÃO, Helder Corrêa. Harpa Cristã, atravessando fronteiras. **Pentecostes**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 3-6, 2000.

³⁹⁵ SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 123-128.

³⁹⁶ SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 127.

profana “está na contribuição, ou na falta dela, para que ocorra o encontro de Deus e o ser humano”.³⁹⁷

Estudos mostram que “a música usada na igreja cristã sempre recebeu influências daquela de fora da igreja”.³⁹⁸ E destacam que

[...] tanto a música usada na igreja quanto a que é usada nos ambientes “seculares” sofre influência uma da outra, sendo praticamente impossível determinar com segurança a diferença entre elas.³⁹⁹

A sacralidade da música eclesiástica vem então de seu uso, função e “escolha de um grupo religioso – no caso, a igreja – para fim litúrgico”.⁴⁰⁰ Mas quem define as músicas a serem inseridas nesse processo de *sacralização comunitária*? Os(as) pastores(as)? Os(as) líderes do *Ministério de Música*? Os(as) próprios(as) regentes, musicistas ou cantores(as)? A mídia? E quais os critérios para essa seleção?

Após uma exaustiva pesquisa sobre a tensão entre tradição e contemporaneidade, observando questões históricas e teológicas, Frederico apontou alguns critérios que deveriam ser observados para a seleção de hinos para o culto cristão. Segundo ela, essa seleção deveria “orientar-se pelo povo”,⁴⁰¹ “visar o ensino e a solidificação das doutrinas”,⁴⁰² “adequar-se à liturgia” de sua comunidade⁴⁰³ e priorizar “cânticos que falem à alma”,⁴⁰⁴ ao mesmo tempo em que visem a “estética do culto”.⁴⁰⁵ Ela também ressalta nesse processo a importância da comunidade possuir uma “teologia do culto”⁴⁰⁶ e de se respeitar suas “raízes históricas” na busca de uma “identidade”.⁴⁰⁷ Critérios que podem ser regidos pelos padrões: [1] da contextualização, [2] da concepção de culto cristão, [3] da identidade religiosa, [4] da teologia confessional, [5] da adaptação litúrgica, [6] da estética musical, e [7] da espiritualidade.⁴⁰⁸

³⁹⁷ FREDERICO, 2007, p. 63.

³⁹⁸ FREDERICO, 2007. p. 234.

³⁹⁹ FREDERICO, 2007. p. 59.

⁴⁰⁰ SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 127.

⁴⁰¹ FREDERICO, 2001, p. 309-326.

⁴⁰² FREDERICO, 2001, p. 342-352.

⁴⁰³ FREDERICO, 2001, p. 352-362.

⁴⁰⁴ FREDERICO, 2001, p. 362-373.

⁴⁰⁵ FREDERICO, 2001, p. 373-383.

⁴⁰⁶ FREDERICO, 2001, p. 326-336.

⁴⁰⁷ FREDERICO, 2001, p. 336-342.

⁴⁰⁸ FREDERICO, 2001, p. 309-383.

4.1.2 *Tradicionalismo Musical Eclesiástico: bênção ou maldição?*

A história tem mostrado a *força sacralizadora* que possui um hinário oficial,⁴⁰⁹ equivalendo-se, por vezes, a própria Bíblia.⁴¹⁰ Com o tempo, esse *poder sacralizador* constrói paradigmas musicais, culturais e estilísticos que, para essa comunidade, tornam-se *parâmetros sacralizadores*. Forma-se, a partir daí, uma *tradição musical comunitária ou denominacional*.⁴¹¹

4.1.2.1 *Identidade e teologia versus missão e inculturação*

Sissi Georg salienta que no processo de formação de uma identidade os ritos são fundamentais.⁴¹² E Frederico destaca que os cânticos de uma adoração coletiva, quando repetidos, “assemelham-se a ritos, solidificando o sentido de pertença da pessoa, dando-lhe segurança de que faz parte de um grupo”.⁴¹³ Quando “criteriosamente preservados”, esses cânticos produzem uma “identidade comunitária que alimenta a fé e renova os laços que dão sentido à existência do grupo, principalmente de sua identidade confessional”.⁴¹⁴ Muitas igrejas têm sido reconhecidas por seu acervo hinológico, e as que vêm se desvinculando do seu passado histórico têm ficado à mercê de todo “vento de doutrina”.⁴¹⁵

Todavia, se por um lado, a tradição religiosa traz esse “sentido de pertença” e essa proteção teológica, por outro, inflexibiliza a inculturação, gerando uma conseqüente *profanização* de outras tradições, culturas e estilos. Essa luta pela preservação de sua tradição pode ser extremamente nociva para essa comunidade, pois, “nunca haverá uma liturgia perfeita ou tradição que garanta a fé ininterrupta das gerações futuras”.⁴¹⁶

⁴⁰⁹ SOUZA JUNIOR, 2010, p. 53-56.

⁴¹⁰ SOUZA JUNIOR, 2010, p. 61-66.

⁴¹¹ “[...] o tradicionalismo é uma função tanto de tempo quanto de associação. Quanto mais tempo a pessoa desfruta uma tradição, [...] mais reluta em relação às possíveis mudanças. Quanto mais a tradição parece ser única no contexto em que é praticada, mais ela se funde com o contexto.” BEST, 2006, p. 63.

⁴¹² GEORG, 2010, p. 26-27.

⁴¹³ FREDERICO, 2001, p. 342.

⁴¹⁴ FREDERICO, 2001, p. 339.

⁴¹⁵ FREDERICO, 2001, p. 308.

⁴¹⁶ Ao abordar a “tensão saudável” que há entre “tradição e relevância” dentro do contexto eclesial, Bob Kauflin também apresenta os benefícios da tradição, contudo, salienta a necessidade de ser comunicado o evangelho de forma que a cultura atual entenda. KAUFILIN, 2011, p. 233-238.

Muitas tradições começam com uma tentativa determinada de proteger as verdades da fé, mas, com o tempo, distanciam-se dela, resultando em ortodoxia morta. Podem se tornar a expressão de uma forma de religiosidade, mas carecer de verdadeiro poder espiritual.⁴¹⁷

O próprio Best, que defende a liturgia tradicional com hinos, considera que “as melhores tradições são dinâmicas, culturalmente sensíveis e estão sempre mudando”.⁴¹⁸ E os que contrariam esse tipo de adoração comunitária alegam que quanto mais uma igreja caminha apoiada nas liturgias tradicionais, mais se mostra distante de sua missão evangélica.

Williams observa que este tipo de liturgia torna uma igreja “arcaica, desatualizada ao mundo secular”.

Ela tem pouca conexão com os de fora que querem entrar e também reforça a dissintonia entre duas gerações, a cegueira em relação a toda cultura pós-moderna que a igreja tem de alcançar para não morrer.⁴¹⁹

Horness ainda ressalva que

O problema surge quando a igreja se recusa a crescer e a aprender, quando nos apegamos à historicidade à custa da espiritualidade e quando o objetivo sutil da utilização de hinos é manter a tradição, em vez de aprofundar a adoração. A dificuldade continua quando a prioridade passa a ser a preservação de nossa inerente cultura de igreja à custa de permanecer inacessível à cultura existente fora dos muros da igreja. [...] Aquilo que um dia tornou Deus acessível às pessoas agora muitas vezes o obscurece.⁴²⁰

Best amplia a concepção de tradição musical eclesiástica e traz a ideia de dois tradicionalismos, por vezes opostos nesse contexto. O primeiro, que ele chama de “tradicionalismo de dentro”, refere-se àquele formado por pessoas que “vivem há bastante tempo em uma tradição eclesiástica e, portanto, se familiarizaram com esse dialeto” e passaram a “reagir dentro de seus limites”, não sentindo “desejo de mudanças radicais urgentes”, mesmo gostando de “estilos e dialetos” musicais bem diferentes dos utilizados no seu momento de adoração comunitária. O segundo ele chama de “tradicionalismo exterior”. Esse se refere à tradição musical importada pelos neoconvertidos e vem de fora do contexto eclesiástico, trazido pela necessidade perceptiva já formada com o qual estavam culturalmente acostumados.⁴²¹

⁴¹⁷ KAUFILIN, 2011, p. 235.

⁴¹⁸ BEST, 2006, p. 68.

⁴¹⁹ WILLIAMS, Don. Resposta da Adoração Carismática. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?:** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 90.

⁴²⁰ HORNESS, 2006, p. 87, 89.

⁴²¹ BEST, 2006, p. 63-64.

Como um “estilo não pode ser escolhido nem desfrutado sem que se conviva algum tempo com ele e sem que aconteça alguma acomodação em relação a ele”,⁴²² o conflito dessas tradições torna-se inevitável.

4.1.2.2 *Recontextualização das tradições: modelo protestante e avivalista*

Morgenthaler entende que a música precisa ser recontextualizada inclusive para perpetuar as lembranças de uma tradição. Pois, “o estilo mais eficaz da lembrança não tenta recriar nem imitar o passado”, e sim, “recontextualizar o passado no presente”, fundindo “o melhor de ontem com o melhor de hoje”, gerando algo “inteiramente novo” durante esse processo.⁴²³

Eberle confirma essa concepção, defendendo que a tradição e a contemporaneidade podem e devem andar juntas. Ela sustenta-se na “visão de Lutero frente ao novo e ao legado”, concluindo que as “tensões entre a tradição e a contemporaneidade não significam, necessariamente, conflitos de gerações”. Pois, o diálogo “com o diferente, como outras culturas e estilos” deve ser visto como uma possibilidade de reforçar uma identidade confessional de forma mais ampla e coerente, baseada em princípios e não em “estigmas” e “saudosismos”. Para isso, “conhecer a teologia”, “(re)conhecer a sua história” e “buscar as origens da confessionalidade” é fundamental para se definir “o que é próprio a cada grupo, a cada comunidade, a cada denominação”, utilizando-se desses parâmetros para “dar o impulso” e “ponto de partida para o diálogo com novas e diferentes intenções que se apresentem”, a fim de que a música eclesial possa ser um “elemento de contracultura” e não de simples assimilação cultural.⁴²⁴

Frederico também ressalta essa concepção de Lutero, registrando que “a tensão entre usar música tradicional ou contemporânea foi resolvida no momento em que ele conseguiu acomodar a liturgia às necessidades culturais à sua volta”, alegando que Lutero

Usaria a música da tradição católica nas igrejas de maior porte, porque certamente ali as pessoas entenderiam o que estava se desenrolando. Já nas igrejas de vilarejos, onde o povo não compreende o latim, usaria cantos em língua vernácula, muitos aproveitados dos conhecidíssimos *Lieder* de aceitação popular e contemporâneos.⁴²⁵

⁴²² BEST, 2006. p. 64.

⁴²³ MORGENTHALER, 2006, p. 233.

⁴²⁴ Tese 6. EBERLE, 2012, p. 266-267.

⁴²⁵ FREDERICO, 2001, p. 353.

A autora ainda destaca a mesma prática de adaptação litúrgico-musical no período de avivamento evangelístico do século XIX.

O mesmo aconteceu na música das campanhas evangelísticas iniciadas na América do Norte por Jonathan Edwards e que se tornaram mundialmente conhecidas através de Moody e Sankey: foi um canto adequado ao tipo de culto que visava atingir as pessoas não-conversas ao cristianismo protestante. Escolheram características musicais então vigentes, adaptando-as à música sacra (*gospel song*) ou criaram novas usando as mesmas técnicas composicionais.⁴²⁶

Entretanto, ressalva que “desprezar a herança histórica pode comprometer a identidade de um grupo”.

Nos diversos segmentos cristãos, existem marcas “registradas” do tempo que não devem ser apagadas. Quando essas características se perdem, quer por negligência, quer por desconhecimento da história, a comunidade perde sua identidade confessional. Em nome de uma “pseudo-contextualização”, muitas igrejas acabam fragilizando essas marcas dando ouvidos a expressões originárias de outros ambientes, com outras ênfases teológicas e doutrinárias, que comprometem sua feição.

Assim, esses pesquisadores e teólogos entendem que as comunidades eclesiais devem atentar para a relevância na busca de tradições de adoração que sejam flexíveis e adequadas à cultura atual e local, sem apologia ao novo ou ao velho, a este ou àquele estilo, visando uma constante ressignificação litúrgico-musical, evitando o processo de *ignorantização* ao novo ou ao legado, sem repulsar as tradições já estabelecidas, ou cair na superficialidade musical e teológica - característica negativa do *gospel* brasileiro.

4.2 Movimento Gospel: novos desafios à sacralidade

A igreja evangélica brasileira vive um momento histórico de desconstrução de seus paradigmas de sacralização com a consolidação do *movimento gospel*. A partir da década de 90, o termo “*gospel*” passou a ser relacionado a qualquer estilo musical cujas letras e compositores fossem cristãos. Sandro Baggio registra as origens da música *gospel* negra norte-americana, salientando, no entanto, que no Brasil o *gospel* é entendido simplesmente como “música cristã contemporânea”. E, mesmo que aqui, o termo “*gospel*” tenha sido “apenas uma estratégia

⁴²⁶ FREDERICO, 2001, p. 354.

mercadológica”, esse movimento já era almejado e trouxe renovação musical e litúrgica significativa para as igrejas evangélicas brasileiras.⁴²⁷ Segundo ele,

[...] já havia em nosso país diversas formas de música cristã contemporânea sendo usadas nas igrejas, tanto nas pentecostais como nas tradicionais. [...] O chamado *gospel* brasileiro é uma renovação musical dentro da igreja com o objetivo de tornar as músicas evangélicas mais relevantes para a geração atual.⁴²⁸

Defendendo essa utilização de músicas mais contemporâneas nas liturgias, Horness salienta a importância da identificação das comunidades mais jovens com os estilos musicais de adoração de suas igrejas.

Os estilos musicais desempenham papel fundamental para ajudar novas gerações a comunicar-se com Deus de um modo que lhe seja familiar e que lhe abra o coração para o encontro com o Senhor.⁴²⁹

Ao refletir sobre a música evangélica na revista da ABEM⁴³⁰ em 2010, Eliane Martinoff registrou que a música *gospel* já havia se tornado a “preferida nos cultos da atualidade”, pois teria vindo buscar uma aproximação da igreja com os jovens, que não mais se identificavam com os estilos tradicionais.⁴³¹ Jacqueline Dolghie já atribui o sucesso desse *movimento* no Brasil a dois fatores: [1] a essa “insatisfação religiosa no meio protestante, no que se refere à música e à liturgia”; e [2] às “estratégias de marketing” adotadas na produção, divulgação e distribuição desse novo estilo de fazer e pensar música evangélica,⁴³² gerando um novo “nicho” de mercado.⁴³³

Esse *movimento*, além de atender uma *demanda eclesial* e quebrar *paradigmas sacralistas*, gerou a *indústria do entretenimento evangélico*, promovendo

⁴²⁷ BAGGIO, 2005, p. 16-25.

⁴²⁸ BAGGIO, 2005, p. 25.

⁴²⁹ HORNESS, Joe. Adoração Contemporânea. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 114-115.

⁴³⁰ Associação Brasileira de Educação Musical.

⁴³¹ MARTINOFF, 2010, p. 71-72.

⁴³² Analisando esse movimento, Jacqueline Dolghie vê a música *gospel* como um “produto simbólico” da Igreja Renascer em Cristo, criada para satisfazer a “demanda religiosa reprimida” que estava insatisfeita no meio protestante, principalmente, no que se referia a questões litúrgicas. DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. A Igreja Renascer Em Cristo e a consolidação do mercado de música *gospel* no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.201-220, outubro de 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2273/978>> Acesso em: 05 nov. 2014.

⁴³³ Robson Rodrigues de Paula expõe as principais características organizacionais do segmento fonográfico evangélico e apresenta o *gospel* como um nicho de mercado que tem sido utilizado pelas gravadoras. DE PAULA, Robson Rodrigues. O mercado da música *gospel* no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. **UNIABEU**, v. 5, n. 9, p. 141-157, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/370/pdf_145> Acesso em: 05 nov. 2014.

transformações unilaterais das culturas até então estabelecidas como sacras e profanas no Brasil, trazendo preocupações às comunidades evangélicas pentecostais.

4.2.1 O *gospel* brasileiro e suas transformações unilaterais

O *gospel* tem produzido mudanças litúrgicas nos cultos e na vida social dos evangélicos – não só nos pentecostais – com reflexos em toda a sociedade brasileira, uma vez que há uma maior presença evangélica na vida pública, em obras de cunho social e em atividades culturais diversas.⁴³⁴ Cunha caracterizou o *gospel brasileiro* não apenas como movimento musical, mais como um “movimento cultural religioso”, trazendo uma “unanimidade evangélica” extraoficial.

[...] o *gospel* não se restringe a um movimento musical; ele tem, sim, na música um elemento forte, articulador, mas é muito mais do que isso. O que ocorreu nos anos 90 no Brasil foi uma explosão do *gospel* como um movimento cultural religioso, de um modo de ser evangélico, com efeitos na prática religiosa e no comportamento cotidiano. Passou-se a experimentar vivências religiosas combinadas em contextos socioculturais os mais variados, o que torna possível uma unanimidade evangélica não-planejada sem precedentes na história do protestantismo no Brasil.⁴³⁵

4.2.1.1 Ampliando as questões

Nessa relação entre religião, mídia, cultura e sociedade, não são apenas questões de ordem *estética-musicais* que se entrelaçam e são absorvidas pela música evangélica. Questões ideológicas, morais e culturais também se fundem, gerando transformações que vão além de modificações litúrgicas. A própria cosmovisão capitalista tem sido apropriada pela religião.⁴³⁶ Hoje se fala do mercado da música *gospel* e da *indústria do entretenimento gospel* - estrategicamente montada para alimentar a atual “geração de consumo”.⁴³⁷

Cunha, em sua tese sobre “a explosão *gospel* no cenário religioso evangélico no Brasil”, aponta o surgimento de “um modo de viver *gospel*” gerado

⁴³⁴ MARTINOFF, 2010, p. 68.

⁴³⁵ CUNHA, 2004, p. 144.

⁴³⁶ Alencar questiona se “a igreja protestante brasileira alterou a cultura brasileira ou foi alterada por ela?” e levanta “hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira”, em seu livro: “Protestantismo Tupiniquim”. ALENCAR, 2005, p. 13, 126-127.

⁴³⁷ “É uma geração que adora a imagem (embora não exatamente de ídolos religiosos), venera o som alto e exalta a tecnologia de último tipo.” FREDERICO, 2007, p. 54.

através do consumo e do entretenimento, que são elementos constitutivos de um modo de vida.⁴³⁸ Essas transformações têm trazido aspectos perigosos à saúde eclesiástica. O mercado *gospel* está gerando uma confusão no campo religioso, promovendo uma mistura de aspectos religiosos com aspectos profissionais.

Podemos perceber que não há uma distinção entre a música de entretenimento e a música de evangelização e louvor; entre crescimento e sucesso na carreira, e entre expansão e propagação da “palavra de Deus”.⁴³⁹

Percebe-se também uma interação entre a canção *gospel* e a canção *pop* não só nas suas elaborações musicais, como nas suas execuções artísticas, difusão comercial e recepção pública.⁴⁴⁰

Em contrapartida, uma contracultura evangélica têm sido indigenizada⁴⁴¹ à cultura nacional, outrora discriminatória em relação aos *crentes*.

[...] ao mesmo tempo em que as gravadoras do nicho *gospel* têm utilizado o modelo organizacional de outros setores fonográficos, percebe-se que, ao distribuir sistematicamente as músicas evangélicas, acabam também contribuindo para a disseminação dos valores e concepções da vertente do cristianismo que mais cresce no Brasil: a religiosidade evangélica.⁴⁴²

Esse paradoxo estaria contribuindo para o crescimento do número de evangélicos no Brasil? Mesmo as gravadoras possuindo uma perspectiva econômica de geração de lucros, a comercialização de seus artigos poderia ser reconhecida como meio legítimo de evangelização?⁴⁴³

Schalk, baseado nos paradigmas de Lutero, não concorda com essa proposta. Pois,

Se música é de fato criação de Deus e dádiva para as pessoas, então proclamar o evangelho com música que reflete descuido, superficialidade, banalidade e – talvez pior do que tudo – presunção é contradizer na arte da música a verdade, honestidade e integridade do próprio evangelho.⁴⁴⁴

⁴³⁸ CUNHA, 2004, p. 196-200.

⁴³⁹ DOLGHIE, 2004, p. 217.

⁴⁴⁰ MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O evangelho Segundo o gospel**: mídia, música pop e Neopentecostalismo. Revista do conservatório de música, Pelotas, n.1, p. 220-249, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/viewFile/2442/2289>> Acesso em: 05 nov. 2014. p. 235-246.

⁴⁴¹ Indigenização é o “fenômeno de adaptação em um povo de um princípio de valor humano que lhe foi pregado ou ensinado, ou inculcado”. DICIONÁRIO Global. Disponível em:

<http://www.dicionarioglobal.com/portugues/100286-indigenizacao> Acesso em: 28 jan. 2015.

⁴⁴² DE PAULA, 2012, p. 155.

⁴⁴³ A atuação das gravadoras “é regida, autorregulada e justificada pela ideia de missão religiosa”. DE PAULA, 2012, p. 151.

⁴⁴⁴ SCHALK, 2006, p. 69.

4.2.1.2 Retornando às antigas discussões

Certo é que a “sacralização da cultura pop”, aliada ao “fator de legitimação para o discurso da identidade nacional” e a “busca pelo êxtase emocional” que também caracterizam o *movimento gospel*,⁴⁴⁵ à medida que valorizam a diversidade cultural e concedem maior autonomia ao indivíduo nas esferas sociais e religiosas, têm gerado crises nas tradições religiosas.

No esforço eclesiástico de dar sentido ao conteúdo bíblico para as novas gerações, os tradicionais limites que separavam os modelos culturais cristão e secular foram progressivamente diluídos, o que estaria levando a um processo de nivelamento do dualismo sagrado/secular.⁴⁴⁶

Os efeitos nocivos e/ou benéficos desse “nivelamento” não serão abordados aqui,⁴⁴⁷ todavia, é importante salientar que ele traz desafios ainda maiores para o pentecostalismo brasileiro no que se refere a essas antigas discussões sobre sacralidade. Dolghie enfatiza que o *gospel* “não se trata de uma simples continuação histórica dos cânticos marginalizados do protestantismo histórico”, e sim, de um produto criado e “totalmente adaptado” para o mercado. Contudo, ressalta que o forte da música *gospel* não é o aspecto mercadológico e sim o de transformação litúrgica.⁴⁴⁸

A música *gospel* transformou o culto em show, trazendo a “emoção”, a “plasticidade” e o “encantamento do espetáculo”⁴⁴⁹ - transformação que também trouxe desafios performáticos com padrões quase inatingíveis aos grupos musicais das comunidades, que aspiram reproduzir a mesma qualidade musical da indústria *gospel*.⁴⁵⁰

4.2.2 Atendendo demandas e descaracterizando identidades

Desde os anos 50 já havia no Brasil cânticos sem reconhecimento litúrgico sendo cantados em reuniões específicas de jovens e resistidos pela tradição

⁴⁴⁵ MENDONÇA, 2008, p. 245-246.

⁴⁴⁶ MENDONÇA, 2008, p. 225.

⁴⁴⁷ Um estudo mais específico sobre os efeitos desse nivelamento do dualismo sagrado/secular no contexto pentecostal brasileiro seria de suma importância para a pesquisa no campo da teologia.

⁴⁴⁸ DOLGHIE, 2004, p. 211-218.

⁴⁴⁹ DOLGHIE, 2004, p. 217.

⁴⁵⁰ EBERLE, Soraya Heinrich. Ensaio como Espaço de Formação: uma riqueza a ser descoberta. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 114-115.

conservadora em diferentes denominações evangélicas.⁴⁵¹ Essa tensão gerou uma grande insatisfação religiosa, especialmente aos dois grupos que Dolghie entende como “sub-grupos do laicato”:⁴⁵² grupo de jovens e grupo de músicos.

4.2.2.1 Insatisfação dos “sub-grupos do laicato”

O descontentamento dos jovens justificava-se por dois aspectos: [1] a insatisfação com a liturgia tradicional, principalmente com o canto congregacional; e [2] a necessidade de senso de pertença social.⁴⁵³

Seguindo a tendência de visibilização social e abandono da atitude ascética e contra-cultural das igrejas neopentecostais, o jovem cristão buscou, na música gospel, uma interação com o mundo secular. Tal necessidade de visibilização, aliada ao desejo de se sentir pertencente a algum tipo de grupo social foram proporcionados pela música gospel que pôde, assim, satisfazer aos desejos dos jovens.⁴⁵⁴

Dolghie registra que a história da música evangélica no Brasil destacava, até então, a tendência de distanciar-se da cultura nativa.⁴⁵⁵ Era a “hegemonia cultural norte-americana”, trazida pelos missionários e a “rejeição da cultura brasileira” que ditavam as regras para a formação da identidade cultural evangélica brasileira, sobretudo no que se referia à música e à liturgia. Hoje, no entanto, a diversidade dos estilos na música evangélica é mais que uma estratégia de mercado *gospel*, constituindo-se como uma exigência da contemporaneidade, que valoriza a identidade local.⁴⁵⁶

Ao grupo dos músicos soma-se outros fatores de insatisfação: [1] a “descrédibilidade de sua atuação” e [2] a “falta de liberdade estilística”, agravado pela [3] “falta de incentivo à formação técnica”. A maioria das igrejas protestantes não assumia uma postura de preocupação com o seu grupo responsável pela música e colocava “nas mãos” de “não especialistas”, “uma parte importantíssima de sua liturgia”.⁴⁵⁷ O movimento gospel veio preencher essa lacuna. O resgate da visão ministerial da música na Bíblia e na igreja, talvez seja o grande legado que ele irá

⁴⁵¹ Dolghie traz um breve relato histórico da hinódia tradicional do protestantismo brasileiro, salientando a constante resistência à contemporaneidade. Ela dialoga sobre as estratégias de marketing utilizadas pela Igreja Renascer em Cristo para a divulgação do seu produto no mercado religioso e cultural: o *Gospel*. DOLGHIE, 2004, p. 205-207.

⁴⁵² Grupo de leigos referentes à administração eclesiástica.

⁴⁵³ DOLGHIE, 2004, p. 209-211.

⁴⁵⁴ DOLGHIE, 2004, p. 209.

⁴⁵⁵ MENDONÇA, 2008, p. 234.

⁴⁵⁶ MENDONÇA, 2008, p. 238.

⁴⁵⁷ DOLGHIE, 2004, p. 207-208.

deixar às igrejas evangélicas no Brasil, ainda que utilizando títulos que carecem de revisão teológica, como “levitas”,⁴⁵⁸ “adoradores”⁴⁵⁹ e outros. A valorização do músico e da própria música no culto tem sido uma herança positiva desse movimento.

4.2.2.2 *Tendências preocupantes*

Carvalho registra que “a música *gospel* já está sendo reconhecida como expressão cultural brasileira” e “já faz parte da identidade e do gosto” da maioria dos membros da AD e dos “brasileiros em geral”.⁴⁶⁰ No entanto, a apropriação do *culto estilo gospel* nas ADs trazem duas preocupações a respeito de sua identidade litúrgica.

A primeira é a tendência da descaracterização com o próprio movimento pentecostal referente às suas manifestações carismáticas, pois, “na maioria dos cultos de adoração contemporânea não se encontra a ênfase no falar em línguas, em cantar no Espírito, nas curas ou em palavras proféticas”.⁴⁶¹ E as demais doutrinas distintivas do pentecostalismo⁴⁶² também tendem a se diluírem às teologias neopentecostais e às ideologias pós-modernas e de consumo, a partir das músicas midiáticas produzidas pela produção *gospel* e pregadas musicalmente nos cultos.

Muitos cânticos não possuem teologia sólida. Servem mesmo ao mercado consumista atual, que precisa cada vez de mais produção, independente da qualidade. Respondem ainda aos anseios do culto centrado na pessoa humana, e não em Deus. Querem dignificar o sentimento de quem está no culto, mais do que louvar a santidade de Deus. É um culto antropocêntrico.⁴⁶³

Horness registra que a diferença principal entre a adoração contemporânea e a carismática revela-se “quanto ao modo em que o Espírito Santo se manifesta no momento da adoração”. Na apropriação do estilo tradicional com hinos, essas características já haviam se perdido um pouco com a formalização de uma

⁴⁵⁸ Tratado no capítulo anterior.

⁴⁵⁹ Como se somente musicistas ou cantores(as) fossem adoradores(as)! Falta de distinção conceitual entre música e adoração.

⁴⁶⁰ Carvalho, 2013, p. 85.

⁴⁶¹ HORNESS, 2006, p. 170.

⁴⁶² Que não puderam ser discutidas nessa pesquisa.

⁴⁶³ FREDERICO, 2007, 172.

sequência litúrgica a partir da década de 50.⁴⁶⁴ E algumas ADs já têm se *neopentecostalizadas* em contradição a essa tradicionalização.⁴⁶⁵

A segunda preocupação é a tendência - já mencionada no capítulo anterior - à extinção da cultura de coros, conjuntos, bandas de músicas e orquestras da AD, em virtude dessa concepção *gospel* de culto show, resumindo tudo ao louvor *dito* congregacional⁴⁶⁶ com as bandas contemporâneas⁴⁶⁷ - que na maioria das vezes utilizam-se de estruturas musicais pouco acessíveis ao canto congregacional.⁴⁶⁸

Eberle registra sua preocupação quanto à *inferiorização* da música comunitária e à acessibilidade do canto do povo com a *sacralização* do fenômeno *gospel*, que vem da mídia e possui finalidades, primeiramente, comerciais. Com o avanço das tecnologias de aperfeiçoamento das músicas em estúdio - onde “tudo pode ser corrigido” - e da sua qualidade de reprodução, o canto comunitário torna-se “simplório demais”. E, com a ampliação do som das bandas, a própria “voz da comunidade já não mais aparece”.⁴⁶⁹ Um efeito de *deseducação vocal e musical* da comunidade, que já não se ouve, não se afina, não se harmoniza.⁴⁷⁰

Carvalho salienta que, atualmente, nas Assembleias de Deus, “os jovens só estão querendo tocar guitarra, bateria e outros instrumentos do gênero” e que “não se interessam mais pelos instrumentos de sopro” - o que “é preocupante”.⁴⁷¹

4.2.2.3 Proposições possíveis

Todavia, mesmo apoiando a incorporação das bandas de “louvor congregacional” na liturgia assembleiana, Carvalho notabiliza que “as orquestras devem continuar seu belo trabalho”, pois, segundo ele, a cultura da AD “se tornará muito mais pobre se as orquestras forem extintas”.⁴⁷²

⁴⁶⁴ Visto no capítulo 1 e realçado do capítulo 2.

⁴⁶⁵ Como indica a pesquisa de CORREA, 2006.

⁴⁶⁶ Que na verdade é performático, pensado mais na extensão vocal e nas potencialidades do cantor(a)/ministro(a)/artista do que nas possibilidades da comunidade. Sem mencionar a intensidade dos instrumentos que impossibilita a comunidade de se ouvir. As apresentações performáticas dos corais eram mais congregacionais que muitas bandas que conduzem o louvor congregacional hoje!

⁴⁶⁷ Que na maioria das vezes são cover de outras bandas e artistas da mídia *gospel*.

⁴⁶⁸ Referência empírica baseada na experiência do autor, apoiada na observação de FREDERICO, 2001, p. 325.

⁴⁶⁹ EBERLE, 2010, p. 114-115.

⁴⁷⁰ EBERLE, 2010, p. 115.

⁴⁷¹ CARVALHO, 2013, p. 85.

⁴⁷² CARVALHO, 2013, p. 85.

Os hinos da Harpa Cristã ficam belíssimos quando executados por uma boa orquestra. O louvor congregacional e os hinos tradicionais, bem como com hinos especiais, podem perfeitamente usufruir de seu espaço na liturgia. O culto se tornará muito mais vivo e dinâmico se conciliarmos esses três diferentes tipos de louvor. Apesar de se tratar de formas diferentes de louvar a Deus, ambos são recebidas pelo Senhor como agradável adoração, desde que tudo seja feito com excelência e em harmonia com os princípios bíblicos que regulam essa prática.⁴⁷³

Robert Rhodem ao refletir sobre o que “toda igreja deve adotar para alcançar o máximo potencial na adoração”, salienta esta preocupação:

Se você quer comunicar aos jovens a mensagem de que eles não são importantes, elimine sua música. Se você quer marginalizar os crentes mais velhos, desfaça-se de sua música.⁴⁷⁴

Webber defende a utilização do que ele chama de “adoração combinada”, propondo a união da adoração litúrgica com a contemporânea.⁴⁷⁵ Morgenthaler considera essa proposta um “ponto de partida” para novas concepções de liturgia.⁴⁷⁶ E Williams também a considera desafiadora porque

[...] a adoração combinada tenta manter a geração mais velha e mais tradicional e, ao mesmo tempo, receber bem a geração mais nova e mais centrada na experiência, de forma que possam aprender uns com os outros.⁴⁷⁷

Essa “adoração combinada” defendida por Webber poderia ser também a fusão das liturgias “carismática”, “tradicional com hinos” e “contemporânea”? E essa combinação, aliada à diversidade estilística sugerida por Carvalho, seria uma proposta possível para que a AD continue contemporaneizando sua fé, aculturando sua doutrina, contextualizando sua tradição, sem perder sua “identidade”?

Conclusão

É evidente que “as comunidades cristãs possuem marcas históricas”, “que não devem soçobrar ante modismos transitórios ou sofrer influências inescrupulosas”,⁴⁷⁸ contudo, são os princípios que fundamentam a fé dessa comunidade que devem estar em evidência, acima das tradições, para que estilos e liturgias não sejam canonizados. Nesse processo, a abertura para se experimentar uma maior variedade musical deve vir tanto do lado mais conservador da

⁴⁷³ CARVALHO, 2013, p. 86.

⁴⁷⁴ RHODEM, 2003, p. 51.

⁴⁷⁵ WEBBER, 2006, p. 182-197.

⁴⁷⁶ MORGENTHALER, 2006, p. 219.

⁴⁷⁷ WILLIAMS, 2006, p. 213.

⁴⁷⁸ FREDERICO, 2001, p. 341.

comunidade (tradicionalismo de dentro) como do lado mais contemporâneo (tradicionalismo de fora), dirimindo as resistências de ambos os lados, ampliando o *leque de possibilidades*, aumentando a quantidade de elementos musicais, teológicos e culturais, na busca do crescimento comunitário, opondo-se, assim, ao simples gostos musicais baseados em experiências limitadas no tempo e espaço.

O equilíbrio, gerado por uma reflexão histórico-teológica litúrgico-musical consistente, responsável e despretensiosa, seria fundamental nesse momento para que a AD continue cantando, tocando e crescendo.

CONCLUSÃO

Especialistas nas áreas da ciência e antropologia social e da religião expuseram suas análises sobre o novo cenário religioso do país com base no último censo do IBGE. Dentre várias considerações, quatro foram fundamentais para provocar as questões dessa pesquisa: [1] o aumento expressivo dos evangélicos, impulsionado pelo crescimento dos pentecostais; [2] o registro da AD como a única denominação pentecostal de âmbito nacional que ainda cresce, sendo há décadas a maior igreja evangélica do Brasil; [3] a tendência predominante do abandono das tradições em busca de ressignificação das identidades religiosas; e [4] a influência da música nesse processo de identificação e como agente principal na configuração desse novo campo religioso brasileiro.

A partir dessas constatações, ciente de que a AD já é uma igreja centenária, explicitamente musical e uma referência para o pentecostalismo brasileiro, inúmeros questionamentos deram origem a essa investigação. O crescimento da AD se mantém porque ela vem na contramão dessa tendência do abandono de uma tradição recebida? Ou os responsáveis pela música dessa denominação estariam recriando suas linhas em busca de versões contextualizadas? Qual seria a sua concepção de comunidade, de culto, de ministério, de sacralidade? E como essas concepções se relacionam com a sua prática litúrgico-musical? Como é o culto, o canto e a música dessa denominação que permanece crescendo em meio às transformações sociais e culturais do Brasil nesse último século? Qual a sua identidade musical?

Em busca de respostas, a pesquisa se depara com questionamentos ainda mais específicos sobre a música na igreja que precisavam ser refletidos, para buscar entender o pentecostalismo brasileiro pelo viés musical a partir de sua matriz. Questões sobre *Ministério de Música*, *Teologia da Música*, sacralidade e movimento *gospel*, tiveram que ser exploradas na tentativa de responder ao problema central desse trabalho: É possível uma igreja manter a sua identidade litúrgico-musical e ainda permanecer crescendo?

Movido por essa investigação - justificada pelos reconhecimentos dessa denominação como “matriz pentecostal” e “celeiro musical” no Brasil, e ainda pelo

seu resistente crescimento, a escassez de pesquisas com este enfoque, e motivações pessoais, religiosas e profissionais do autor - este trabalho sistematizou-se em quatro capítulos, buscando uma reflexão crítica sobre a música eclesial da AD e o estabelecimento de princípios litúrgico-musicais para o *Ministério de Música* no Pentecostalismo Brasileiro.

Revisão histórica da pesquisa: resumo e considerações

A AD surge num período em que o Cristianismo no Brasil ainda possuía uma linguagem étnica estrangeira e/ou burguesa. Uma igreja tipicamente brasileira se estabelece entre os pobres, tendo como marca sua contextualização social. Vinte pessoas, livres de amarras étnicas - embora lideradas por dois suecos - propagam um pentecostalismo proselitista que, em quatro décadas, cresceu mais de 600.000%. Embora esse crescimento esteja declinando significativamente a cada censo, a AD é a única igreja de projeção nacional que ainda cresce. Além das hipóteses místico-pentecostal e social-histórica, a brasilidade dessa denominação e a sua fragmentação também são apontadas como fatores decisivos para esse crescimento. No entanto, essa pulverização em várias *Assembleias de Deus* dificulta a compreensão de sua lógica de funcionamento e a definição de uma identidade litúrgico-musical nacional. Hoje, uma generalização é impossível. Investigar as suas origens torna-se fundamental.

A. Origem revolucionária: um carisma missionário, com um fervor reverente, em meio a uma pluralidade musical

A AD foi fundada com uma liturgia carismática e missionária, caracterizada pela sua liberdade de expressão. Dois jovens músicos pentecostais, contemporaneizando sua fé, aculturando sua doutrina e revolucionando com suas mensagens, orações, testemunhos e canções. O carisma revolucionário desse *movimento eclesial anárquico* estava presente no fervor do seu canto comunitário e na identificação de sua música com o povo brasileiro. Instrumentos considerados profanos pela tradição evangélica da época eram utilizados no culto assembleiano, compondo um nosso som evangélico, marcado por ritmos mais abasileirados, com harmonia e instrumentação popular e melodias simples. Um

novo jeito de pensar liturgia: sem liturgia. Era o Pentecostalismo Assembleiano Brasileiro redefinindo o conceito de sacralidade litúrgica e musical. Cantando, tocando e crescendo.

As concepções de edificação de comunidade carismática e missionária de Volkmann foram consideradas, na busca de entender a identidade assembleiana.⁴⁷⁹ O ideal de culto como uma celebração viva, a ênfase da experiência com o transcendente, o caráter evangelístico como a essência de todos os trabalhos e o cultivo de uma profunda espiritualidade podem representar as bases dessa identidade. Pois, a liturgia livre e espontânea, com ênfase na adoração, na oração, nas manifestações exteriores do Espírito e nos apelos evangelísticos para a salvação pode ser identificada na AD. Ainda que, nessa denominação pentecostal, a espontaneidade é refreada na busca por um equilíbrio entre o formal e o informal, na condução de um culto sob o binômio “reverência e fervor”.⁴⁸⁰

O registro de um culto assembleiano, em 1945, pelo conceituado periódico Revista da Semana, trouxe maiores esclarecimentos dessa identidade. Ordem, reflexão, reverência, mover de Deus, linguagem simples, louvor empolgante e participação de coro e orquestra, são algumas das características que chamaram a atenção dos repórteres durante a liturgia. O título da matéria – “a música fala a Deus” – expressou o que mais chamou a atenção deles naquela primeira experiência com uma AD.

Outro diferencial na adoração comunitária dessa denominação, além de seu fervor congregacional, é a liberdade à música de *performance*, algo fundamental na sua espiritualidade, liturgia, organização eclesial e formação artística musical. Seus vários departamentos possuem conjuntos vocais que os representam nos cultos gerais da igreja. Existem ainda os coros oficiais das comunidades, os cantores “especiais”, as bandas de música, as orquestras... Tudo numa *democratização prática* da música nesse contexto, indo ao encontro do que Louis Illenseer defende como “educação musical inclusiva”.⁴⁸¹

No próprio Pentecostalismo a música possui função vital na experiência religiosa coletiva e individual, com variedade de estilos e uma maneira entusiasta, sincera e profunda de cantar e tocar. Na AD, por essa ênfase dada à música na

⁴⁷⁹ VOLKMANN, 1998, p. 179-190.

⁴⁸⁰ FREDERICO, 2007, p. 120.

⁴⁸¹ ILLENSEER, 2010, p. 131.

liturgia, ela tem sido reconhecida, desde as primeiras décadas, como um valioso celeiro musical. Embora essa relevância à música seja mais no exercício eclesialístico do que na discussão teológica, na prática a comunidade assembleiana vive e produz música, cantores(as) e musicistas de maneira intensa e espontânea, como parte integrante de sua cultura e de sua concepção fundante.

B. Processo de transformação: tradicionalismo, sacralidade litúrgico-musical e revoluções

Só a partir da terceira década que o modelo conservador e tradicional da AD passou a configurar outra ideia de identidade, e não sob a liderança de seus fundadores, Daniel Berg e Gunnar Vingren.⁴⁸² Houve um processo de transformação que pode ser historicamente dividido em três grandes períodos: 1911 – majoritariamente carismática; 1946 – majoritariamente tradicional; e a partir de 1988 – majoritariamente burocrática.⁴⁸³

Com o processo de tradicionalização, a AD também passou a sacralizar seus ritos e suas formas musicais. Instrumentos foram discriminados como sacros e profanos, e a Harpa Cristã (HC) assumiu o referencial de identidade musical assembleiana.

Ainda hoje, a HC é reconhecida como o “patrimônio cultural” da AD por ser, além da espinha dorsal da sua teologia, o centro em torno do qual as suas práticas musicais foram agrupadas durante muitas décadas. Muitos(as) cantores(as), musicistas e regentes surgiram através da prática de cantar e tocar a HC. A presença brasileira na sua construção também pode ser salientada, bem como a influência direta de sua mensagem no fenômeno de crescimento e expansão da igreja. Todavia, atualmente, em muitas igrejas ela é usada apenas como fator de preservação de uma suposta identidade litúrgica, com pouca conexão poética, rítmica, harmônica e melódica com as novas gerações.

As mudanças litúrgicas significativas no decorrer da história da AD foram apontadas por Alencar ao distinguir as três categorias de templos assembleianos. [1] Nos “templos-casa” (nas primeiras décadas): um “culto anárquico”, familiar, livre, simples, carismático, presente ainda no mundo rural. [2] Nos “templos-pensão” (a

⁴⁸² ALENCAR, 2013, p. 150.

⁴⁸³ ALENCAR, 2013, p. 86.

partir de 1950): um “culto da ordem”, com sequência litúrgica, tradicional, com diferenciação entre clero e leigos. [3] E nos “templos-shopping” (a partir de 1980): um “culto espetáculo”, mecanizado, com profissionalização da música, do som e demais áreas técnicas.⁴⁸⁴ Apoderando-se dessa mesma categorização, percebe-se que: [1] nos “templos-casa” a HC ainda é elemento indispensável da liturgia, sendo acompanhada comumente por instrumentos populares ou cantada *à capela*; [2] nos “templos-pensão” o hinário também faz parte de sua sequência litúrgica, acompanhado por bandas de música ou orquestra, mas disputa lugar com outros hinos e cânticos congregacionais e avulsos; e [3] nos “templos-shopping” a utilização do hinário está quase em extinção.

As revoluções musicais do cenário eclesial brasileiro dos anos 50, com os “corinhos”,⁴⁸⁵ dos anos 70, com os “cânticos de louvor e adoração” e dos anos 90, com a música *gospel*, também vieram promovendo inúmeras transformações litúrgicas nas ADs. Hoje, muitas igrejas nem remetem mais àquela *antiga* Assembleia de Deus, estigmatizada por seu conservadorismo, pois foram alteradas por demandas sociais.⁴⁸⁶ A pesquisa de Correa sobre as alterações das características da AD, num estudo a partir da igreja do bairro Bom Fim em São Paulo,⁴⁸⁷ exemplifica essa transformação. A oposição entre as gerações no processo de mudança para a garantia de continuidade de uma identidade herdada⁴⁸⁸ pode ser percebida nesse exemplo.

Conceitos, considerações e propostas

A. Música e ministério

O trabalho de música no exercício da espiritualidade é um *ofício ministerial eclesial funcional* com relevância em todo o contexto comunitário. Ele lida com dimensões teológicas, litúrgicas, históricas, antropológicas, sociológicas, culturais, familiares, didáticas, físicas, emocionais e espirituais.

⁴⁸⁴ ALENCAR, 2013, p.144-145; 197-200; 255-262.

⁴⁸⁵ Embora haja registros dessa nomenclatura em 1921 na compilação do primeiro hinário da AD: “Cantor Pentecostal”.

⁴⁸⁶ ALENCAR, 2010, p. 39.

⁴⁸⁷ CORREA, 2006.

⁴⁸⁸ CASTELLS, 2001, p. 57.

A visão de que musicistas são legitimamente ministros na igreja, recebe apoio de vários autores, cômicos da interdependência entre música e teologia, liturgia, palavra pregada e comunidade. Contudo, o próprio termo “ministério”, embora comumente utilizado no meio eclesiástico, ainda possui sentidos controversos. A sua conotação bíblica de “serviço” gerado pelo “impulso da fé”⁴⁸⁹ precisa ser resgatada.

Na AD, a atividade musical é categorizada como um “ministério orgânico”,⁴⁹⁰ considerado como uma “classe desfavorecida”, sem poder de decisão.⁴⁹¹ Para subir a *escada eclesiástica hierárquica* (auxiliar, diácono, presbítero, evangelista e pastor) é necessário justificar seu ministério em outras áreas de atuação. Nesse processo, muitos abandonam as atividades musicais em prol dessa ascensão e autoridade.

As dimensões verticais e horizontais da música eclesiástica precisam ser refletidas, partido das concepções de Lutero, que a considerava “uma dádiva de Deus para ser usada em toda a sua plenitude”, sendo a “*viva vox evangelii*”.⁴⁹² Dentro e fora da liturgia, dentro e fora dos muros da comunidade, a música auxilia na atualização da “linguagem do Evangelho”,⁴⁹³ criando “experiência”, “realidade na vida das pessoas”, “sentimento de pertença”, “senso de comunidade”. E no culto cristão recebe uma responsabilidade ainda maior em virtude da autoridade didático-teológica que lhe é atribuída.⁴⁹⁴ Portanto, a visão do *Ministério de Música* deve ser ampliada sobre o “significado de se estar servindo”, compreendendo que esse ministério está “a serviço de uma causa maior” do que simplesmente o fazer música na igreja⁴⁹⁵ - desconstruindo a concepção *música pela música* no contexto eclesiástico.

O reconhecimento da música como ministério e a outorga institucional do ofício de “*ministro(a) de música*” para os(as) líderes de música das comunidades é um desafio a ser alcançado, o qual foi percebido e expresso durante a pesquisa. Um reconhecimento por suas dimensões e múltiplas atividades, inclusive evangelísticas e pastorais, realizadas a partir de ações relacionadas à música e, exclusivamente, nas áreas musicais. Sendo conferida a esse(a) ministro(a) a responsabilidade, junto

⁴⁸⁹ ZIMMEMANN, 2010, p. 59.

⁴⁹⁰ Ministério no sentido de atuação da membresia local.

⁴⁹¹ ALENCAR, 2013, p. 228.

⁴⁹² SCHALK, 2006, p. 38.

⁴⁹³ ZIMMERMANN, 2005, p. 91.

⁴⁹⁴ SOUZA, 2010, p. 40.

⁴⁹⁵ ZIMMERMANN, 2010. p. 91.

ao seu pastor, da manutenção dos princípios identitários litúrgico-musicais de sua comunidade, na busca da manutenção de sua identidade e o seu crescimento.

B. Música e teologia

Música é um tema teológico. A (des)preocupação com essa temática influencia diretamente na filosofia e prática de uma comunidade. Um estudo específico sobre a música na Bíblia e no Cristianismo seria fundamental, tanto para musicistas como para pastores(as), uma vez que nos atuais cursos teológicos as questões musicais são abordadas apenas, e timidamente, no estudo da liturgia. Concepções heréticas têm sido aceitas pelo consenso popular pentecostal - e até por líderes e pastores(as) -, por falta dessa preocupação exegética relacionada à música. A *lucifernização* da música, excitada numa liderança dita *teocrática*, e o resgate do sacerdócio levítico, instigado por uma comunidade que tende ao *sacerdotalismo*, são exemplos dessas heresias (aparentemente inofensivas) e suas repercussões filosóficas e práticas no contexto pentecostal brasileiro. Assim, conflitos entre pastores e musicistas são ainda mais acirrados, amparados por esses *mitos* e modismos, além de experiências negativas entre eles, que tem gerado estereótipos, aspereza e abandono pastoral.

É imprescindível uma revisão histórica e teológica consistente, responsável, reflexiva e despretensiosa sobre música na Bíblia e na igreja, com definições de princípios universais e aculturais, teológicos e litúrgicos, para a formação de uma *Teologia da Música* e a sua inclusão nos cursos de teologia e de formação pastoral como disciplina obrigatória.

Percebe-se também a necessidade da criação de um curso de formação de líderes de música, abrangendo os desafios e as áreas de atuação de seu ministério no contexto eclesial, com suas peculiaridades no pentecostalismo brasileiro. Um curso que forme um especialista na área de liderança musical com conhecimentos gerais de sua complexidade: um **especialista generalista**. Numa formação que compreenda áreas musicais, teológicas, didáticas e ministeriais, agregando desde leitura de partitura, prática de um instrumento, noções de regência coral e instrumental, panorama geral da Bíblia, doutrinas centrais e distintivas, noções de psicologia da educação e práticas pedagógicas, até liderança, aconselhamento pastoral, história da igreja, liturgia e *Teologia da Música*.

C. Música e sacralidade

Observou-se que a Bíblia não fornece um modelo específico, ou um estilo de liturgia adequado para o contexto geral, multicultural e atemporal, somente princípios que orientam nosso relacionamento individual e coletivo com Deus. Logo, as Escrituras também não fornecem instruções específicas sobre estilos musicais para a liturgia, nem aponta critérios para definirmos uma música puramente sacra. O conceito de identificação da sacralidade reside num aspecto subjetivo, intencional.⁴⁹⁶

A própria publicação institucional da AD, mesmo em matéria onde defende a utilização do seu hinário oficial, assegura que “todas as formas de louvor com música são funcionais e podem conviver lado a lado, com organização”, “desde que atinjam o âmbito da expressão espiritual”.⁴⁹⁷ Assim, quem confere a sacralidade de uma música é a sua funcionalidade. E quem define essa funcionalidade é a comunidade, a partir de requisitos que norteiam a sua fé.⁴⁹⁸

Nesse processo de sacralização, um hinário adquire força quase divina, equivalendo-se, por vezes, à própria Bíblia. Com o tempo, esse *poder sacralizador* constrói paradigmas musicais, culturais e estilísticos formando uma *tradição musical comunitária* ou *denominacional*. Essa tradição traz proteção teológica e um sentido de pertencimento, contudo, inflexibiliza à inculturação, gerando uma conseqüente *profanização* de outras tradições, culturas e estilos. E essa luta pela preservação de sua tradição pode ser extremamente nociva para essa comunidade. Como não existe uma liturgia perfeita ou tradição divina que garanta a fé ininterrupta das gerações,⁴⁹⁹ as comunidades eclesiais devem atentar para a relevância, sendo flexíveis à cultura atual e local, sem repulsar as tradições já estabelecidas, ou cair na superficialidade musical e teológica.

A combinação dos estilos de adoração “carismática”, “tradicional com hinos” e “contemporânea”, exposta na obra de Basden, poderia ser uma proposta possível de conciliação entre os três períodos históricos da AD, com valorização e espaços na liturgia para todas as manifestações musicais, desde que fundamentadas em princípios norteadores. Para isso, a abertura para se experimentar uma maior variedade musical deve vir tanto do lado mais conservador da comunidade como do

⁴⁹⁶ SOUZA JR., 2010, p. 126.

⁴⁹⁷ GALVÃO, 2000, p. 6.

⁴⁹⁸ SOUZA JR., 2010, p. 123-128.

⁴⁹⁹ KAUFILIN, 2011, p. 235.

lado mais contemporâneo, dirimindo as resistências de ambos os lados, ampliando o *leque de possibilidades*, aumentando a quantidade de elementos musicais, teológicos e culturais, na busca do crescimento comunitário, em detrimento de simples gostos musicais baseados em experiências limitadas ao tempo e espaço.

Para tanto, torna-se fundamental e urgente a formação de uma liderança equilibrada que saiba “discernir o que reter da tradição em função da preservação de valores que dão identidade” a sua comunidade, “considerando os critérios de acessibilidade popular e da teologia” para definir o que pode ser contextualizado, e de que forma, para que essa comunidade “mostre sua adequação aos tempos e necessidades modernos” sem perder sua identidade.⁵⁰⁰ Utilizando-se desses parâmetros para “dar o impulso” e “ponto de partida para o diálogo com novas e diferentes intenções que se apresentem”, a fim de que a música eclesiástica possa ser um “elemento de contracultura” e não de simples assimilação cultural.⁵⁰¹

D. Música e mídia

O resgate da visão ministerial da música na Bíblia e na igreja talvez seja o grande legado que o movimento *gospel* irá deixar às igrejas evangélicas no Brasil, ainda que utilizando títulos que carecem de revisão teológica. A valorização do músico e da própria música no culto tem sido uma herança positiva desse movimento. No entanto, tem transformado o culto em show, trazendo a “emoção”, a “plasticidade” e o “encantamento do espetáculo”,⁵⁰² provocando desafios *performáticos* com padrões quase inatingíveis aos grupos musicais das comunidades que, por vezes, aspiram reproduzir a mesma qualidade musical da indústria midiática.⁵⁰³

A *inferiorização* da música comunitária e a inviabilidade do canto do povo - gerando uma *deseducação vocal e musical* - somam-se a outras preocupações quanto à *hegemonia gospel-midiática*, como a própria descaracterização com o movimento pentecostal, referente à sua teologia e às manifestações carismáticas, e a extinção da cultura de coros, conjuntos, bandas de música e orquestras.

⁵⁰⁰ FREDERICO, 2001, p. 341.

⁵⁰¹ EBERLE, 2012, p. 266-267.

⁵⁰² DOLGHIE, 2004, p. 217.

⁵⁰³ EBERLE, 2010, p. 114-115.

Embora tenha atendido demandas eclesiais importantes para o crescimento da igreja e incitado discussões e reflexões até então menosprezadas, o *gospel* brasileiro é uma indústria de entretenimento midiático e não possui compromisso confessional, litúrgico, didático, nem musical, por ser regido pela lei do consumo.

Nesse período marcado pela desconstrução de paradigmas urge a necessidade – que sempre houve – de definições de princípios universais e aculturais, teológicos e litúrgicos, para que, nessa busca por relevância, as igrejas pentecostais não entrem no processo de *ignorantização* ao novo ou ao legado - extremos que são prejudiciais tanto ao crescimento da comunidade quanto à manutenção de sua identidade.

Princípios para o *Ministério de Música* do Pentecostalismo Brasileiro, a partir da identidade litúrgico-musical percebida na Assembleia de Deus do Brasil

A partir desta pesquisa bibliográfica e documental,⁵⁰⁴ o autor atreve-se a responder o seu problema de maneira afirmativa. Sim, é possível uma igreja manter a sua identidade litúrgico-musical e ainda permanecer crescendo, se essa identidade não estiver arraigada na sacralidade de sua tradição, mas na relevância dos seus princípios que lhe deram origem e sustentam o seu crescimento e edificação.

Nessa concepção, sendo a AD uma igreja protestante, missionária, pentecostal e brasileira, as principais características distintivas que podem ser realçadas como sua identidade litúrgico-musical repousam sobre a sua **teologia**, sua **missão**, sua **espiritualidade** e sua **brasilidade**. Assim, segue algumas reflexões e proposições a partir dos princípios estabelecidos como: [1] compromisso teológico; [2] ardor evangelístico; [3] fervor comunitário; e [4] diversidade cultural.

⁵⁰⁴ Mesmo reconhecendo que ela mais provocou novas questões do que trouxe soluções aos questionamentos propostos.

Princípio distintivo 1: Compromisso teológico

Uma música com identidade assembleiana é, em primeiro lugar, uma música em que sua mensagem expressa a sua crença.⁵⁰⁵

Como já analisado, a música é fundamental no processo evangelístico, didático e apologético. A identidade confessional teológica de uma comunidade de fé é construída e reforçada por seus cânticos. Contudo, sua antítese também é verdadeira. A identidade confessional teológica de uma comunidade de fé pode ser enfraquecida e desconstruída por seus cânticos.

As doutrinas pentecostais assembleianas foram difundidas por toda a nação através do seu hinário, o que foi compilado originalmente para que as peculiaridades teológicas que distinguiam o pentecostalismo das demais igrejas evangélicas fossem realçadas enquanto o povo as cantava. A HC foi um instrumento de propagação da fé pentecostal no Brasil. “Foi”. Desde a década de 90, as canções *made in gospel brasileiras* difundem a fé neopentecostal no país. E hoje, com a indústria do entretenimento evangélico, parece impossível deter a proliferação de músicas com distorções teológicas – das mais sutis às mais grotescas – uma vez que suas composições são ditadas pela lei do consumo e não por um compromisso teológico confessional. No entanto, é possível, e fundamental, que as comunidades não concedam a essas canções a autoridade didático-teológica do seu espaço litúrgico.

Assim os defensores do uso irrestrito da HC na liturgia estariam com a razão? Como preservação de uma identidade litúrgica tradicional, sim. Como proteção doutrinária, talvez. Como instrumento de propagação dessa fé, pouco provável. Uma nova revisão, adaptação ou ampliação desse hinário, ou até a edição de um novo - com os mesmos dogmas, porém, num estilo contemporâneo - seria uma proposta mais plausível para a ressignificação dessas doutrinas. Todavia, com a atual “geração de consumo”, alimentada pela mídia, logo a questão retornaria. Um trabalho constante de incentivo à gravação e divulgação de novas composições com os mesmo dogmas seria mais produtivo. E um investimento na formação teológica

⁵⁰⁵ Todos os movimentos eclesiais advindos da reforma protestante alegam ter a Bíblia como seu referencial de fé e prática. Não entrando em questões relativas a métodos de interpretação bíblica, nem a veracidade de doutrinas confessionais, é certo que cada igreja possui a sua visão teológica baseada no seu entendimento, ou revelação do sagrado, e que seus dogmas precisam ser ensinados, professados e defendidos por sua comunidade para que ela se propague, cresça e seja edificada. A AD não é diferente.

de seus/suas líderes de música teria ainda mais eficácia nessa tensão entre conteúdo e forma, na busca de um crescimento que não descaracterize as igrejas quanto a sua teologia.

Princípio distintivo 2: Ardor evangelístico

Outro princípio que caracteriza a música da AD brasileira é a sua ênfase missiológica. A evangelização faz parte da concepção assembleiana de ser igreja. O senso de responsabilidade e urgência na propagação do evangelho – inerente de sua teologia escatológica arminiana – é marca distintiva da música dessa denominação que, mesmo em momento litúrgico, sempre atingiu dimensões querigmáticas. A adoração a Deus, a edificação da igreja e a proclamação do evangelho é uma *trilogia temática musical* presente na prática assembleiana desde os seus primórdios, influenciando diretamente a sua cosmovisão missionária.

Missiologia poderia ser o tema central da HC, uma vez que mais de 50% de seus hinos estão relacionados a ele. Mensagens evangelísticas de apelo à conversão pessoal e de exortação à militância da igreja em favor “das almas perdidas”, se entrelaçam em hinos com forte apelo emocional e convite à santificação, à renúncia e à adoração. Os “corinhos” pentecostais não fugiam muito dessa temática. No entanto, a apropriação dos “cânticos de louvor e adoração” trouxe uma transformação não apenas estilística, mas de ênfase temática. Dimensões doxológicas passaram a ter primazia. O que trouxe toda uma renovação litúrgica, com períodos dedicados especificamente ao “louvor e a adoração”, que culminou na incorporação do *gospel brasileiro* - com temáticas ainda mais individualistas e subjetivas. O enfraquecimento do ardor evangelístico da comunidade assembleiana, sintomatizado na redução do seu crescimento nos últimos censos, poderia ser reflexo dessa mudança de ênfase. Se a *trilogia temática* da prática musical da AD de origem – adoração, edificação e evangelização – fosse mantida, mesmo em meio à transformação estilística ocorrida, o crescimento teria sido maior? A análise da pesquisa acredita que sim.

Sem menosprezar a importância da doxologia e da koinonia no culto cristão, o ardor da dimensão querigmática é uma identidade matriz da música assembleiana que precisa ser preservada, ou restaurada, tanto nas ADs como em todo o pentecostalismo brasileiro, para que permaneçam cantando, tocando e crescendo.

Princípio distintivo 3: Fervor comunitário

Oriunda do movimento pentecostal, a maneira entusiasta de cantar e tocar, provocando uma espécie de *ebulição* comunitária, é outra das marcas distintivas da música assembleiana. O que uns chamam de “emoção” ou “catarse espiritual”, o pentecostalismo entende como “poder de Deus”, liberdade para manifestação dos dons carismáticos ou, simplesmente, “fervor”.

As *glossolalias* e as expressões doxológicas espontâneas da comunidade durante uma música congregacional ou até *performática* são características de uma adoração carismática, presentes na identidade da matriz pentecostal brasileira. Nesse contexto, a própria koinonia e edificação da igreja se fazem, também, pela ação dos carismas. Contudo, com a sacralização do estilo tradicional com hinos, algumas dessas características foram se perdendo. Em contraponto a essa tradicionalização, outras ADs se neopentecostalizaram aderindo ao estilo de adoração contemporânea, onde as manifestações carismáticas são ainda menos visíveis pelo ideal de culto show. Entretanto, nessa guerra contra os extremos de uma espontaneidade leviana, de um formalismo exacerbado e de uma adoração movida por desempenho, nasce o ideal de culto assembleiano, caracterizado pelo fervor, pela reverência e pela sublimidade.

Nessa percepção, o empenho de um *Ministério de Música* para alcançar o seu ideal de beleza artística, e as ponderações da teologia para se cultivar um ambiente de reverência, não devem sufocar o fervor comunitário, característica que identifica a AD com o movimento pentecostal e impulsiona o seu crescimento.

Princípio distintivo 4: Diversidade cultural

Pluralidade também faz parte da identidade da música dessa igreja tipicamente brasileira. Talvez esse princípio seja o mais controverso. A revisão dos conceitos de sacralidade pelas lideranças da AD seria fundamental para a sua assimilação. Pois, aceita por sua instituição, ou não, a identidade musical estilística da AD brasileira é não ter identidade estilística. Ou, melhor definindo: uma das características da identidade musical da AD brasileira é sua diversidade cultural.

Por influência dos seus próprios fundadores, a mensagem do evangelho pentecostal assembleiano é pregada musicalmente pelo som do povo, cantada na

voz do povo, acompanhada por instrumentos do povo, adaptando-se à região, à cultura e à faixa etária de seu povo. Cada AD no Brasil parece possuir um estilo próprio. E dentro de uma mesma congregação, num mesmo culto, há rica diversidade musical: desde solos à *capela* a apresentações de uma orquestra completa; desde hinos históricos a “sucessos” recém-lançados; desde rock a sertanejo universitário. Lutar contra essa diversidade é lutar contra a própria essência fundante da AD. Radicalizar uma comunidade pentecostal aos extremos da petrificação dos hinos antigos (em favor de uma suposta tradição) ou à banalização da música midiática (em defesa de uma contemporização) é descaracterizá-la com a sua matriz pentecostal brasileira.

As mensagens das músicas precisam ser recontextualizadas tanto para alcançar as novas gerações como, também, para perpetuar as lembranças de uma tradição. Fundir o melhor do ontem com o melhor de hoje, gerando algo inteiramente novo durante esse processo,⁵⁰⁶ reforça a identidade confessional de forma mais ampla e coerente.

O perigo dessa diversidade musical numa liturgia recai, principalmente, na falta de relevância na disputa estética entre grupos e estilos. Por isso, essa liberdade estilística deve vir fundamentada nos demais princípios distintivos, que repousam sobre a teologia, a missão e a espiritualidade de sua confessionalidade, para que essa pluralidade estilística não seja mais nociva do que benéfica.

Nasce a partir desses princípios, o ideal de ecletismo litúrgico-musical como identidade litúrgico-musical de uma igreja pentecostal que deseja cantar, tocar e crescer.

⁵⁰⁶ MORGENTHALER, 2006, p. 233.

REFERÊNCIAS

1. Livros e trabalhos acadêmicos

A BÍBLIA Viva. 8. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

ALBRECHT, Christoph. A música no Culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciências Litúrgicas**: História e forma do culto. São Leopoldo: Sinodal/CRL, 2013. v. 2, p. 329-362.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias de Deus**: Origem, Implantação e Militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleias de Deus 1911-2011. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

_____. **Protestantismo Tupiniquim**: hipóteses de (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. 3. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ANDRADE, Claudionor Correa de. **Manual da Harpa Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BAGGIO, Sandro. **Música Cristã Contemporânea**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

BASDEN, Paul. **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

BEST, Harold. Adoração Tradicional com Hinos. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

CARVALHO, Éder. **Repensando o nosso louvor**: O ministério de louvor na cultura pentecostal clássica. Blumenal: Volante Comunicações, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COELHO, Nilton Didini. **Manual do Líder de Louvor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus**: ministérios, carisma e exercício de poder. São Paulo: Fonte Editora, 2013.

_____. **Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus:** Um estudo a partir da igreja do Bom Retiro em São Paulo. São Paulo: PUC, 2006. (Dissertação de Mestrado)

_____. Igrejas Assembleias de Deus: conservadorismo ou modernidade? In: OLIVEIRA, David Mesquiat de (Org.). **Pentecostalismo e transformação social.** São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“Vinho novo em odres velhos”:** Um olhar comunicacional sobre a explosão *gospel* no cenário religioso evangélico brasileiro. São Paulo: USP, 2004. p. 196-200. (Tese de Doutorado)

DICKIE, Robert L.. **O que a Bíblia ensina sobre Adoração.** Tradução de Gordon Chown. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007.

DOLGHIE, Jacqueline Z.. **Por uma Sociologia da produção e reprodução musical do Presbiterianismo Brasileiro:** a tendência Gospel e sua influência no culto. Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. (Tese de Doutorado)

DREHER, Sofia Cristina. Música: veículo de resgate e transformação comunitária e social. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

EBERLE, Soraya Heinrich. **Cantar, contar, tocar...** A experiência de um Grupo de Louvor como possibilidade para a formação teológico-musical de jovens. São Leopoldo: EST, 2012. (Tese de Doutorado)

_____. Ensaio como Espaço de Formação: uma riqueza a ser descoberta. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

_____. **“Ensaio pra quê?”:** reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de louvor e adoração como agente e espaço formador teológico-musical. São Leopoldo: EST, 2008. (Dissertação de Mestrado)

EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

FREDERICO, Denise de Souza. **A Música na Igreja Evangélica Brasileira.** Rio de Janeiro: MK Ed., 2007.

_____. **Cantos para o culto cristão.** São Leopoldo: Sinodal, 2001. (Teses e Dissertações, 16)

GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: dádiva e compromisso! In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar.** São Leopoldo: Sinodal, 2010.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil.** Tradução de Antônio Gouvêa Mendonça. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2011.

HOCH, Lothar Carlos. Espiritualidade e personalidade. **Estudos Teológicos**, [S.l.], vol 23, n. 2, p.155, 1983.

HORNESS, Joe. Adoração Contemporânea. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show? Críticas e defesas de seis estilos de culto.** Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

_____. Resposta da Adoração Contemporânea. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show? Críticas e defesas de seis estilos de culto.** Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

ILLENSEER, Louis Marcelo. Criação Musical na Igreja: processos inclusivos de composição, arranjo e interpretação musical. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar.** São Leopoldo: Sinodal, 2010.

KAUFLIN, Bob. **Louvor e Adoração.** Curso Vida Nova de Teologia Básica. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2011.

KESSLER, Nemuel. **O culto e suas formas.** Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

MORGENTHALER, Sally. Resposta da Adoração Emergente. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show? Críticas e defesas de seis estilos de culto.** Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

NOLAND, Rory. **O Coração do Artista.** Tradução de Jorge Camargo. São Paulo: W4 Editora, 2007.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. **Teologia do Obreiro: o ministério, suas qualificações e seu exercício.** 4. ed. Campinas: EETAD, 2002.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia.** Tradução de Lawrence Olson. 23. ed. Belo Horizonte: Editora Vida, 1996.

RAMOS, Luiz Carlos. **Os “corinhos”:** uma abordagem pastoral da hinologia preferida dos protestantes carismáticos brasileiros. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996. (Dissertação de Mestrado)

ROYER, Gary Luther. **Missiologia: ide pregai.** 4. ed. Campinas: EETAD, 2002.

SCHALK, Carl F. **Lutero e a Música: Paradigmas de louvor.** São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SHEDD, Russell. **Adoração Bíblica**: os fundamentos da verdadeira adoração. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. Conceito, histórico e estado da pesquisa. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciências Litúrgicas**: História e forma do culto. São Leopoldo: Sinodal/CRL, 2011. v. 1, p. 21-59.

SILVA, João Marcos da. **“As feias (e os feios) que me desculpem, mas beleza é fundamental”**: o uso contemporâneo da imagem e sua influência na mudança nos paradigmas estáticos utilizados na música “*gospel*” no Brasil. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA FILHO, João A. **O Livro de Ouro do Ministério de Louvor**. São Paulo: Z3 Editora, 2010.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Cantai e Multiplicai-vos...**: Estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo brasileiro. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011. (Dissertação de Mestrado)

_____. **Música sacra, mas nem tanto...**: a história das origens da música sacra no Brasil e o equívoco no conceito de sacralidade musical. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

SOUZA, Mauro Batista. **Prédica e Música**. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

STAMPS, Donald C.. **Dons Ministeriais para a Igreja**. In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Flórida: CPAD, 1995.

WESCHENFELDER, Ana Paula. **Uma proposta para a administração da música na igreja evangélica**. Florianópolis: UFSC, 2008. (Trabalho de Conclusão de Estágio)

WHITE, James F. Culto em contexto de igrejas livres e do movimento carismático. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans Christoph, MEYER-BANK, Michael, BIERITS, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciência Litúrgica**. São Leopoldo: Sinodal/CRL, 2011. v. 1, p. 267-279.

WEBBER, Robert. **Adoração Combinada**. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

WILLIAMS, Don. **Adoração Carismática**. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

_____. Resposta da Adoração Carismática. In: BASDEN, Paul (Org.). **Adoração ou Show?:** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Editora Vida, 2006.

WITT, Marcos. **O que fazemos com estes músicos?** São Paulo: W4ENDOnet Comunicação, 2000.

VOLKMANN, Martin. Edificação de Comunidade. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.

_____. Teologia Prática e o Ministério da Igreja. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina.** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. Teoria e Prática do Ministério de Música. In: EWALD, Werner (Org.). **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

_____. **Música Teológica.** São Leopoldo: EST, 2005. (Dissertação de Mestrado)

2. Publicações periódicas e documentos obtidos por meio eletrônico

A GRANDE Transformação do Campo Religioso Brasileiro. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line. São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 2.

ASSEMBLEIA de Deus: um dos principais berços da música erudita no Brasil. **Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, ano 81, n. 1513, p. 23, Junho, 2011.

ATÉ onde tivesse Correios: Projeto de expansão da igreja em SC vira ditado popular no Brasil. **Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, ano 71, n. 1388, p. 9, Junho, 2001.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Novo mapa religioso brasileiro: Algumas características. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 24-26.

CONGRESSO de Musicistas Assembleianos: Evento das ADs em Rondônia enfoca vida cristã e produção musical. **Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, ano 85, n. 1561, p. 23, Junho, 2015.

COSTA, José Wellington Bezerra da. Identidade da Assembléia de Deus. **Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, ano 75, n. 1439, p. 2, Abril, 2005.

_____. “Preservem nossa identidade e doutrina”. **Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, ano 70, n. 1354, p. 7, Janeiro, 2000.

_____. Por que não mudamos? **Mensagem da Paz**. Rio de Janeiro, ano 70, n. 1361, p. 2, Maio, 2000.

COSTA, Paulo Roberto Freire da. É certo louvar com rock? **Mensagem da Paz**. Rio de Janeiro: CPAD, ano 75, n. 1441, p. 15, Junho, 2005.

CRESCER igreja pentecostal no Brasil: AD é fundada sob curas, milagres, maravilhas, conversões e lutas. **Mensagem da Paz**. Rio de Janeiro, ano 71, n. 1388, p. 4, Junho, 2001.

DE PAULA, Robson Rodrigues. O mercado da música gospel no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. **UNIABEU**, v. 5, n. 9, p. 141-157, jan./abr. 2012.

Disponível em:

<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/370/pdf_145> Acesso em: 05 nov. 2014.

DICIONÁRIO Global. Disponível em:

<<http://www.dicionarioglobal.com/portugues/100286-indigenizacao>> Acesso em: 28 jan. 2015.

DOLGHE, Jacqueline Ziroldo. A Igreja Renascer Em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.201-220, outubro de 2004. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2273/978>>

Acesso em: 05 nov. 2014.

ENCONTRO Nacional de Bandas em MG: Igreja em Uberlândia recebeu evento deste ano; próximo será em Palmas. **Mensagem da Paz**. Rio de Janeiro, ano 81, n. 1517, p. 7, Outubro, 2011.

ÉTICA e identidade assembleiana. **Mensagem da Paz**. Rio de Janeiro, ano 75, n. 1440, p. 2, Maio, 2005.

FAVARO, Thomaz. Os evangélicos dão o tom: As igrejas evangélicas tornaram-se os novos celeiros de músicos eruditos no Brasil. [S.l.]: **Veja**, ano 40, n. 22, p. 104-106, Junho, 2007. Disponível em:

<<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32472?page=104§ion=1>>

Acesso em: 24 mai. 2016.

FELICIANO, Marcos. **Anjos, música, Deus vs Lúcifer**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OIYAdkw_JD8> Acesso em: 02 jul. 2015.

FONSECA, André Dioneu. São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas convenções gerais das Assembléias de Deus no Brasil (1930-1980). In: **Sacrilegens** - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF. Disponível em

<<file:///C:/Users/user/Documents/ALEX/1.%20Mestrado/Teses%20e%20disserta%C3>

%A7%C3%B5es/debate%20sobre%20a%20normatiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20usos%20e%20costumes.pdf> Acesso em: 19 mai. 2016.

GALVÃO, Helder Corrêa. Harpa Cristã, atravessando fronteiras. **Pentecostes**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 3-6, 2000.

GILBERTO, Antônio. Ética Cristã: Os músicos e o uso dos instrumentos. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 74, n. 1426, p. 15, Março, 2004.

HARPA Cristã: o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 81, n. 1513, p. 12, Junho, 2011.

IGREJA cria orquestra em comunidade carente: Trabalho é desenvolvido por congregação da AD em Curitiba. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 86, n. 1570, p. 23, Março, 2016.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. Reflexões sobre a “corinhologia” brasileira atual. **Boletim Teológico**, n.14, p. 53-63, 1991.

LIMAS, Paulo Cesar. **O mito do Querubim Ungido**. Disponível em: <<http://rev-paulocesarlina.blogspot.com.br/2010/08/o-mito-do-querubim-ungido.html>> Acesso em: 15 mai. 2016.

LOPES, José Rogério. As religiões segundo os dados do Censo 2010: desafios e perspectivas. **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On-Line**, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 18-21.

MARIS, Cecilia Loreto. Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião. **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On-Line**, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 22-23.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. **Revista da ABEM**, n. 23, p. 67-74, março 2010. Disponível em: <http://repositorio.uscs.e.br/bitstream/123456789/210/2/revista23_texto8.pdf> Acesso em: 05 nov. 2014.

MARTINS, Rubens Telles. Lúcifer, Ministro de Música no Céu? Sério? **Blog Os Verdadeiros**. Disponível em: <<https://verdadeiros.wordpress.com/2012/12/22/lucifer-ministro-de-musica-no-ceu-serio/>> Acesso em: 02 jul. 2015.

MATOS, Alderi Souza. Liturgia e culto: Reflexões à luz das escrituras e da história cristã. **Ultimatoonline**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/322/liturgia-e-culto-reflexoes-a-luz-das-escrituras-e-da-historia-crista>> Acesso em: 12 mai. 2016.

_____. O Sacerdócio Universal dos Fiéis. Reforma Protestante. **Portal Mackenzie**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6967.html>> Acesso em: 17 jun. 2015.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. O evangelho Segundo o gospel: mídia, música pop e Neopentecostalismo. **Revista do conservatório de música**, Pelotas, n.1, p. 220-249, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/viewFile/2442/2289>> Acesso em: 05 nov. 2014.

MENEZES, Renata. Censo 2010, fotografia panorâmica da vida nacional. **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On-Line**, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 10-13.

MESQUITA, Antônio. Músicas sacras dão espaço ao profano. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro: CPAD, ano 78, n. 1471, p. 16, Dezembro, 2007.

MÚSICA sacra erudita: Orquestra Filarmônica Evangélica ganha notoriedade no país. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 79, n. 1491, p. 23, Agosto, 2009.

O CRESCIMENTO assombroso das Assembleias de Deus no Brasil e suas razões. **Ultimatoonline**. 331. ed. Julho-Agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/o-crescimento-assombroso-das-assembleias-de-deus-no-brasil-e-suas-razoes>> Acesso em: 19 abr. 2016.

OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária de. A indumentária e os usos e costumes defendidos pela Igreja Assembleia de Deus (1975-1999). **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Natal, 22-23 jul. 2013. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364738946_ARQUIVO_ANPUHNACIONAL2013.pdf> Acesso em: 22 mai. 2016. p. 17.

OMNI, Junior. **Lúcifer – o Maestro Caído**: origem, queda e juízo eterno. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/contos/2434996>> Acesso em: 02 jul. 2015.

O MOTIVO pelo qual cantamos: A AD é uma das igrejas que mais louvam e estimulam o louvor a Deus. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 71, n. 1402, p. 8, Março, 2002.

OS ASSEMBLEIANOS não podem sobrecarregar demais e os outros não podem aliviar demais. **Ultimatoonline**. 331. ed. Julho-Agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/os-assembleianos-nao-podem-sobrecarregar-demais-e-os-outros-nao-podem-aliviar-demais>> Acesso em: 19 abr. 2016.

PIONEIRISMO. **Portal CPAD**. Disponível em: <<http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>> Acesso em 14 abr. 2016.

RHODEN, H. Robert. A adoração na Igreja: Sete axiomas que toda igreja deve adotar para alcançar o máximo potencial na adoração. **Obreiro**, Rio de Janeiro, ano 25, n. 23, p. 49-52, 2003.

SANCHIS, Pierre. Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas. **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On-Line**, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 5-7.

SANTANA, Mário Sergio de. Reportagem sobre a AD em 1945: Jornalistas seculares da época mostram como era a Assembleia de Deus. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 86, n. 1569, p. 15, Fevereiro, 2016.

SILVA, Marcos Antônio. **O grande conflito começou no céu por causa da música**. Disponível em:
<http://www.adventistas.com/marco2001/grande_conflito_musica.htm> Acesso em: 02 jul. 2015.

SOARES, Esequias. Curso de Apologética Cristã – 5ª Parte: Sutileza doutrinária no campo litúrgico. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 78, n. 1482, p. 21, Novembro, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados. **Revista do Instituto Humanista Unisinos** – IHU On-Line, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. p. 14-17.